

Série
Amarras
Livro 1

nas
AMARRAS
do
AMOR

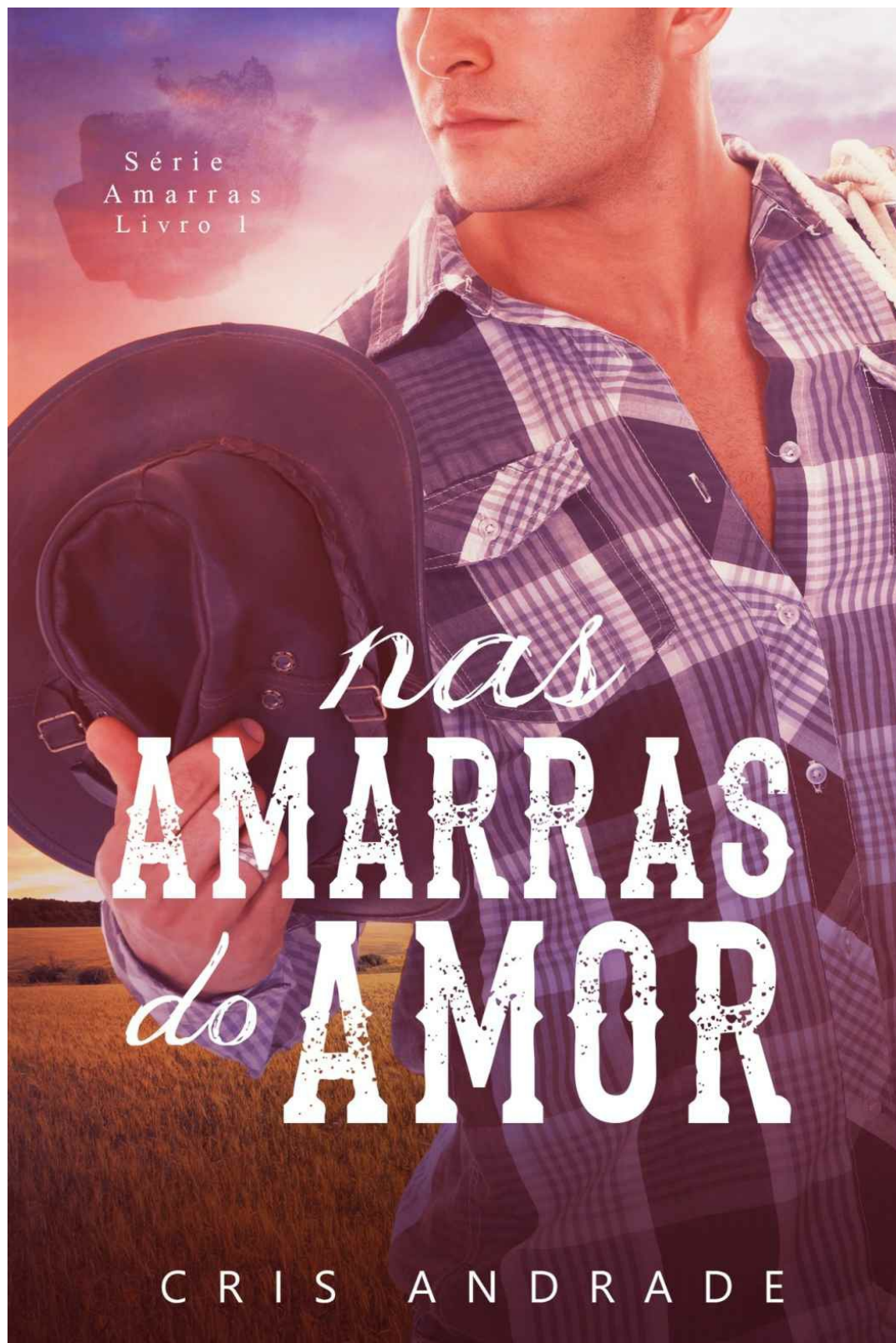
C R I S A N D R A D E



PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



nas
AMARRAS
do **AMOR**

C R I S A N D R A D E

PERIGOSAS ACHERON

Sumário

[Sinopse](#)

[Prefácio](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16 - Parte I](#)

[Capítulo 16 - Parte II](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

PERIGOSAS NACIONAIS

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Epílogo](#)

[Nota das Gêmeas](#)

[Próximo livro da série](#)

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

[Outros Títulos da Autora](#)

[Redes Sociais](#)

PERIGOSAS ACHERON

Sinopse

Paul ama Ana, o casal planeja se casar, porém por culpa de uma atitude impensada de seu irmão gêmeo os planos são esquecidos.

Ele acredita que Ana o traiu e mesmo com dúvidas rondando sua cabeça, prefere acreditar no irmão ao invés de buscar as respostas que sua amada quer lhe dar.

Anos depois, a verdade prevalece. E agora, o que eles devem fazer?

Paul quer o perdão. Ana deve perdoá-lo?

Toda essa trama é narrada pelas filhas do casal que já adultas ficaram sabendo de tudo que aconteceu no passado dos pais e resolveram pôr no papel, transbordando amor e diversão mesmo em meio a toda confusão da família.

PERIGOSAS NACIONAIS

Prepare-se para rir, chorar e se apaixonar
com essa louca e divertida família!

PERIGOSAS ACHERON

Prefácio

— Oi, pessoal, aqui quem fala é a Juliene.

— E a Bianca. Somos irmãs.

— Gêmeas... Às vezes isso pode parecer um fardo, mas não é. Nós nos amamos.

— Apesar das brigas, vale salientar. Tudo bem com vocês?

Elas sorriem, trocando um olhar cúmplice.

— Chega de enrolação, Bia. As pessoas estão bem e querem um novo romance pra ler — diz Juliene. — Estamos aqui porque temos uma história para contar.

— Isso mesmo. A história de amor dos nossos pais. — Os olhos de Bianca brilham ao falar. Tão romântica.

— E todo o drama vivido por eles, porque são dois "*cabeças duras*" — ressalta Juliene.

— Se não fosse por nós...

— Não conta ainda, Bia — adverte a irmã.
— Vamos começar como se deve, contando tudo desde o começo. Apesar de que tenho raiva do papai no começo, mas tudo bem.

— Ele estava magoado e cego de ciúmes, Ju. — defende Bianca.

— Não bote panos quentes, Bia. — Juliene revira os olhos. — Só mais um detalhe, pessoal. Como dissemos, nós duas que vamos fazer à narrativa. Porém, no decorrer dos capítulos pode ser que algum outro personagem se intrometa e conte sua versão dos fatos. Agora, vamos lá, deliciem-se com este romance quente de um cowboy teimoso e uma mulher extraordinária.

— Não "baba" a mamãe, Ju, papai também

é perfeito, mesmo com seus defeitos — reclama Bianca.

— Verdade. Se ele não fosse nosso pai, daria em cima dele fácil. — diz só para deixar a irmã horrorizada, o que consegue com facilidade.

— Senhor... Vamos ao que interessa. Fiquem agora com: *Nas Amarras do Amor*.

Capítulo 1

ARIZONA, 1998

— Como assim fugir? Me explica o que está acontecendo Paul, por favor!? — Ana boceja, ela está morrendo de sono. — E... O que houve com seu cabelo? Por que o cortou?

— Ana, cortei para não sermos identificados com facilidade. Querida, não temos muito tempo. Se o seu pai escuta o barulho que estamos fazendo, estaremos ferrados. — Ele se aproxima e beija de leve sua testa, sem olhá-la nos olhos. — No caminho eu te explico tudo. Anda logo, linda.

É madrugada e seu namorado está dizendo que eles precisam fugir rápido, Ana não consegue

PERIGOSAS ACHERON

entender nada. Ele chegou à sua casa batendo na janela do seu quarto, como de costume e quando abriu ele soltou essa bomba em cima de dela. Agora, está andando de um lado para o outro depois de ter jogado uma mala que tinha trazido consigo sobre a cama, ter aberto seu armário e jogado algumas peças de roupas dentro. Ele está muito nervoso, estranho e perdido num ambiente que lhe deveria ser familiar.

Ana franze o cenho.

— Mas, por que isso agora? Paul, eu estou assustada.

Não tinha muitas horas que ele havia saído daquele mesmo quarto onde se entregaram a ardente paixão que existe entre eles. Ele para de andar, coloca as mãos na cintura e bufa impaciente, mas não a olha.

— Ana, presta atenção: nossos pais são

PERIGOSAS NACIONAIS

contra nosso relacionamento e não aceitam o amor que sentimos um pelo outro, talvez nunca aceitem. Chegou a hora de decidirmos essa situação. Arrume essa mala e vamos embora, no caminho eu explico meus planos para nós e tudo vai ficar bem, eu prometo.

Ana olhou a cena com desconfiança, mas estava sentindo o corpo um pouco pesado de sono e cansaço. Vinha sentindo isso há um tempo e não sabia o que podia ser, talvez estivesse prestes a pegar um resfriado. Mesmo assustada e confusa ela arrumou tudo rapidamente, colocando apenas coisas de extrema necessidade diante da pressa.

Saíram como dois fugitivos, no meio da noite, sem avisar a ninguém e levando apenas o essencial. Ela apenas deixou um bilhete para sua mãe sobre sua escrivania.

Ana que estivera sonolenta acabou

PERIGOSAS ACHERON

adormecendo no banco do carona da caminhonete, assim que saíram da fazenda. Ela começou a despertar quando eles enfim estavam na estrada um pouco afastados de tudo e de todos. Confusa pediu explicações ao namorado.

— Vai me falar agora qual é o seu plano e por que não me disse nada antes? Eu poderia ter arrumado as coisas com mais calma, conversado e pedido ajuda pra mamãe. Sabe que mesmo sendo contra fugir assim, ela não nos deixaria sem apoio algum — disse exasperada.

O homem ao seu lado ficou visivelmente tenso, apertando o volante com força. Engolindo em seco ele começou a se explicar.

— Ana, eu... Eu não sou o Paul.

Alarmada, Ana riu em descrença, olhou na direção dele.

— O quê? Como assim não é o Paul? Claro

que é.

Que absurdo era aquele? Ela achava que Paul tinha enlouquecido ou bebido, já que estava tão nervoso, começava a pensar que tinha errado em fugir assim na calada da noite sem planos concretos.

— Sério mesmo que não sou diferente dele em nada? — lamentou ele praticamente gritando.

Ela voltou seu olhar para a estrada e pensou, aos poucos a realidade começou a clarear em sua mente. Mas ela não queria acreditar.

“Oh Não! Mas, como?”, pensava ela confusa.

“O irmão de Paul estava na Carolina do Norte estudando, não estava?” Não, isso não podia ser verdade.

Ana não conseguia acreditar que havia sido enganada pelo seu cunhado, que é irmão gêmeo de
PERIGOSAS ACHERON

Paul.

Eles são gêmeos idênticos, mas somente na aparência, pois por dentro são completamente diferentes. Enquanto Paul é amável e responsável, Charlie é um grosso e inconsequente.

Eles cresceram juntos, estudaram no mesmo colégio. Quando criança eles eram mais próximos, porém que na adolescência Charlie foi mudando e se tornando o ser desprezível que é hoje e, assim, Ana se afastou dele por completo. Aos poucos Paul foi se aproximando mais e mais, mostrando que sempre gostou dela. Paul e Ana namoram há três anos e planejam se casar... foi então que tudo mudou.

Ana soltou um grito desesperado. Não podia ter sido enganada assim. “*Oh, Paul vai ficar muito irritado com tudo isso.*”

— Oh meu Deus! Não, eu não posso

acreditar nisso. Isso só pode ser um pesadelo — dizia ela com as mãos por entre os cabelos e balançando a cabeça de um lado para o outro.

— Não querida, não é — falou ele num tom sarcástico. — E eu sou de carne e osso, posso te mostrar mais tarde.

— Para a droga do carro agora, Charlie! — esbravejou ela.

— Ana, você gostava de mim — começou a falar num sussurro.

— Gostava sim. Mas você mudou tanto, eu não te conheço mais. O que diabos pensa que está fazendo me sequestrando? Para a porra do carro, agora. — gritou mais uma vez seu pedido.

— Não vou parar droga nenhuma... Nós vamos embora... — disse como se estivesse alucinado. — Eu Te Amo, Ana! Sempre te amei, eu fui me descontrolado, admito. Não aguentava ver

PERIGOSAS NACIONAIS

você ficando cada dia mais linda, chamando a atenção de outros caras, sendo cobiçada por eles, recebendo presentinhos. Você estava gostando e nem ligando mais pra mim.

— Ficou louco? Nós éramos amigos, eu sempre amei você como amigo. Nunca te dei esperança de nada mais que isso. E só aceitei presentes do seu irmão, meu namorado — defendeu-se.

— Não, nunca me deu esperança. Você nunca me deu a porra de uma chance. E eu sempre estive ali pra você.

Charlie já estava descontrolado, batendo no volante com raiva. Vendo isso, Ana resolveu tentar acalmar a situação maluca em que estava.

— Pare o carro, Charlie — pediu com a voz mansa. — Vamos conversar com calma.

Porém ele não a ouvia, estava focado na

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estrada. Ela olhou de ao redor e sem esperar por uma boa atitude vindo da parte Charlie, Ana simplesmente agarrou a direção e lutou com ele. O carro perdeu o controle na pista, mudando de faixa como um louco.

Um caminhão que vinha no sentido contrário chocou-se contra o carro em que eles estavam. O veículo capotou diversas vezes. Por sorte, Ana usava o cinto de segurança e se salvou, seu cunhado, Charlie, não teve a mesma sorte.

Depois dessa noite as coisas não foram às mesmas para Ana, sua vida virou de ponta cabeça.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 2

Ao abrir os olhos um clarão lhe incomodou, uma luz tão forte que tornou a fechá-los.

Ana está deitada em uma cama desconfortável de hospital, bastou alguns segundos escutando os sons de *bips* para ela ter essa certeza. Seu corpo inteiro doía, sua garganta está seca e ela não se lembra exatamente do que aconteceu para estar ali.

Sabia que estava em um carro a caminho de algum lugar, com ele e... Alguns *flashes* nublavam sua mente, mas nada concreto. Somente que...

Oh Deus! O caminhão... Um caminhão enorme surgiu à nossa frente... O carro capotou e caiu num buraco.

Paul ou não era ele!? Sua mente estava
PERIGOSAS ACHERON

confusa e não conseguia distinguir o certo do errado.

— Paul — mesmo com a boca seca ela gritou por ele, sua garganta ardeu com o esforço.

Uma tosse seca começa a lhe incomodar e ela levantou sua mão livre do soro, que está preso a sua veia, para colocar sobre a boca e só então percebeu que alguém a segurava firmemente e havia soltado com brusquidão. Ela abriu os olhos ignorando o incômodo da luz e o viu... De pé ao lado de seu leito.

— Estou aqui. Fica calma.

A voz passa um pouco de calma para o seu ser, assim como ele pediu.

Paul havia ficado feliz por ela finalmente ter despertado, depois de quatro longos dias. Dois haviam sido em coma induzido.

— Paul — sussurra seu nome com puro

alívio. Seus olhos se enchem de lágrimas.

— Como se sente? Está com alguma dor?

Os olhos dele estão vermelhos e transbordam preocupação.

— Você está vivo... Está bem. Graças a Deus! — fala emocionada por vê-lo bem.

— Sim, estou vivo. Bem, já é outra questão. Eu vou chamar o médico para verificar você — responde frio, não existem mais resquícios do homem calmo e emocionado de antes.

Sem dizer mais uma palavra sequer, ele sai por uma porta que só agora Ana vê.

Olhando ao redor ela tem a completa confirmação de que está mesmo em um hospital. O quarto é frio e estéril. Tem um suporte com o soro preso em seu braço, uma máquina monitora seus batimentos cardíacos. Suas costelas doem, seu pé está com gesso e pendurado num apoio. Sua cabeça

também dói. Pelo visto não estava tão bem quanto ele, pensou ela ironicamente.

Ao lado de sua cama tem uma poltrona que está bem próxima dela. Paul estive acampado ali desde o momento em que Ana foi instalada naquele quarto.

Ela se perguntava o que deu em seu amado. Ana não sabia os motivos, mas ele estava estranho. Não entendia sua reação tão fria e com razão, para ela estava tudo bem entre eles.

Logo um médico entra juntamente com uma enfermeira, Paul não voltou com eles. Começaram a fazer alguns testes e disseram que está tudo bem com ela e seus bebês.

Mesmo depois de já ter tomado água com ajuda da enfermeira, Ana sente que sua boca e garganta voltam a ficar seca.

— Como assim bebês? — indaga confusa.

PERIGOSAS NACIONAIS

— A Srta. está grávida, de quase 13 semanas para ser mais exato. E sim, apesar do acidente que sofreu, seus bebês, estão bem — profere o médico.

— Eu estou grávida?

Surpresa é pouco para definir o sentimento correto que ela tem no momento.

— Sim, está — afirmou ele com um sorriso acolhedor. Anotando algo em um papel e entregando para a enfermeira. — Pode aplicar os medicamentos e pedir algo para ela comer.

— Sim, senhor — anuiu a jovem que saiu do quarto em seguida.

— Medicamentos? Isso não vai fazer mal para o meu bebê? — questionou Ana preocupada.

— Não, Srta. Ana. Não se preocupe, sei o que estou fazendo. Seus bebês estão bem e vão continuar — falou o médico com calma.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Oh Deus! O senhor está dizendo bebês e não bebê?

Uma tontura lhe assalta e Ana quase desmaia.

— Sim, bebês. Tivemos que fazer um ultrassom para verificar a situação de sua gestação assim que descoberta através de um exame de sangue, o Beta HCG. É uma verificação padrão nos pacientes do sexo feminino, em idade fértil, quando dão entrada no hospital. E foi assim que vimos que sua gravidez é de gêmeos — explicou o médico bem atencioso.

— Parece que a mira foi certa, dois numa tacada só. Quanta sorte — falou Paul sarcástico ao adentrar novamente o quarto.

Ana ainda estava em choque pela notícia, mas não deixou de notar a frieza no tom de voz dele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bom, eu vou verificar seus exames e dependendo deles amanhã mesmo terá alta. Mas deve manter repouso por mais tempo. Você tem uma costela machucada e essa perna quebrada. A Srta. teve sorte em não perder os bebês, portanto muito cuidado e repouso é o recomendado.

— Não se preocupe doutor, ela será bem cuidada. Eu mesmo vou me encarregar disso — assegurou Paul.

Um sorriso discreto se insinuou nos lábios de Ana por suas palavras.

— Certo. Até mais.

O doutor Michael pegou sua prancheta e se retirou, não antes de dar uma boa olhada para o casal. Paul se aproximou, mas não fazia contato visual com ela.

“*O que ele tem?*”, Ana se perguntava a todo momento.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Paul? — chamou, mas ele parecia em outro mundo e bem distante. Após chamar uma segunda vez ele respondeu.

— Oi? Precisa de algo? — perguntou antes de se acomodar na poltrona ao lado de sua cama.

Ana tentou pegar sua mão, mas ele não deixou.

— Você pode me dizer o que aconteceu? Não estou entendendo nada. Você já sabia dos bebês?

Paul cerrou os olhos, enquanto analisava seu rosto com atenção.

— Você sofreu um acidente de carro, não lembra? E não sou eu que te devo explicações e sim você que me deve e muitas... — disse ríspido — Sim, já sei sobre os bebês. Devo dizer: meus parabéns? — suas palavras pingam sarcasmo e ironia.

PERIGOSAS ACHERON

Ana semicerrou os olhos e se ergueu um pouco tentando sentar, ele ajudou subir a cama apertando um botão e, assim, ela ficou um pouco sentada, mesmo com a perna pendurada num apoio. Seu corpo protestava um pouco, mas ela precisava disso. Olhar em seus olhos e tentar entender toda essa frieza dele.

— Peço que seja mais específico. Não estou entendendo esse sarcasmo e ironia na sua voz, sua frieza comigo. Na verdade não consigo entender muita coisa, minha mente está tão confusa. Eu lembro que tinha um caminhão... Espera, você... Não quer? Você não quer os bebês, é isso?

Pânico tomou conta de todo seu corpo, se Paul fosse contra essa gravidez ela não sabia como iria ser dali em diante.

Paul se aproximou, colocando seus cotovelos sobre seus joelhos e a encarando bem

sério. Mandíbula travada e olhos cerrados.

— Quer que eu seja claro? Ok, então. Me explica como começou seu caso com meu irmão? — disparou ríspido.

— Caso com seu irmão? Que história maluca é essa, Paul? — gritou Ana horrorizada com a acusação. Paul continuou a encará-la, incrédulo.

— Sim, não encontrei outra razão para você estar em um carro com ele fugindo na calada da noite — acusou.

— Eu não estava fugindo com ele... — berrou Ana em resposta.

— Eu vi as malas, Ana — interrompeu ele.

— Não... — Ana tentou falar, mas foi interrompida mais uma vez.

— Então me explica o que vocês dois estavam fazendo em um carro a caminho do PERIGOSAS ACHERON

aeroporto? Sabe, minha cabeça também está confusa e não consigo entender esse pequeno detalhe.

Paul era um homem de honra e caráter, mas não era trouxa e não iria se deixar ser enganado de forma tão descarada.

— Não... Eu estava com você, era você! Eu estava fugindo com você! — articula Ana, desesperada.

— Era só o que me faltava... Você nunca nos confundiu. Tente outra coisa — rosnou Paul. Ele estava furioso.

— Pelo amor de Deus para de me tratar assim — pediu ela começando a ficar nervosa e já à beira das lágrimas.

— Sério que vai dizer que confundiu nós dois? Somos muito diferentes tanto por dentro quanto por fora e você sabe muito bem disso —

disse ele um pouco mais rude do que desejava.

Foi então que Ana passou a entender um pouco suas acusações e as coisas começaram a ficar claras para ela. Ela percebeu que havia sido enganada pelo seu cunhado e foi assim que aconteceu o acidente. Lembrou-se de tudo que tinha acontecido. Um sentimento de ira tomou conta de todo o seu ser. Não somente por Charlie ter feito isso com ela, mas também com Paul que estava desconfiando dela.

— Nunca confundiria vocês — sussurrou ela.

— Isso não vem mais ao caso. Vou te levar pra casa e cuidar de você e desses bebês.

— Como assim não vem ao caso? — explodiu Ana. — É claro que vem, você está me chamando de mentirosa. Duvidando de mim. Da minha honra — gritou ela.

— Não te chamei de mentirosa. São os fatos. Não quero ouvir mais nada sobre esse assunto, não agora — falou Paul, passando as mãos no rosto.

Ele estava cansado depois de tantos dias ali. Sua cabeça não havia parado um segundo sequer, sempre pensando e repensando os momentos de amor e as declarações feitas por ambos, estava decepcionado.

— E vai simplesmente me acusar e condenar, sem chance de defesa. É isso, Paul O'Malley? — indagou ela, furiosa.

— Por enquanto, sim. — Ele sugou o ar com força. — Ana, você não pode se alterar no estado em que se encontra, já passou por um acidente grave e teve sorte de ainda estar grávida. Você ouviu o que o médico disse. E eu preciso te contar algo importante — pediu com a voz mais

mansa. Ele não queria toda aquela discussão, mas não pôde se conter ao acusá-la.

— Estou ouvindo. — Ana disse depois de suspirar e enxugar uma lágrima que escorreu pelo seu olho.

— Assim que soube do acidente e de sua gravidez... Seu pai disse que não é mais bem vinda na casa dele — contou com cautela.

Mesmo depois de tê-la deixado nervosa Paul não queria que ficasse mais ainda ao saber as novidades. Ele amava aquela mulher independente do que tinha feito e cuidaria dela e dos bebês. Nada lhes faltaria.

— O quê? — gritou Ana.

— Não se preocupe com nada. Minha família está radiante com essa gestação e... Mesmo que não estivessem eu não iria te deixar na mão. Vou cuidar de vocês — afirmou Paul com

convicção.

— Por quê, se não acredita em mim? Não preciso da sua piedade. Posso me virar sozinha — grunhiu já aos prantos.

— Não chora! — pediu ele sem saber o que fazer.

— Paul, eu realmente não estou entendendo nada do que está me falando — tentou mais uma vez. — Ele chegou lá em casa diferente... Era você, eu tinha certeza que era... E então no carro...

— Não conta mais nada — Paul praticamente suplicou. — Eu não quero ouvir nada agora.

— Mas você tem que saber a verdade — implorou ela.

— Olha, eu também não estou entendendo nada. Tenha certeza de que sou o mais perdido aqui. Mas esse não é o momento.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tudo bem. E... Onde está o Charlie? Ele pode esclarecer tudo isso num piscar de olhos — indagou enxugando as lágrimas bruscamente.

— É melhor você descansar e amanhã conversamos com calma. — Paul estava claramente desviando do assunto.

— Eu não quero esperar pra amanhã — disse entre dentes.

— Ana, você não pode se alterar...

— Eu já estou alterada, Paul.

— Ana...

— Droga. O que houve com você? — gritou ela.

— O que houve comigo? Eu fui enganado por você. Fui traído pela mulher que amo e entreguei minha vida — esbravejou Paul, mais uma vez, perdendo seu controle.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Paul, me escuta...

— Não tem o que escutar, Ana. Eu vou embora — decreta.

Paul saiu do quarto e tudo que ela fez foi chorar até dormir.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 3

Dois meses haviam se passado desde que Ana recebeu alta do hospital, ela estava hospedada na casa dos pais de Paul. Seu pai, Johnson, tinha expulsado ela de casa. Disse que não queria saber dela, que não tinha mais uma filha, que ela era uma vergonha por ter ido para a cama com um homem e ter engravidado sem se casar. Ainda mais esse homem sendo filho de seu inimigo.

Glória, mãe dela, até tentou intervir, mas só causou mais confusão quando foi visitá-la no dia seguinte, ainda no hospital. Mesmo assim ela disse que resolveria a situação, pediu que apenas tivesse um pouco de calma. Sabia que seria bem cuidada na casa dos O'Malley.

Paul a defendeu e manteve sua palavra de

que cuidaria dela, mas não como Ana esperava. Ela sentia-se um lixo por causa disso. Ele acreditava fielmente que os bebês que ela áspera a eram de seu irmão. Ana achava que não devia, mas estava sentindo uma raiva enorme de si por ter sido enganada e de todos por estarem com pena dela ou não acreditarem em sua palavra. Ela não poderia estar mais decepcionada com o rumo que sua vida havia tomado.

— Querida, você precisa comer algo. Não tomou café da manhã e tem enjoado bastante. Tem que se alimentar bem, por você e pelos bebês — disse Joseph, pai de Paul, entrando em seu quarto com uma bandeja recheada de comida. Sua boca salivou.

Os únicos que acreditam nela eram seu sogro e sua mãe. Sua sogra, Joanna, achava que o filho Charlie era um santo e só estava tratando ela

bem por causa da gravidez e porque Paul deixou claro que ninguém a trataria mal.

Joanna não gostou nada de Ana estar destruindo a imagem do seu filhinho querido. Era Deus no céu e Charlie na terra, para ela.

— Obrigada, Joseph. Não sinto vontade nenhuma de comer, mesmo essa bandeja estando linda e apetitosa. Mas sei que devo, pelos meus filhos. Eles, sim, estão famintos. — Sorriu carinhosamente para ele.

— Isso. Seja forte por eles. Não se preocupe que uma hora aquele moleque cabeça dura vai enxergar a verdade — afirmou.

— Não sei se quero mais que ele enxergue. Talvez seja melhor assim. Logo eu vou dar um jeito na minha vida e vou embora daqui — garantiu ela.

— Não mesmo. Você é muito bem vinda em minha casa. Não se preocupe com nada, no que

depende de mim nada irá lhe faltar, nem aos bebês. Nem mesmo carinho e atenção.

Ana começou a chorar, era tudo que ela queria ter recebido ao menos de seu pai. Mas nem mesmo ele quis acreditar nela, ainda mais que ela tinha se envolvido com um dos filhos do homem que tanto odeia. E olha só que ironia, esse mesmo homem a tratava como uma filha. Havia lhe dado abrigo e cuidava dela com muita dedicação e carinho.

— Obrigada! Muito obrigada.

— Sempre gostei de você, menina. Quando meu filho me disse que estavam namorando fiquei muito feliz. Você é uma moça de ouro. Foi bem criada e educada pela sua mãe. Seu pai vai abrir os olhos também e logo vai estar mandando que volte para casa. Mas saiba de uma coisa. — ele fez uma pausa a olhando.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pode falar.

— Só precisa ir se quiser. Ninguém leva você daqui a força. — Ana sorriu.

— Ele não vai fazer tanta questão assim de me ter em casa novamente.

— Tenho certeza de que vai sim. Sua mãe não vai deixar isso quieto.

— Verdade. Ela é tinhosa quando quer algo — comentou saudosa.

— Pois bem. Eu sei que ela terá você de volta em casa.

— Vocês se conhecem há tanto tempo assim? Não entendo essa implicância do meu pai com o senhor.

— Senhor está no céu. E sim, nos conhecemos desde a infância. Longa história.

— Quem sabe um dia não me conte —

PERIGOSAS ACHERON

sondou.

— Quem sabe. Agora trate de alimentar meus netos — disse Joseph sorrindo.

— Ou netas.

— Ou netas! Você tem consulta hoje, não é mesmo?

— Sim. — Ana começou a comer pela salada de frutas. — Às 14hrs.

— Infelizmente não poderei acompanhá-la. Tenho uns compromissos que não posso adiar e nem mandar ninguém em meu lugar — lamentou ele.

— Tudo bem. Eu posso ir sozinha — falava Ana, quando foi interrompida.

— Eu vou acompanhá-la! — disse Paul, assim que entrou no quarto sem nem mesmo bater na porta e ouvindo o final da conversa. O corpo de Ana se retesou por inteiro ao ouvir a voz dele.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não precisa, obrigada — proferiu Ana, sem olhá-lo nos olhos.

— Ótimo. Paul vai com você, não vou permitir que vá sozinha, filha — falou Joseph, tentando cortar logo o clima ruim que se instalou no quarto.

— Obrigada, Joseph. Mas eu posso ir sozinha. Posso cuidar de nós.

Ana foi taxativa, enquanto alisava a barriga já pouco protuberante de cinco meses. Se tudo desse certo saberia o sexo dos bebês naquela tarde e ela estava muito ansiosa por isso.

— Querendo ou não, eu vou e ponto... Pai, pode nos dar licença um minuto — pediu Paul.

Joseph o olhou, desconfiado. Eles não podiam ficar juntos no mesmo ambiente por dois minutos sozinhos que no fim Ana sempre chorava por alguma coisa que Paul tenha dito ou feito.

PERIGOSAS ACHERON

— Filho se você...

— Não vou fazer nada para magoá-la. Prometo.

E como ele sempre cumpria o que prometia, o pai anuiu.

— Tudo bem, Joseph. Não me abalo mais — disse Ana altiva.

Ela tentava se manter forte na frente de todos e só chorava na hora de dormir, ou até dormir. Não se permitia mais fazer isso na frente de ninguém, tinha que ser forte por seus bebês. No início quando Paul era frio com ela não conseguia segurar-se e debulhava-se em lágrimas.

Paul sempre a escutava chorar, mas não cedia a vontade que tinha de ir consolá-la. Ele sabia ser o motivo de suas lágrimas, além de tantos outros. Mas não conseguia acreditar nela, ainda mais depois de ter recebido uma carta de seu irmão,

PERIGOSAS NACIONAIS

dias após o acidente. Ela só confirmou suas suspeitas de que estavam juntos e o enganavam. Paul já estava começando a ver que sua Ana jamais o enganaria, mas a carta foi o fim para ele. Não havia deixado de amá-la, mas não confiava mais nela. Tinha entregado o seu amor e foi traído da pior forma. O único contato que queria ter com Ana era para cuidar dela nesse momento e depois se dedicar aos bebês que eram inocentes no meio de toda essa confusão e mereciam ter uma figura masculina fazendo parte de sua criação. Ele iria participar ativamente da criação deles e ninguém o impediria.

— Bom, eu tenho mesmo que ir. Alguns fornecedores me esperam. — E assim, Joseph se foi deixando os dois sozinhos.

Ana tentava se manter impassível e comia tranquilamente desconhecendo a presença dele ali.

PERIGOSAS ACHERON

— Não precisa ir. Como disse, posso cuidar de nós três sozinha. — reafirmou, comendo sua salada de frutas.

Ela estava sentada à mesa que tinha na varanda de seu quarto, que era bem amplo e ventilado, por sinal. Ela tinha seu próprio banheiro também.

Paul semicerrou os olhos.

— Eu falei que vou e não quero discussões sobre isso. — Ana bufou e ele continuou ignorando sua má criação — Vim saber se está bem. Notei que não acordou bem disposta hoje. Ainda com enjoos?

— Não tem porque se preocupar com isso, O'Malley — proferiu ríspida.

— Você pode, por favor, olhar pra mim? — pediu ele, exasperado. Já estava ficando cansado de ser ignorado por ela, isso tinha que acabar. Ana não

PERIGOSAS NACIONAIS

o olhou e ele teve que fazer aquilo. — Ana, olha pra mim agora!

Abrindo um parêntese... Paul é um dominante, quando ele chega num ambiente é notável sua postura de comando. Todos o obedecem com facilidade. Ana não é imune a isso, pelo contrário, apenas com o mais simples dos comandos e ela obedece. Principalmente porque ele sempre a dominou na cama. Ele não é do tipo que usa chicote e tudo mais, para ele essas coisas não dão prazer. Paul gosta de ter uma mulher a sua mercê com suas habilidades na cama.

PERIGOSAS ACHERON

— *Isso é tão... Excitante.*

— *Ju, pelo amor de Deus — reclama Bianca.*

— *Ah, irmãzinha. Esqueça seus pudores, nesse livro tem que ter sexo.*

— *Sim, eu sei... Mas ele é nosso pai.*

Bianca esconde o rosto entre suas mãos, fazendo com se sua gêmea sorria muito.

— *Ok. Depois pedimos a mamãe para que narre essas cenas — sugere Juliene.*

— *Ótimo, agora podemos voltar a narração.*

— *Claro. Essa parte é linda.*

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 4

Ana levantou os olhos para ele assim que o comando saiu de seus lábios. Paul não conseguiu esconder seu sorriso de satisfação, *ela ainda era sua*, pensou. Confuso piscou os olhos e ignorou esse pensamento.

— O que você quer, O'Malley? — disparou ela, o enfrentando sem se abalar com os tremores que seu corpo sentia.

Ana estava numa fase em que vivia em ebulição, não podia ler ou assistir nenhuma cena um pouco romântica ou quente, que seja, que tinha vontade de pular em seu pescoço quando o via. E agora, mais que tudo, evitava sair do quarto quando ele estava em casa. Tomava sol todas as manhãs, mas só saía depois de ter a certeza que Paul já havia

ido para o campo. Ela observava pela varanda de seu quarto todo o movimento.

— Quero ter uma conversa civilizada com você.

— Me diz logo o que você quer e vai embora, por favor. Preciso me arrumar para minha consulta.

Paul fechou os olhos e respirou fundo. Massageou suas têmporas com os dedos. Ao abri-los Ana pôde ver uma intensidade que só via quando era tomada em seus braços. Paul estava determinado e ela não tinha dúvidas disso.

— Quero estar ciente de tudo que envolve os bebês. Você mesma diz que sou o pai deles, então aceite minha participação em tudo que for sobre eles.

— Ótimo! — ela bufou em resposta. — Era só o que faltava, ter você como minha babá.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não seja irônica, isso não combina com você.

— Ora, estou sendo acusada de muitas coisas que antes você dizia não combinar comigo — disparou friamente.

— Foda-se. Desse jeito está difícil — resmungou ele.

— Tem sido muito, mas muito difícil para mim, aguentar tudo que estou aguentando e nem por isso estou dando chilique por aí. Nem reclamando da vida. Não quero você perto dos *meus* bebês. Eles não têm pai, isso foi definido ainda no leito daquele hospital quando você me disse que não queria me ouvir e por sinal não fez isso até hoje. Dois meses se passaram, Paul. Dois malditos meses e você só tem se afastado de mim a cada dia que se passa. Me acompanhar ou ser meu motorista na ida às consultas não é ser participativo

PERIGOSAS ACHERON

e sim prestativo. Meus bebês só têm uma mãe, duas avós e um avô — berrou Ana, já sem paciência.

Aquilo tinha sido um choque para Paul. Nunca tinha visto ela tão furiosa como agora. Sua Ana era sempre calma, compassiva e não gritava com ninguém. Mas ele não se deixaria abalar com essa atitude dela. Era tudo fachada.

Ana tinha mudado, ela estava grávida e sozinha. Tinha que mudar algumas atitudes e crescer como a vida estava lhe ensinando e obrigando. Chegara a hora de tomar as rédeas da situação e era o que ela faria.

— Eu sei sobre o pai deles ou esqueceu que ele era meu irmão? — cuspiu Paul.

Sem demora, Ana jogou seu suco na cara dele. Sentia seu corpo ferver de raiva.

— Seu idiota, estúpido. Não sei como pude amar um ser como você. Você não merece uma

lágrima minha. — Paul que enxugava seu rosto com o guardanapo levantou os olhos e a encarou. — Sabe, meus bebês irão ter tudo sem que eu precise de nada seu. Eu. Te. Odeio. Com. Todas. As. Minhas. Forças. Paul O'Malley.

Ao dizer isso uma lágrima solitária escorreu por sua face que ela logo tratou de limpar. Não iria mais desperdiçar o seu tempo sofrendo por ele, não mais. Decidiu, naquele instante. Ana se levantou e rumou para o seu quarto, pegando sua mala de dentro do guarda-roupa começou a jogar suas coisas dentro.

— Aonde você pensa que vai? — perguntou ele assustado, assim que se viu diante de tal cena.

— Não te interessa. Mas para que você não fique me enchendo o saco vou dizer de uma vez. Eu vou embora daqui, ainda hoje. Não quero ter que dormir todas as noites sabendo que você está no

mesmo lugar que eu. Não quero mais ter que respirar o mesmo ar que você respira. Não quero mais nada seu. Nada — dizia ela ofegante e com fúria ao mesmo passo em que jogava suas coisas nas malas.

Seu corpo inteiro tremia, lágrimas de raiva banhavam sua face. Ana sabia que não podia ficar tão nervosa assim, não fazia bem para os bebês, precisava se acalmar o quanto antes. Ela parou tudo que fazia e respirou fundo, trazendo toda a calma que podia para seu ser.

Paul observava tudo com medo o dominando por inteiro. Independentemente do que tinha acontecido ele amava aquela mulher, tinha suas dúvidas sobre a sua gestação, mas preferia deixar assim como estava. *“Ela não iria impedir que ele cuidasse dela ou dos bebês. Não mesmo.”*

Num impulso Paul pegou em seu braço,

girando seu corpo de frente para ele. Ficaram a centímetros de distância. Seus olhos conectados, as respirações estavam fortes e descompassadas, podiam sentir como o coração, um do outro, batia acelerado.

Ele não pensou, apenas agiu quando desceu sua boca sobre a dela, segurando em seus cabelos. Sentia falta do seu gosto e do seu corpo, como sentia falta de ar para respirar. Antes de tudo isso acontecer eles dormiam juntos quase todas as noites, mesmo antes de ela entregar seu corpo para ele.

Pressionando a ereção em sua barriga pouco saliente ele a deitou sobre a cama, a luxúria dominava o ambiente. Ana se deixou levar pelo momento, sentia tanta falta dele. Queria poder sentir a conexão deles mais uma vez.

Não precisou de palavras, eles apenas se

PERIGOSAS NACIONAIS

entregaram a paixão e o calor do momento. Ele tirou seu vestido...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— *Para, para, para.*

— *O que foi agora, Bia?*

— *Você disse que falaria com a mamãe para narrar essas cenas.*

— *Não vou pular essa parte. Sai daqui e só volta na hora da consulta, deixa que narro essa vez e nas próximas pode ser a mamãe.*

— *Tem certeza que precisa mesmo disso?*

— *Bia, se eu pular essa cena agora, vamos ser linchadas. Tenha certeza disso.*

— *Tudo bem. Vou ficar um pouco com Henry.*

— *Sei, com o Henry. Depois ainda quer ser a santa.*

— *Deixa essa mente poluída um pouco de*

PERIGOSAS ACHERON

lado, Ju.

— *Sai logo daqui, anda. Desculpa gente, minha irmãzinha ainda é virgem e recatada.*

— *Vai à merda, Juliene!*

— *Beijos, mana. Vou seguir de onde parei.*

Capítulo 5

Ele tirou seu vestido vagarosamente, apreciando o quanto seu corpo havia mudado. Estava mais carnudo em certas partes, do jeito que gostava. Adorava sentir o corpo dela junto ao seu. Ela usava um conjunto de calcinha e sutiã de renda laranja. Sua cor preferida, pois destaca sua pele pouco bronzeada do sol que ela toma todas as manhãs na beira do rio - ele a observa ao longe, sem que ela saiba.

Paul distribuí beijos desde os seus pés, passando pelas panturrilhas até a parte interna de suas coxas, ao chegar em seu centro mais íntimo ele cheira e sorri percebendo o quanto ela está excitada. Ele tira a peça de renda que cobre seu monte e toca ali, causando um tremor no corpo

dela.

Assim que sentiu o toque de seus dedos em seus grandes lábios, seguidos de uma lambida, Ana gemeu. Já fazia tanto tempo, seu corpo ansiava por isso, então em segundos ela estava na borda e ele sabia. Geceram em uníssono com o contato.

— Vem pra mim, Ana. Vem, meu amor — comandou ele enquanto a fodia com sua boca e dedos, sem trégua.

— Oh, Deus. Paul! — gritou ela em a sua libertação.

— Isso! — murmurou ele, satisfeito.

Ana fechou os olhos quando chegou ao ápice de sua libertação, ele a observava fascinado, ela era linda. Continuou a distribuir beijos agora por sua barriga com reverência. Em seu íntimo Paul sabia que os bebês eram dele, mas sua raiva e mágoa pelo o que leu na carta do irmão não o

PERIGOSAS NACIONAIS

deixava enxergar isso.

Ao chegar nos seios dela, ele sugou cada um deles ainda por cima do sutiã, desceu uma das copas, mordiscou a pele exposta para em seguida passar sua língua e acalmá-la. Tirou a peça que faltava do corpo dela e levantou-se. Começou a tirar sua própria roupa enquanto admirava o corpo de sua amada em seu momento de glória.

Ana olhava para ele em dúvida, seu corpo e coração queriam aquilo: queriam que ele a dominasse como sabia que os dois gostavam. Ela desejava se entregar e receber o que ele lhe oferecia, mas sua mente lhe dizia para parar tudo enquanto era tempo. Seu coração já estava machucado demais.

Paul subiu na cama e pairou a centímetros de distância dela, de olhos grudados se via que o amor estava ali, era nítido o quanto se amavam.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu te quero tanto. Preciso tanto de você
— falou ele, sem deixar de olhar em seus olhos.
Deixando a emoção transparecer sem se importar
com mais nada além do prazer.

Ela também queria, mas será que era o
certo!?

— Eu também, mas...

— Nós podemos?

— Como assim? — pergunta confusa.

— Não vai machucar, você sabe... Os bebês
— indaga tímido.

— Não, pelo contrário. — Sorriu ela.

— Ótimo!

— Mas não acho que devemos.

— Shiuuu! Não fala nada, apenas sinta.

Beijou-lhe com carinho, sua língua
penetrando em sua boca indo de encontro a dela

PERIGOSAS ACHERON

para uma dança erótica e sensual que fez seu corpo ficar ainda mais em chamas. Logo o beijo se tornou forte e intenso, do jeito que gostavam.

Ana arranhava as costas dele e Paul apertava as coxas dela. Ele se afastou alguns centímetros, abriu suas pernas, uma ele apoiou em seu braço e assim foi entrando em seu canal bem devagar. Aquilo era tortura para ela que passou tanto tempo sem sexo e desejando, com ele.

— Mais rápido, por favor.

— Assim?

Paul acelerou os movimentos, encaixou a perna que estava em seu braço em sua cintura e foi mais fundo. Sentindo a umidade dela o cercando, seu canal estava mais apertado que antes, parecia lhe estrangular como um punho fechado.

Isso era bom demais, pensou ele.

— Paul! — gemeu seu nome repetidas

PERIGOSAS NACIONAIS

vezes. Ana estava perto do clímax outra vez, seu corpo estava mais sensível do que jamais estivera.

— Seus seios estão maiores — Paul disse, admirando suas formas.

— Eu estou grávida, querido.

— Me dê eles, amor! — ordenou ele, assim que sentou no meio da cama levando ela consigo e indo mais fundo a cada estocada.

Suas mãos lhe apertavam a cintura com posse, isso fazia os dois gemerem. Ela segurava-o no ombro e sua outra mão lhe oferecia o seio, empurrando para sua boca que o recebeu sugando avidamente.

Paul sugou e apertou seus seios com vontade. Não se seguraram, os movimentos se tornaram frenéticos e logo entregaram-se a paixão. Chegaram ao ápice juntos, chamando um pelo outro.

PERIGOSAS ACHERON

Ficaram um tempo deitados na cama e abraçados. Porém, agora os dois estavam tensos. Pensativos, perdidos dentro de si mesmos.

Paul estava assim porque achava que não devia ter ido pra cama com aquela *traidora*.

Ana porque sabia que não devia ter caído em tentação e se deixado levar pelos prazeres da carne, ainda mais com um homem que não acreditava em uma palavra do que ela dizia.

— Eu vou tomar um banho e preparar o carro pra irmos — disse ele se levantado sem olhá-la nos olhos.

— Tudo bem. Também vou tomar um banho, logo estarei lá embaixo — afirmou Ana.

Quando ele saiu do quarto, sem lhe dar um único olhar, mesmo tendo parado no batente da porta antes de sair, ela não ligou. Sentiu a cada toque que recebia dele e em cada carinho que fez

nele que aquela era a despedida que não tiveram antes.

Ana se levantou e voltou a arrumar suas coisas. Depois seguiu para um banho refrescante, se vestiu e quando saiu do quarto estava mais decidida que antes. Suas malas já estavam prontas e assim que voltasse da consulta iria para um hotel, em seguida de volta para casa dos pais.

Capítulo 6

Ana estava ansiosa pela consulta, não via a hora de escutar mais uma vez os coraçõezinhos de seus bebês. Para ela esse momento era mágico, porém hoje sua ansiedade era para saber o sexo, na consulta anterior não foi possível e esperava que agora fosse. Também era a primeira vez que Paul ficava lá com ela, não sabia se iria entrar, mas ele nunca ficava do lado de dentro ou esperava no carro ou ia embora e voltava na hora de buscá-la.

Paul notou o quanto Ana estava nervosa, apesar de estarem novamente distantes. Afastou-se da parede onde esteve desde que chegaram, se sentou ao lado dela e segurou sua mão. Ana relutou, mas mesmo assim ele apertou entre as suas.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por que está assim? Algum problema com os bebês? — indagou confuso.

Ana o olhou, não queria falar com ele. No entanto precisava ser madura e aceitar os fatos de que eles não ficariam mais juntos. Era doloroso para ela pensar assim, mas era o melhor.

— Estou ansiosa para saber o sexo deles. Só isso, não tem nada de errado — respondeu baixinho.

— Entendo. Tem preferência? Sobre o sexo — perguntou ele.

Paul sempre quis ter duas meninas e ela sabia disso. Era seu desejo também, eles tinham muitas coisas em comum, namoraram por muito tempo também e planejaram muitas coisas. Ana não queria responder, nem lembrar mais dos planos que haviam feito no passado - que era tão próximo e doía bastante.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tenho. Mas meu maior desejo é que venham com saúde.

— Eles virão... Me diz sua preferência. Meninos, um casal ou...

— Meninas — falou em um fraco sussurro.
— Você sabe que sempre quis duas meninas. Com seus olhos, com sua força e determinação.

— Elas serão belas como você — dito isso Paul se afastou novamente.

Ana suspirou.

Não tinha mais jeito. Era o fim deles.,
pensou.

Seus pensamentos são interrompidos quando a porta do consultório se abre e Derick a chama para sua consulta médica.

Ana fica sem graça, pois Derick Wills é muito galanteador e Paul pode causar problemas em relação a isso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Srta. Thompson, você está mais linda a cada consulta. Desse jeito vai arrumar vários pretendentes e eu vou ficar com ciúmes.

Nesse momento, Ana sentiu Paul contrair-se no banco ao seu lado e bufar. Como tinha imaginado o ciúme dentro dele falou mais alto.

— Dr. Wills, sempre tão gentil.

— Apenas dizendo a verdade. Vamos à consulta... — Dr. Wills nota a presença de Paul — E você, é irmão da Srta. Thompson?

— Paul O'Malley, sou o namorado dela e pai dos bebês — diz Paul.

— Paul O'Malley, meu ex-namorado. — Ana corrige, deixando o médico mais confuso do que antes.

— Vamos entrar e dar início a consulta, então. — pede Derick, percebendo a tensão instalada no ar.

PERIGOSAS ACHERON

— Ótimo. Vamos logo com isso — disse Paul nervoso.

Todos entraram e após se instalarem em seus lugares Derick começou com as perguntas de praxe.

— Ana, como passou esse último mês? Algum incômodo diferente? Sangramentos, perda de líquidos ou cólicas? — Derick foi direto ao assunto para tentar desviar do olhar inquisidor de Paul.

— Continuo na mesma. Estressada, sem muito apetite e não tenho cólicas. Sem sangramentos ou perda de líquidos. Só sinto os malditos enjoos que parecem que nunca mais vão passar — suspira pesadamente.

Paul pega sua mão e oferece um aperto mostrando que está ao seu lado, ela olha para as mãos unidas em dúvida. Ela volta seu olhar para o

médico que volta a falar.

— Tem se alimentado nos horários certos? Sabe que isso ajuda no controle dos enjoos. Tem também a medicação que te passei...

— Apesar de não querer se alimentar direito, meus pais cuidam da alimentação dela e ela sempre come um pouco. Quanto ao remédio ela está tomando sempre que necessário — respondeu Paul, categórico.

Ana se perguntava como ele sabia aquelas coisas já que se mantinha tão longe.

— Tudo bem. E relações sexuais? Continua a não ter? — Derick perguntou de cabeça baixa.

Derick está distraído em suas anotações e nota o silêncio que ficou no ar. Ao erguer a vista ele vê Paul ficando vermelho de raiva e Ana de vergonha.

— Não acho que isso seja da sua conta,
PERIGOSAS ACHERON

doutor! — Paul fala com desdém e recebe uma reprimenda de Ana com o olhar.

Derick pigarreia para chamar a atenção deles que duelam com o olhar, e assim que eles o encaram ele fala.

— Tudo bem, vamos passar ao ultrassom, então.

— Antes disso, doutor! Para sua informação, Ana teve relações sexuais hoje, antes de vir a essa consulta Estou falando, pois quero saber se há algum problema para as crianças. — Paul fala orgulhoso de si, certo de que colocou o médico no seu devido lugar.

— Não há problemas em manter relações sexuais durante a gravidez, a menos que minha paciente se sinta desconfortável ou com dores. Mas, fique tranquilo que os bebês estão seguros.

— Vamos para o exame? — pede Ana

constrangida com a conversa e já segue para a sala de exames que tanto conhecia.

Enquanto estavam fazendo o ultrassom todos se mantiveram em silêncio até que o som, maravilhoso, dos corações irrompeu a sala e Ana libera suas lágrimas.

Ela tinha escutado apenas uma vez, mas para ela já era o som mais lindo que ouvira em toda sua vida. Ana sentiu Paul enrijecer ao seu lado e vislumbra em seu olhar o que parece ser uma centelha de lágrimas. Isso, de certa forma, aquece seu coração ao dar esperança de que um dia, talvez, ele perceba o quanto ela ainda o ama e o quanto a machucou ao não acreditar nela.

— Estão vendo aqui? Aqui é um dos bebês e seu coração. — Aponta Derick e Paul prende a respiração.

— Está tudo bem com ele? O coração

PERIGOSAS NACIONAIS

parece tão... — divaga Paul com os olhos vidrados na tela onde aparece seu primeiro bebê.

— Está sim. O coração é assim mesmo, acelerado. Batimentos cardíacos de bebês são mais rápidos que o nosso — explica.

— Entendo.

— Querem saber o sexo do primeiro bebê?

— Claro! — dizem os dois em uníssono. Ana olha nos olhos de Paul com ternura, coisa que não fazia em muito tempo.

— Apresento a você, mamãe, sua primeira bebê! Será uma linda menina, como a mãe, para dar trabalho dobrado ao papai!

— Oh meu Deus!!! — fala Ana em meio às lágrimas.

— É uma menina — exclama Paul, olhando fascinado a tela em sua frente.

PERIGOSAS ACHERON

— Bom, vamos ao próximo bebê. Veja, aqui está sua outra menina! Poxa papai, você terá trabalho com suas meninas! — exclama Derick, já limpando a barriga da Ana e ajudando-a a se ajeitar na maca.

— Oh, eu não acredito, Paul. Meu amor, serão duas meninas como sempre quisemos... — Ana se interrompe no meio da frase quando vê que está sonhando alto demais. Paul não é mais seu, portanto, não tem mais que falar isso com ele.

— Ah, meu mel. Mesmo depois de tudo eu sou o homem mais feliz desse mundo.

Ambos, levados pela emoção, se abraçaram e trocaram um selinho. Mas logo se afastam vendo a burrada que fizeram.

Após orientar Ana sobre a próxima consulta e sobre outras dúvidas que o casal tinha a consulta foi encerrada. Tanto Ana quanto Paul foram até o

carro calados e pensativos, até que ela explodiu.

— Você não precisava ter agido como um ogro com o Derick. Não precisava ter falado nada.

— Ana, pelo amor de Deus! Você não percebeu que esse médico deu em cima de você desde que te chamou para a consulta? Por que raios eu tenho que aguentar isso?

— E por que raios você tem que se importar com isso?

— Por que eu me importo, oras!

— Mas não precisa. Nós não somos mais nada um do outro.

— Ai que você se engana. — disse Paul enigmático.

Capítulo 7

O clima havia mudado um pouco depois que Paul escutou os corações no ultrassom, ele ficou todo bobão. Mas Ana estava decidida e não iria mudar sua decisão de ir embora.

Para ela, Paul havia sido um estúpido com o Dr. Derick. Sim, ela sabia que ele era muito galante, mas em seus pensamentos era só lábia de médico sedutor. Qual homem que iria se interessar por uma mulher grávida, de gêmeos, e com a vida do jeito que estava a dela? Uma completa bagunça. Até mesmo a paternidade de seus bebês era questionada por toda a cidade.

Sua vida havia se tornado pública desde o acidente, portanto para ela Derick só lhe dava um ânimo como médico e amigo que era. Mal sabia

PERIGOSAS NACIONAIS

Ana que, de fato, ele tinha interesse nela como mulher, mesmo estando em meio a tantos problemas.

Chegaram a casa e Paul disse que iria até os estábulos dar uma olhada nos cavalos. Ana sabia que o que ele queria era ficar sozinho e andar a cavalo, pois lhe dava um pouco de paz quando queria fugir de tudo e de todos. Esse era seu refúgio. Sendo assim, ela apenas deu um breve aceno em concordância e entrou na casa, nem sabia o porquê de ele ter dito o que iria fazer. Paul não dava mais satisfação da sua vida desde que Ana tinha acordado na cama daquele hospital.

Ana rumou direto para o seu quarto. Sabia que Joanna não estava em casa. Nesse horário, ela ficava na casa paroquial ajudando o reverendo com as coisas da igreja. Isso lhe dava tempo para escrever um bilhete e deixar em sua cama para

PERIGOSAS ACHERON

quem chegasse primeiro, ela sabia que com certeza seria Joseph. E depois iria para uma pousada que ficava perto dali, se refugiar por um tempo. Pediu um táxi e quando o mesmo chegou foi embora, sem olhar para trás.

“Sei que você será o primeiro a ler isso, Joseph. Quero te pedir perdão por ter saído de sua casa sem avisar. Saiba que está tudo bem comigo e com as meninas. Sim, são duas meninas. Minhas meninas! Fortes e saudáveis como um touro. Vou deixar uma foto delas para que você guarde junto com as outras em sua coleção.

Agradeço por toda a hospitalidade com que fui recebida em sua casa, tanto por você quanto por sua esposa e filho. Sou muito grata pelo abrigo, carinho, cuidado e atenção que me deram durante esse tempo em que fiquei hospedada em

sua casa. Mas não posso mais ficar aqui, não mais.

*Sei que vai entender meus motivos sem que eu
precise expor eles neste pedaço de papel.*

*Não estou indo para longe, nem vou sumir
de sua vida. Só preciso de um tempo, sozinha
comigo mesma, para digerir o rumo que minha
vida seguiu e seguirá de agora em diante. Não se
preocupe com nada, tenho um dinheiro guardado e
vou usá-lo para me manter. Entrarei em contato em
breve.*

Beijos,

Da sua nora preferida!”

Joseph terminou de ler a carta em voz alta para Joanna e Paul que estavam reunidos com ele na sala.

— Mas é uma inconsequente mesmo. Como ela sai assim? Carregando minhas netas sabe-se lá

para onde e sozinha? Só espero que pelo menos esteja realmente sozinha, não me admiro em nada se estiver com outro homem. Afinal, diz estar grávida de um, mas fugia com outro filho meu — dispara Joanna.

— Mamãe tenha o mínimo de respeito, por favor. Ana, nunca lhe fez nada para que a senhora duvidasse de seu caráter — esbravejou Paul.

— Você é o primeiro a duvidar, então não se faça de santo, Paul. — disse Joseph.

— Isso é coisa minha. Ao invés de ficar aqui discutindo e perdendo tempo, eu vou atrás dela — fala Paul, já pegando as chaves da sua caminhonete e rumando para a porta da frente.

— Não vai mesmo. Ana quer ficar sozinha e ela vai ficar. Você também sabe os motivos dela para ter saído daqui, portanto mantenha-se afastado. E isso não é um pedido — decreta Joseph

para o filho.

— Só eu que estou no escuro pelo visto — resmunga Joanna.

— E vai continuar. Deixe a pobre menina em paz, Joanna. Ela não lhe fez nada e está frágil, passando por um momento que deveria ser de total alegria em sua vida e na verdade está sofrendo por inúmeras acusações e abandono por parte de pessoas em que ela acreditava ser seu alicerce. A menina está perdida e com toda razão.

Suas palavras foram para a esposa, mas seu olhar estava cravado no filho que baixou a cabeça e saiu da sala indo em direção ao campo, para pensar nas últimas horas que passou com Ana em seus braços e da emoção que foi ouvir os corações dos bebês pela primeira vez.

— Vou ligar para Glória — disse Joseph.

— Era só o que me faltava. Mais essa agora.

PERIGOSAS NACIONAIS

Vai usar isso como desculpa para ligar para aquela mulher? — reclamou a esposa.

— Agora não é hora para ciúme bobo, Joanna. Me dê um minuto de paz, por favor.

Ela saiu da sala xingando até a próxima geração das netas.

No campo Paul foi até os estábulos e pegou trovão, seu cavalo. Ele é marrom com manchas brancas por toda sua pelagem. Trovão é lindo e arisco, só obedece a ele e mais ninguém. Montou em suas costas e seguiu para um lugar em especial.

Na pousada, algumas pessoas olharam para Ana de um jeito torto. Mas Jenna, a dona do lugar, a tratou muito bem e lhe acomodou em um quarto mais afastado dos outros para que pudesse ter privacidade com seus pensamentos. Jenna a conhecia desde pequena e era amiga pessoal de sua mãe, Glória. Sabia bem o que Ana estava passando.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Assim que se instalou Ana tomou um banho, fez um lanche e se deitou para conversar com sua barriga como fazia todas as noites desde que descobriu a gravidez.

— Saibam que eu já amo vocês, como nunca amei ninguém antes. Os outros podem não estar felizes com a vinda de vocês, meus amores... Mas a mamãe está radiante, sonhei tanto com o dia que descobriria que estavam crescendo aí dentro... Vou proteger vocês de tudo e de todos, meus anjinhos... Custe o que custar, irei ser forte por vocês!

Ela não pôde continuar, pois as lágrimas banhavam sua face. Mas suas mãos estavam sempre alisando a barriga arredondada.

Acabou adormecendo, pois o cansaço do dia havia cobrado seu preço.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

— *Nessas horas que tenho uma raivinha do papai. Aquela vontade de castrar.*

— *Calma, Ju. Conhecemos bem os dois lados da moeda.*

— *Sim, eu sei disso. Mas ela sofreu pacas. Já parou para pensar que a mamãe tinha, praticamente, nossa idade quando tudo isso aconteceu? Que ficou sozinha e se sentiu abandonada, Bia?*

— *Eu sei. Não sei se seria tão forte quanto ela foi. Nossa mãe é uma guerreira e merece ser muito feliz. Vamos voltar para a história. Já estou chorando aqui.*

— *É melhor mesmo, antes que eu vá atrás do papai e diga umas verdades.*

— *Você já disse, irmã.*

— *Mas posso repetir facilmente.*

Capítulo 8

Paul estava encostado na árvore em que costumavam namorar e conversar sobre planos futuros. Lembrou-se de todos os planos que haviam feito e uma lágrima solitária escorreu por sua face. Não se fez de rogado e deixou que outras mais caíssem.

Ele estava em uma luta interna, seu coração acreditava em Ana e dizia para dar a chance de se explicar, ouvir o que tinha para contar. Porém, as provas eram totalmente contraditórias e por isso ele sabia que nem sempre se deve ouvir o coração.

“Ela não era tão confiável como imaginei.”,
pensou ele.

Precisava ser racional, afinal tinham dois bebês a caminho. Bebês que no fundo ele sabia que

PERIGOSAS ACHERON

podiam ser dele e desejava isso.

Dias após o acidente ele recebeu uma carta de seu irmão gêmeo que foi dado como morto no acidente em que Ana estava, visto que estavam “fugindo juntos”.

Na carta Charlie pedia perdão e confessava que amava Ana desde sempre e que havia ficado feliz de ela ter aceitado partir com ele e mais um monte de coisas. Na carta a carta estava programada para chegar nas mãos de Paul antes de tudo acontecer.

Paul não conseguia entender o porquê de Ana nunca ter lhe falado nada. Era só ter chegado e dito que não o amava e que queria ficar com seu irmão. Claro que não seria fácil de aceitar, mas tentaria entender, pois jamais obrigaria uma mulher a ficar com ele. Teria sido bem melhor do que se arriscarem como fizeram na calada da noite, já que

as consequências foram bem piores.

De toda forma, tudo girava em sua mente toda vez que parava para pensar e não chegava à conclusão alguma.

“Sua Ana, a Ana que se entregava a ele e dormia em seus braços não podia ser tão dissimulada assim. Não era possível que ela se deitava com ele e com o seu irmão ao mesmo tempo ou era!?”.

Paul já estava ficando maluco ao tentar chegar em algum lugar com seus pensamentos confusos e tortuosos.

Ele não dormiu.

Passou a noite em claro tentando descobrir através de alguma lembrança o paradeiro da Ana, mas não conseguia pensar em mais nenhum lugar. Todos os que se lembrou, ele ligou, ela não estava. A casa de sua amiga Alanna, a pensão da Jenna.

Lutou muito tempo até que finalmente, quando o dia amanheceu, ligou para a pessoa que provavelmente sabia, mas como não tinha certeza ele foi com calma para não preocupa-la. Já estava cansado de vagar pelas ruas tentando encontrá-la. Não havia voltado para casa ainda e não queria voltar sem ela.

— Hum, bom dia — cumprimentou ele relutante. L

Não sabia se seria bem recebida sua ligação. Até surpreendeu-se de ter sido atendida tão rápido.

— Bom dia, Paul — respondeu Glória, amável como sempre.

— Desculpa te ligar tão cedo, Glória...

— Imagino o motivo de sua ligação, querido. Não se preocupe com a hora, já estou acordada tem um tempo — interrompeu-o.

— Certo, então você já sabe! — respirou

aliviado.

Se ela sabia e estava calma quer dizer que Ana estava bem e segura.

— Claro que sim. Eu sei tudo sobre minha filha — disse ela com firmeza.

“Será possível que Ana havia voltado para casa. Mas e seu pai?”, pensou ele.

— Ela voltou para casa?

Glória suspirou, pensou e decidiu por lhe passar alguma informação. Sabia dos sentimentos dele em relação a sua filha e entendia um pouco seu lado. Mesmo que ele estivesse sofrendo por merecer. Afinal, era só ouvir e confiar no que Ana tinha para dizer que tudo seria esclarecido.

— Eu não devia, pois você merece tudo o que está passando, já que foi escolha sua... — repreendeu-o com a voz mansa.

Glória é a pessoa mais calma que existe,
PERIGOSAS ACHERON

não deixa que os problemas a consumam.

— Glória, por favor...

Ela prosseguiu sem lhe dar ouvidos. Não queria suas lamentações.

— Mas sei que a ama. Ana está bem, estou indo agora mesmo encontrá-la e, sim, vou trazê-la para o lugar de onde ela nunca deveria ter saído.

— Então ela está bem? — perguntou ansioso.

— Bem seria um eufemismo, você sabe tudo que ela vem passando. Ana está bem na medida do possível, Paul.

— E o Johnson, ele aceitou ela de volta? Glória, eu não vou permitir que ele a destrata outra vez — disse ele com fervor.

Glória sorriu. Homens!

— Isso já havia sido resolvido desde

quando ela foi para sua casa, querido. Você teve uma chance e não deu valor. Agora só o tempo dirá — proferiu enigmática.

— Eu gostaria de falar com ela, se fosse possível. Preciso me desculpar, Glória. — Paul praticamente implorava.

— Isso é uma decisão única e exclusivamente dela, querido. Ligue para Ana e fale diretamente com ela.

— Certo, tudo bem. Obrigado por me atender e me falar sobre ela.

— Disponha. Como disse eu sei o quanto a ama e, nesse momento, você mereceu a informação. Pela sua voz não deve nem ter dormido.

— Obrigado, mais uma vez. De fato eu não dormi, mil e uma coisas passaram-se na minha cabeça. Rodei por vários lugares a procura dela,

PERIGOSAS NACIONAIS

mas não a encontrei em nenhum deles — lamentou-se.

— Esses jovens. Deixe-me ir, tenha um bom dia, querido. Até mais.

Encerraram a chamada.

Paul respirou aliviado, pelo menos agora ela estaria segura. Não sabia onde tinha passado a noite, mas pela conversa com Glória soube que foi em um lugar seguro.

Ana teve o sono tranquilo, apesar das emoções do dia anterior e só despertou no dia seguinte com o toque de seu celular que era insistente. Pegou o aparelho, olhou e sorriu de um jeito melancólico para o nome que piscava na tela.

— Olá, mamãe!

— *Bom dia, meu docinho de mel.*

— Bom dia, mãe.

PERIGOSAS ACHERON

Um sorriso apontou em sua face ao ouvir o carinho na voz de sua mãe.

— *Como você está se sentindo?* — perguntou com calma.

— Bem, na medida do possível.

— *Entendo.*

— E a senhora?

— *Tenho novidades. Estou chegando aí em uma hora. Não desfaça as malas.* — disse eufórica.

— Mas, como a senhora sabe?

— *Eu sei tudo sobre você, meu docinho de mel.* — Glória tem um sorriso na voz que é contagiante.

— O que está aprontando, Dona Glória?

— *Apenas cumprindo meu dever de mãe* — afirmou com firmeza.

Glória sabia onde a filha estava. Pouco

PERIGOSAS NACIONAIS

depois que Joseph ligou para ela, Jenna fez o mesmo e informou sobre a hospedagem em sua pousada e tudo mais que ela pediu. Isso acalmou um pouco seu coração de mãe. Porém, só ficaria de fato tranquila quando ouvisse a voz de Ana ou a visse. Ela ligou para Joseph de volta e passou as mesmas informações que Jenna havia lhe dado e pediu que não contasse para o Paul, pois foi única coisa que Ana havia pedido a Jenna: discrição quanto a sua estadia ali, exceto para sua mãe.

Mesmo sem entender todo aquele mistério que Glória impôs, Ana não desfez as malas como a mãe havia pedido. Apenas pegou um vestido leve de algodão e roupas íntimas. Levantou, tomou um banho para despertar e foi tomar café da manhã em seguida.

Antes da hora combinada Glória chegou à pousada toda animada com as novidades.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Então quer dizer que tem duas princesas aqui dentro? — perguntou assim que se aproximou, lhe deu um abraço e um beijo na barriga.

— A senhora contratou um detetive ou algo do tipo? Não tem nada que não saiba — brincou Ana, sorrindo.

— Não, querida! Joseph me contou quando ligou ontem à noite preocupado com sua saída repentina da casa dele.

Glória a olhava nos olhos, estudando sua face em busca de alguma resposta para o que ela fizera.

— É tudo tão complicado, mamãe. Mas eu precisava desse espaço, não podia mais ficar no mesmo lugar que *ele* — lamentou-se.

— Eu entendo, querida. Você deve estar sofrendo muito com todas essas coisas e me sinto culpada por... — Ana a interrompeu.

PERIGOSAS ACHERON

— Não, a senhora não tem culpa de nada. Paul me magoou muito e tem magoado com sua certeza de que o trai e minhas filhas não são dele. Papai também me decepcionou quando não quis nem me olhar e ainda me pôs pra fora de casa. Mas se não fosse pela senhora e o Joseph com certeza eu não teria suportado tudo que venho suportando até hoje. Eu não merecia ser crucificada dessa forma.

Ana segurou as lágrimas, não mais choraria por causa dos outros. Iria ser forte por suas meninas. Mas os hormônios não eram tão obedientes e às vezes era inevitável que algumas lágrimas caíssem.

— Minha menina, eu estou aqui e agora tudo vai ficar bem. Vou cuidar de vocês — afirmou Glória abraçando-a.

— Eu sei, mamãe. Eu sei.

Depois de um tempo recebendo colo de

mãe. Elas colocaram o papo em dia e Glória ao ver que a filha não estava mais nervosa pela conversa de antes, decidiu contar a primeira novidade.

— Vim buscar você, Ana. Vou levá-la de volta para o lugar de onde nunca devia ter saído — anunciou enquanto acariciava os cabelos dela que estava deitada em seu colo, mas levantou bruscamente, o quanto sua barriga permitiu tal ato, e a encarou.

— Como assim? — inquiriu incrédula.

— Seu pai se arrepende do que fez, mas não quis dar o braço a torcer para buscá-la na casa do Joseph. Quando eu disse que você havia saído de lá e estava sabe-se Deus onde, ele teve um pequeno surto dentro de casa. Quis mover céus e terras para descobrir seu paradeiro. Por sorte Jenna me ligou e pude acalmá-lo. — Glória sorri, deixando Ana confusa.

— Mãe, explica isso direito.

— Você sabe o quanto seu pai é turrão e odeia o Joseph, não é mesmo?

— Sim, eu sei. Bem que a senhora podia me contar o motivo para tanta hostilidade. Joseph é uma excelente pessoa — sondou ela.

— Um dia você saberá. E sim, Joseph é um homem honrado. Eu sabia que você estaria segura em sua casa e seria tempo suficiente para pôr o seu pai no devido lugar.

— Então ele me quer de volta em casa, por que a senhora exigiu?

— Não querida, ele de fato se arrepende de ter feito o que fez. Assim que soube para onde havia ido ele ficou como um louco e me mandou ir buscá-la. Ele pensou que eu a colocaria aqui na pousada e depois ficaria no pé dele até tê-la de volta em casa. Só que eu sabia que seria melhor

PERIGOSAS NACIONAIS

para você ficar na casa do Joseph do que em uma pousada. E como eu matinha contato com você, Joseph e até mesmo com o Paul todos os dias, eu deixei seu pai sofrer com as consequências de seus atos tempestuosos. Eu sabia que você estava sendo bem cuidada e protegida com eles.

— Mamãe, a senhora sabe que podia ter evitado um pouco do meu sofrimento ao estar debaixo do mesmo teto que aquele... Argh!

— Sim, eu sei. Mas você precisava se acertar com ele e achei que esse tempo também serviria para isso. E seu pai também precisava de uma lição.

— O tiro saiu pela culatra — resmungou Ana.

— Paul parece ser tão turrão quanto seu pai e o dele. Não pensei que fosse chegar a ficar por dois meses lá sem nenhum progresso e muito

PERIGOSAS ACHERON

menos que sairia de lá sem que se resolverem.
Homens. — bufa Glória.

— Talvez tenha sido melhor assim, mamãe.
Minhas filhas e eu não precisamos dele — falou
altiva, mas por dentro estava destruída.

— Não precisa mentir para mim, querida.
Sou sua mãe e não quero que me esconda nada. —
exigiu, acariciando sua face.

— Me desculpe. Então quer dizer que posso
voltar pra casa?

— Sim, mas antes vamos às compras.

— Será que é uma boa ideia?

— O que? Fazer compras? — brincou
Glória.

— Não, voltar pra casa — perguntou
incerta.

— Claro que é. É o seu lar! Vamos cuidar

de vocês. Não nos negue isso. Seu pai quer conversar com você. Por ele teria vindo buscá-la assim que o sol raiou, mas não deixei. Queria falar com você antes. Agora, vamos às compras como eu disse, antes de ir pra casa.

— Tudo bem. Vamos às compras. O que exatamente estamos indo comprar? — perguntou Ana, com um sorriso.

— Não acha que esqueceu de nada, meu docinho de mel? — indagou Glória, com um brilho nos olhos.

— Mamãe, não me deixe curiosa. Esses hormônios já me enlouquecem o suficiente.

As duas riram.

— Sei bem como é isso, querida. Tende a piorar, não se preocupe.

— Essa informação não me acalma, mamãe. Fala logo. — implorou.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Calma. O enxoval, meu docinho de mel.
O enxoval de minhas netas.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 9

Ana e sua mãe deram algumas voltas pela cidade e compraram bastante coisas, ela ficava encantada com cada pedacinho de roupa que via, um mais lindo que o outro e tudo tão pequenino. Queria levar tudo, mas não aguentava mais andar.

Carregar aquela barriga estava ficando difícil, ainda mais que ela parecia crescer a cada segundo. De fato, seu médico e amigo Derick havia lhe dito que a partir do quinto mês a barriga aparece, no caso dela por ser de gêmeos, já devia estar à mostra. Portanto, ela não deveria se assustar se acordasse com ela enorme. Derick era um amor, de um humor inconfundível. E um gato, vale salientar!

Se passaram horas desde que saíram da

pousada e por agora já tinham o básico para as gêmeas. Toda a mobília para o quarto duplo que vão fazer, umas roupinhas, logo voltariam para comprar novamente. Decidiram que o quarto vai ser o que fica ao lado do seu e assim ela vai estar sempre perto e tem também a facilidade para amamentar e tudo o mais que as bebês precisarem.

Ana já havia recebido duas ligações do Paul e recusou-as, mesmo sobre os protestos de sua mãe. Ela não queria falar com ele, não queria ver ele, nem saber que ele existia. Pelo menos por um bom tempo. *Mas quem disse que o destino estava a seu favor?*

Elas estavam almoçando num restaurante a céu aberto, ainda no centro quando Glória o viu. Ele vinha na direção delas que tinham acabado de fazer seus pedidos para a sobremesa, Ana segurava um vestidinho branco lindo e nem se dera conta do

aceno quase imperceptível que a mãe permitindo que ele se aproximasse. *Dona Glória, como sempre, sendo cupido.*

— É tudo tão lindo, mãe — falou encantada.

— É sim, querida. Ainda falta muita coisa e é uma mais linda que a outra.

— Não vejo a hora de tê-las em meus braços.

Ana abraçou a roupinha e imaginou suas bebês. *Tem uma lágrima no meu olho! Sempre ficamos emotivas em ver o quanto elas nos queria. O quanto desejava a gravidez*

— Você vai se sentir realizada. Tudo à sua volta irá sumir. É um dos momentos mais lindos na vida de uma mulher, meu docinho de mel.

— Ah, mamãe — algumas lágrimas molharam sua face. Ana se emocionou ainda mais

com as palavras de sua mãe.

— Não chore, querida.

Paul havia decidido ir à cidade para comprar alguns materiais para a fazenda na loja de construção. Não tinha dormido a noite e não iria dormir durante o dia mesmo, então o melhor a fazer era trabalhar. Ana não atendia seus telefonemas e ele precisava falar com ela. Saber como estava por ela mesma, apesar de sua fonte ter sido a mãe dela e isso o deixava frustrado.

Queria saber se os momentos que passaram juntos no dia anterior haviam sido o motivo para que partisse da forma que ela havia feito. Isso o abalou muito, foi uma tarde maravilhosa. Haviam feito amor, depois teve a consulta onde ele pode ouvir o coração os corações e também descobriram o sexo.

“Meninas! Teriam duas meninas. Não, Ana

teria duas meninas”. Esses eram os pensamentos dele. Mais confuso do que tudo.

Quando se caminhava para sua caminhonete avistou Glória e Ana, conversando em um restaurante. Guardou suas compras na mesma e foi ao encontro delas.

“Ana teria que ouvi-lo e responder suas perguntas.” Era o que ele pensava. Isso estava o corroendo por dentro. *“Ela não podia ter sumido assim!”*

Ao chegar mais perto viu que Ana chorava e se preocupou.

— Ana? Está se sentindo mal? — perguntou assim que chegou mais perto.

Ana olhou para cima a tempo de vê-lo se abaixar ao seu lado, ele lhe tocou a face e secou uma lágrima.

— Paul!?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Está sentindo algo? — insistiu preocupado.

Ana rapidamente se recuperou, afastou-se de seu toque com um movimento brusco.

— Não, estou ótima. Melhor impossível.

— Mas você está chorando. Aconteceu alguma coisa?

Paul olhou entre ela e a mãe.

— Está tudo bem, querido. Apenas emoção de mãe. — Articulou Glória, tentando evitar uma discussão.

— Nada que você precise se preocupar — disse Ana ríspida e recebeu um olhar de reprimenda da mãe. Paul continuou abaixado ao seu lado.

— Precisamos conversar, Ana. — Pediu ele, Ana sorriu.

— Um pouco tarde para isso, Paul.

PERIGOSAS ACHERON

— Não, não é tarde. Quero falar sobre ontem.

Ela o encarou, séria.

— Não temos nada para falar sobre ontem. O que foi feito, está feito. Passou! Agora siga sua vida que segurei a minha com minhas filhas e me deixe em paz. — Cuspiu Ana, friamente olhando no fundo de seus olhos.

Paul sentiu a dureza das palavras no fundo alma. Glória olhava de um para o outro sem entender muita coisa, mas podia desconfiar. Quando estão próximos a tensão sexual é enorme, mesmo estando brigados.

— É assim mesmo que você quer? Que eu siga minha vida e suma da sua de vez? — indagou Paul, eles ainda se encaravam. Ana hesitou por um instante, mas confirmou.

— Exato. Não temos mais nenhuma

ligação, sinta-se à vontade para seguir sua vida e... Me deixe seguir a minha. — Manteve-se firme, mesmo que por dentro se sentisse um caco.

Os dois tinham lágrimas nos olhos e se seguravam ao máximo. Com um aceno ele disse:

— Assim será. Porém nós temos uma ligação. Minhas sobrinhas, você não se verá de todo livre de mim. Irei acompanhar tudo de perto.

Nesse momento Ana rosnou de raiva. Queria bater nele com muita força.

— Sobrinhas — resmungou com desdém. Sem se abalar Paul continuou.

— Glória, posso ligar para você para que me informe de tudo?

— Vocês têm certeza disso? É melhor conversarem a sós em outro lugar e com calma. — sugeriu Glória com calma, pois os ânimos já estavam exaltados. Os dois viraram para ela na

mesma hora e gritaram.

— Temos!

— Tenho absoluta certeza. Se quiser a senhora pode manter contato com ele, mamãe. Eu não quero ter o mínimo que seja.

Ana já não o olhava mais, era difícil dizer tudo aquilo olhando em seus olhos.

— Ana? — ele chamou mais uma vez.

— O quê?

Ela voltou a encará-lo e quase cedeu com a tristeza que viu em seu olhar. Mas ele não merecia sua compaixão.

— Farei como me pediu. Mas saiba que sempre pode contar comigo e que... — Paul parou e ficou olhando seu rosto para deixar gravado cada detalhe em sua memória.

— E que? — incentivou ela.

— Nada.

— *Covarde*. Você é um covarde que não sabe enfrentar as dificuldades que nos foram impostas. Some da minha vida, Paul O'Malley. Some de uma vez por todas, por favor — Ana praticamente gritava, já com as lágrimas escorrendo por sua face.

Paul baixou a cabeça, ele pensava que Ana podia estar certa e ele era um covarde. Porém a carta de seu irmão sempre vinha a sua mente.

— Talvez eu seja, mas sou um covarde que te ama e sempre vai te amar. Mesmo que você tenha feito o que me fez.

— Some daqui, Paul. Não quero mais te ver — explodiu. Ela já estava farta da acusação a qual era submetida.

— Acalme-se, filha.

— Até um dia, Ana. Ligarei em breve,

Glória.

E assim, Paul foi embora. Enxugando as lágrimas que teimavam em lhe cobrir a face. Quando chegou em sua caminhonete chutou forte o pneu e gritou para extravasar a raiva que sentia. Chegou à conclusão de que Ana estava certa, eles não podiam ter mais contato algum. O momento de luxúria que haviam tido no dia anterior era prova disso. Precisavam se afastar. Porém ele não ficaria longe das bebês, fazia questão de participar ativamente de tudo relacionado a gravidez.

Entrou no veículo e rumou de volta para a fazenda junto com seus pensamentos.

— Não devia ter sido tão enfática, filha. Agora está sofrendo. Se acalme, isso não faz bem para as meninas — pediu Glória afagando as costas da filha.

— Eu fiz o certo, mamãe. E não me

PERIGOSAS NACIONAIS

arrependo. Mesmo o amando tenho que tirá-lo do meu coração, para sempre — ela soluçava.

— Acalme-se, meu docinho de mel. — Glória lhe passou um copo com água.

— A senhora não viu o modo como se refere a elas. *Minhas sobrinhas*. Que ele vá a merda e suma da minha vida para sempre. Não quero e não preciso dele para nada

— Eu vi sim e sei o quanto deve estar se sentindo magoada. Mas acalme-se, por favor.

Seu corpo tremia por inteiro. Sua pressão podia subir a qualquer instante e isso deixava a mãe preocupada.

— Estou bem, mamãe — ela respirou fundo, tomou a água que lhe era oferecida e aos poucos se recompôs.

— Não pode se alterar dessa forma, querida. Pense nas suas filhas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É só nelas que eu penso e é por elas que estou sobrevivendo a tudo isso — declarou.

— Isso. Agora enxugue esse rostinho lindo e vamos embora, para casa.

Glória pagou a conta, elas pegaram as poucas sacolas que tinham em mãos pois na caminhonete já estavam as outras, além de toda a mobília desmontada e também as malas da Ana. Daria trabalho montar tudo, mas teriam ajuda para isso. Agora era seguir rumo a Fazenda Esperança, esse é o nome que foi escolhido pelo bisavô de Ana alguns anos atrás e perdura por várias gerações. Ninguém ousaria mudar.

Foram por todo o caminho conversando sobre muitas coisas. A gravidez, o ultrassom feito no dia anterior, sobre Joseph e seus cuidados com Ana e Joanna que não era tão atenciosa. Até mesmo o Derick foi assunto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você acha que o Derick só quis provocar o Paul? — sondou.

— Claro que sim, mamãe. Ele é uma ótima pessoa, vem cuidando de mim desde o hospital. Na certa não gostou da forma como o Paul agiu e tomou alguma atitude para me defender — argumentou Ana.

— Hummm. Interessante!

— Hummm? Ande, fale logo o que está se passando por essa cabecinha, mamãe.

— Nada de mais. Só que ele é um homem inteligente, carismático, bonito, forte. Um excelente partido — enumerou Glória, com um tom de malícia, Ana não se conteve e começou a rir.

— Oh, por favor pare Sei bem o que está tentando fazer, Dona Glória.

A mãe olhou rapidamente para ela com cara de inocente e voltou sua atenção para estrada.

PERIGOSAS ACHERON

— Não estou tentando fazer nada, querida. Apenas pontuando as qualidades daquele belo rapaz. Vai me dizer nunca reparou naqueles braços.

As duas explodiram em risadas dentro da caminhonete.

— Só mesmo a senhora para me fazer rir em meio a tudo isso.

— Não sou a única. Pelo o que me contou o Dr. Derick também consegue esse feito — continuou.

Estava feliz de ver sua filha sorrindo e tão tranquila. Mas realmente ficaria de olho nas ações de Derick. Ele é sempre muito solícito com Ana e isso lhe chamou a atenção desde o início, agora poderia ver tudo mais de perto. E dependendo teria uma conversa com o tal doutor. Pensava Glória.

— Mamãe!

— Não digo mais nada, só observo — falou

ainda com malícia.

— Sim, confesso. Ele é lindo e quando me olha, não sei, mas noto algo a mais em seu olhar. Sempre muito atencioso. Mas pode ser só impressão, esses hormônios me deixam insana. Capaz de cometer completos absurdos — sussurrou. Isso despertou o interesse de sua mãe.

— Que absurdos seriam esses? — indagou, assim que estacionou na entrada da casa principal na fazenda.

— Não quero falar sobre isso agora, mamãe — disse baixinho.

— Tudo bem. Quando quiser se abrir, estarei aqui — disse apertando-lhe a mão.

— Estou nervosa. Tem certeza que o papai não vai me expulsar de novo? — perguntou apreensiva.

— Absoluta. Seu pai é turrão, mas ama

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

você. Ele só ficou magoado quando soube que sua menina tinha caído na lábia de um *Don Juan*, como ele mesmo diz. — Elas sorriram.

— Fui uma tola.

— Não, não foi. Você apenas amou, um amor puro e sem reservas. Você fez o que seu coração sentia que devia fazer. Agora vamos lá, ele deve estar mais que ansioso também e você precisa descansar.

— Antes preciso falar com ele.

— Não. Você vai descansar, dormir um pouco e quando acordar, conversamos todos juntos — decreta Glória.

Nesse momento a porta da frente abriu e John saiu. Veio direto para elas.

— Precisam de ajuda? — perguntou ele assim que chegou perto, ele parou justamente na porta do passageiro.

PERIGOSAS ACHERON

— Sim, querido. Tem os móveis do quarto das meninas lá atrás e mais algumas sacolas aqui dentro, peça para alguém pegar e pôr no quarto ao lado do de Ana.

— Claro. Roger! — gritou ele.

Elas desceram do veículo, John ajudou sua filha a olhando com cautela. Tinha medo de que ela não o tivesse perdoado por sua atitude. Mesmo diante de tudo, ele amava sua Ana e não a queria sofrendo.

— Venha, querida. Ana vai descansar um pouco e depois conversamos, John.

— Claro, podem ir. Eu cuido de tudo por aqui.

Assim que entraram seguiram direto para o quarto, Ana tomou um banho relaxante e deitou em sua cama. Sentiu falta daquele lugar. Foi inevitável não pensar em tudo o que aconteceu nos últimos

PERIGOSAS NACIONAIS

meses. Todo o sofrimento que passou e ela sabe que ainda terá muito pela frente. Adormeceu com a mãe acariciando seus cabelos e sua mente divagando em pensamentos.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 10

Glória saiu do quarto da filha e seguiu para o quarto ao lado. Lá, encontrou o marido admirando as coisas de suas netas, estava na cara que seria um avô babão.

Ele sentiu sua presença e sorriu.

— Então são mesmo duas meninas? — indagou ele segurando um vestidinho rosa.

— Sim, duas princesas — afirmou ela ao se aproximar e tocar a peça em suas mãos.

— Como ela está?

— Em que sentido você está me perguntando isso, John? — Ele se virou e alisou sua face.

— Em todos. Eu quero saber de tudo, não

PERIGOSAS NACIONAIS

quero que me escondam mais nada. Está na hora de eu fazer algo pela minha filha — disse, olhando no fundo dos olhos da esposa.

— Tudo bem, eu conto. Só me prometa que não vai fazer nenhuma bobagem. Nossa filha está precisando de nós dois.

— E estaremos aqui para ela. Você sabe que me arrependo de ter feito o que fiz. Não devia ter dito as coisas que disse e nem posto ela para fora de casa. Esse é e sempre vai ser o lar dela.

— Ana está sofrendo e devido as suas atitudes ela sofreu ainda mais, mas creio que tenha sido um aprendizado. Nossa filha é muito inteligente e sempre aprende com os obstáculos que a vida impõe — falou, o orgulho era palpável no ar.

— Eu já entendi seu lado, John, mas você precisa falar com ela. Sem mais brigas, por favor. Ana está frágil e passando por muita coisa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sem brigas. Só quero que fiquemos em paz. Quero poder curtir minha filha e minhas netinhas — assegurou.

— Peço também que respeite os sentimentos dela em relação ao Paul. Eles de fato se amam, mas são dois cabeças-duras. Ele até mais que ela.

Johnson bufou. Não gostava dessa ideia, mas respeitaria.

— Tudo bem. — Acenou levantando as mãos em sinal de rendição. — Quero saber o que esse rapaz aprontou. E não se preocupe, sei bem das burradas que somos capazes quando se ama.

Glória adorou ouvir aquelas palavras. Se beijaram e seguiram para o quarto deles, ela iria lhe contar tudo e rezar para que de fato não fizesse nada, mas já estava na hora do marido saber toda a verdade sobre o namoro da filha.

PERIGOSAS ACHERON



Mais tarde, Ana acordou e se sentia um pouco relaxada. Não poderia estar totalmente, pois logo teria uma conversa com seu pai e sabe bem o quanto ele é turrão. Só esperava que não brigassem mais. Estava feliz por estar de volta em casa e no seu quarto. Tudo o que mais desejava era um pouco de paz em sua vida de agora em diante.

Mesmo em meio a toda a confusão em torno dela, Ana se sentia extremamente feliz. Sua gravidez era a realização de um sonho, ainda mais que era de gêmeas e do homem que amava. Por mais ogro que ele esteja sendo.

Sem querer mais pensar nele, ela se levantou e pegou um vestido leve para usar, havia dormido de roupão mesmo de tão cansada que

PERIGOSAS NACIONAIS

estava. Calçou uma sandália baixa, prendeu os cabelos negros e levemente cacheados em um rabo de cavalo, parou um segundo em frente ao espelho enorme que tem em seu quarto e ficou olhando para sua barriga sob o leve tecido florido.

Era sempre assim, quando se via diante de um espelho ficava admirando a bola em seu estômago. Ana sempre achou maravilhosa a ideia de carregar uma vida dentro de si e ela tenha duas. Duas vidas, suas tão sonhadas meninas. Não poderia estar mais feliz e agradecida por essa benção dos céus.

Sorrindo ela saiu de seu quarto e quando passou pela porta ao lado do seu não resistiu. Entrou e ficou imaginando quando estivesse pronto e todo equipado com tudo que suas filhas precisam. As paredes pintadas, os berços, trocadores, os guarda-roupas.

PERIGOSAS ACHERON

Nada de coisas iguais, apenas alguns poucos vestidinhos. Ela queria que cada uma tivesse sua personalidade. Viu que tudo já estava ali nas caixas, no dia seguinte começaria a arrumar tudo. Saiu e rumou pelo corredor, desceu as escadas em busca de seus pais.

Os encontrou na cozinha fazendo um lanche. Seu pai, que estava de frente para ela, lhe sorriu.

— Venha e nos faça companhia, meu docinho de mel — chamou sua mãe.

Mas Ana ficou estática, não sabia qual seria a reação do pai e se assustou quando ele levantou e parou a sua frente. Estava visivelmente emocionado olhando para ela e sua barriga, John foi o primeiro a falar.

— Olá, querida — sussurrou.

— Papai! — devolveu no mesmo tom.

— Ana, eu... — Ele não sabia por onde começar. Não queria mais magoá-la.

— Por que não sentamos a mesa? Está com fome, amor? — indagou Glória.

Eles continuaram frente a frente. Olhando nos olhos um do outro. Mesmo relutante, Ana não desviou do seu olhar e viu que de fato o pai estava nervoso, parecia mesmo arrependido. Ficou quieta apenas esperando ele falar algo e ele fez.

— Me perdoe, filha. É por onde devo começar, pedindo o seu perdão. Eu não devia ter dito o que disse, foram palavras duras e agressivas demais, ainda mais no estado em que você estava. Tinha acabado de sofrer um acidente horrível e poderia nem estar mais entre nós. Não devia ter te mandado embora de um lugar que é seu e de onde você jamais deveria sair — disse ele emocionado.

— Papai, não vou negar e dizer que não me

magoou. Magoou sim e sei que nunca irei esquecer nada do que venho passando desde o dia daquele bendito acidente.

Ela fechou os olhos. Não gostava de reviver aquele momento. Principalmente agora que já lembrava-se de tudo o que tinha acontecido.

— Eu posso imaginar o quanto tem sofrido. E peço do fundo do meu coração que me perdoe por ter agido por impulso.

— Tudo bem, papai. O que importa é que está arrependido — disse Ana com firmeza.

— Sou seu pai e fui levado pela mágoa e ressentimento de saber que minha única filha estava fugindo de casa, com o namorado e ainda por cima grávida de gêmeos. Sem contar que o tal namorado é o filho de uma pessoa que eu não gosto nem um pouco — lamentou ele.

— É compreensível, pai. Como disse, nunca

irei esquecer, mas posso conviver com isso. Tenha certeza de que me serve como experiência. — John sorriu.

— Exatamente o que sua mãe disse. — Ele olhou para a esposa que piscou um olho. — Que você é muito inteligente e levaria como aprendizado todo o sofrimento que tem passado.

— Eu tenho que ser forte por elas, não posso fraquejar. Não mais — afirmou alisando sua barriga carinhosamente.

John a olhou admirado. Sua menina havia crescido diante das dificuldades. Isso o deixava orgulhoso, ela tinha o seu sangue nas veias. Era durona e não se deixaria abater, seguiria em frente.

— Posso? — Pediu olhando para sua barriga, ela acenou positivamente.

Glória sorria feliz por eles finalmente terem se entendido. Já estava mais do que na hora. Claro

que John não aceitou fácil o fato do Paul está acusando sua filha de traição, ele sabia que Ana não seria capaz de tal ato se estava tão apaixonada ao ponto de querer fugir de casa com ele. Ainda teria uma conversa franca com aquele moleque, era o pensava Johnson.



Paul não seguiu direto para a fazenda como planejou inicialmente, parou em um bar na beira da estrada o qual todos da região frequenta. Ele próprio era cliente de lá, gostava de ir aos finais de semana com alguns amigos, inclusive a Ana ele já havia levado até lá.

Não era um simples bar de beira de estrada. Ele tinha uma pista de dança e lotava as vezes, era um lugar legal, familiar mesmo. Mas aquele horário

não tinha muita gente, todos deviam estar trabalhando e cuidando de seus afazeres.

Paul sentia que precisava de uma bebida, estava cansado de tudo o que vinha acontecendo. A pressão que sofria por parte de seu pai, para acreditar em Ana. Por outro lado sua mãe que era contra e lhe dizia que ela era uma dissimulada e que tinha dúvidas se os bebês eram mesmo de seu filho. Tinha o seu coração idiota que não aguentava ficar longe dela e a maldita carta. Aquilo parecia queimar em suas mãos toda vez que ele tocava.

Ele sempre a lia para não esquecer, mesmo que não esquecesse fácil. Mas lia quase que diariamente, era uma forma de evitar ir atrás de Ana e pedir perdão por tudo, pedir para lhe contar sua versão. Ele sabia que não podia ouvi-la ou causaria mais confusão em sua cabeça.

Já não sabia mais o que fazer. E para

completar Ana lhe pediu para se afastar de vez dela. Isso estava tirando a pouca sanidade que ainda tinha.

Entrou no bar, na esperança de encontrar um pouco de sossego. Sentou em uma mesa no canto e pediu uma garrafa do melhor uísque, ia tentar clarear um pouco as ideias. Logo foi servido por Emma, filha da dona do estabelecimento.

Emma era uma jovem loira e linda. Porém fútil, não se importava com nada, nem ninguém, quando queria alcançar seus objetivos. E na cabeça dela teria Paul só para si um dia. Emma é apaixonada por ele, mas nunca teve chance, pois Paul sempre teve sua atenção voltada para Ana. Agora, que não estão mais junto, ela vai partir para o ataque.

— Olá, Paul — cumprimentou sem esconder a felicidade por ele estar ali. Trazia um

sorriso enorme em sua face.

— Como vai, Emma? — Acenou ele. Mais para ser educado.

Como todo homem ele é cego e não percebe nada. Paul nunca notou que Emma é a fim dele e olha que o cerca e não é de hoje. Já tentou ficar com ele várias vezes.

— *Bia, vem aqui — grita Juliene.*

— *Eita, onde é o incêndio?*

— *Você vai narrar essa parte sozinha —
fala exasperada.*

— *Tá bom, de que parte você está falando?*
— *questiona a irmã, com calma.*

— *Da parte em que vadia da Emma começa
a jogar seu charme para o papai no bar. Na
primeira vez que ele foi lá após o acidente. Não
gosto dessa mulher e ter de relembrar o seu jeito
nada sutil de dar em cima dele está fazendo meus
instintos assassinos ficar aflorados.*

— *Tudo bem, vai descansar um pouco.*

Capítulo 11

— Melhor agora. E você, como está?

— Levando como posso — respondeu após engolir uma dose generosa do líquido âmbar, já se servindo de outra.

Emma continuava de pé ao lado de sua mesa.

— Soube o que aconteceu com seu irmão. Eu sinto muito. — disse ela se mostrando solícita.

Ela conhecia o Charlie *muito bem* e realmente ficou chocada com o acidente e sua morte.

— Não precisa sentir nada, ele não merece que sofra por ele — cuspiu Paul, amargamente.

— Nossa, tudo bem... Você precisa de algo

PERIGOSAS NACIONAIS

mais?

— Não, por hora é só. Obrigado, Emma — dispensou. Porém ela continuou de pé ao seu lado.

— Se precisar de mim é só chamar.

Paul então a olhou.

— Algum problema, Emma?

— Posso te fazer companhia se quiser, é claro — oferece ela.

Paul a olhou dos pés à cabeça e viu que ainda era uma menina que queria ser mulher. Não cairia nessa assim tão fácil. Mesmo sendo apenas dois anos mais velho, para ele, ela não era atraente, não como sua Ana que tinha tudo o que ele queria e muito mais em uma mulher. Para ele, Ana era perfeita, até fazer o que fez.

— Obrigado, Emma. Se precisar de algo, eu chamo. Não se preocupe comigo.

PERIGOSAS ACHERON

E assim ela se foi, deixando ele sozinho com seus pensamentos. Mas ficou do bar o olhando e suspirando, sonhando com o dia que o teria em seus braços. Ela também sabia de toda a história que circulava pela cidade e havia ficado feliz pelo fim do namoro.

Emma via como uma chance de conquistá-lo, ainda mais da forma que o relacionamento deles tinha chegado ao fim, para ela Ana tinha mesmo o traído o com o irmão. Ela nunca gostou de Ana, pelo simples fato dela namorar com Paul. Desde que entraram na escola, ainda quando pequenas, que existe essa hostilidade por parte das duas. A recíproca é verdadeira, Ana também não gosta dela. Achava ela uma oferecida e ao contrário de Paul que não via nada, ela via tudo.

Paul sempre demonstrou interesse por Ana, assim como Charlie. Emma queria que ele olhasse

PERIGOSAS NACIONAIS

para ela, mas quem fez isso foi seu irmão e mesmo assim ficava o tempo todo falando de Ana em seu ouvido. “Ana isso ou Ana àquilo”.

Foi no início de sua adolescência quando eles ficaram a primeira vez, os gêmeos são dois anos mais velhos que elas e sempre chamaram atenção pela beleza deles em toda cidade. Paul sempre foi o mais reservado e o que lhe causou mais interesse, mesmo sem nunca sequer ter olhado em sua direção. Emma pensava que por ele estar carente agora, teria uma chance e não desistiria.

Ela namorava com Charlie às escondidas e quando ele foi embora da cidade sabia que tinha sido por causa do namoro do irmão. Ele não se conformava que Ana não lhe desse um olhar que fosse. Só tinha olhos para seu irmão, só via ele e planejavam casamento assim que ela terminasse os estudos e seu pai aceitasse, é claro. Emma não

PERIGOSAS ACHERON

sabia que ele tinha enfim conseguido algo com ela e que ainda por cima fugiriam, apenas soube do acidente e se surpreendeu.

Emma viu o momento exato em que Henry entrou no bar. Henry é primo de Paul e, melhor amigo gato e sexy, muito lindo com aqueles olhos azuis que conquistam qualquer mulher. Mesmo sendo quatro anos mais novo, eles se entendem como ninguém, Henry é seu confidente e ele acredita em Ana.

— *Sim, esse é o meu Henry. Portanto, tirem o olho.*

— *Essa é minha irmã sendo possessiva. A vadia ainda está em cena?*

— *Você não viu ele sendo possessivo, irmã. Não chega nem perto do meu ciúme mais básico. E sim, ela ainda está em cena. Só abri um parêntese para explicar que é o MEU Henry e assim os leitores não se confundem e nem ameaçam olhar para ele.*

— *Pois é. O coroa é gato, gente. O papai é mais com toda certeza.*

Bianca fuzila a irmã com os olhos.

— *Não chama ele assim. Mas me conta, achou algum peão interessante ao ponto de você ir*

rolar no feno com ele?

— *Oh, sim. Encontrei um perfeito, mas ele me parece ser difícil. Do tipo marrento, ele é sexy até respirando.*

Juliene se joga na cama.

— *Temos alguém apaixonada aqui!? — zomba Bia.*

— *Oh, não. Apenas quero rolar no feno com ele.*

Elas gargalham.

— *Quem vai rolar no feno?*

— *Não se tem um pingo de privacidade nesta casa — resmunga Ju.*

— *Bem-vinda ao clube, irmã.*

— *Vocês podem me explicar o que está acontecendo? — exige Paul.*

— *Se vira, tô voltando pra história. — fala*

PERIGOSAS NACIONAIS

Bia para a irmã lhe pede socorro com o olhar.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 12

— Enchendo a cara no meio da semana, primo?! — brincou Henry assim que sentou de frente para o primo, que já havia tomado metade da garrafa.

— Não tem nada melhor para fazer que encher o meu saco, Henry? — bradou.

— Por incrível que pareça, não tenho. Tio Josh sabe que você está aqui? — perguntou ele se servindo com uma dose de Jack.

— Ele não precisa saber de todos os meus passos.

— Não, não precisa.

— Pois bem. O que você quer aqui, Henry?

— Vou te fazer companhia.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não preciso da sua companhia. Pode ir e me deixar aqui na companhia do bom e velho *Jack*.

— Não seja egoísta, primo. Também quero um pouco desse néctar maravilhoso. Mesmo tendo o nome de um homem, devo admitir que é saboroso — falou tentando fazer graça.

— Não estou com humor para brincadeiras hoje, Henry.

— Me conte o que aconteceu, Paul. Sou seu amigo e estou aqui para isso.

Eles se olharam.

— Ana pediu que eu suma da vida dela de uma vez por todas.

— Wow! O que você fez agora?

— E por que eu deveria ter feito algo? — Ergueu uma sobrancelha.

— Porque você vem fazendo merda, uma

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

atrás da outra, desde que ela saiu daquele hospital.

— Você disse que era meu amigo.

— Ser seu amigo é lhe falar a verdade quando preciso. E você está precisando ouvir umas.

— Paul bufou.

— Nós transamos, ontem.

Henry quase cuspiu os amendoins que acabara de levar à boca.

— Porra! E depois ela foi embora?

— Não. Eu pensei...

— Que estava tudo bem? — completou.

— Sim — disse com um fio de voz.

— Sem você sentar e conversar com ela, sem você ouvir o lado dela nessa confusão toda?

— Novamente: achei que você era meu amigo — resmunga e toma mais uma dose.

— Te digo o mesmo que disse antes, eu sou

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

seu amigo. Mas, não vou passar a mão na sua cabeça. Mano, você conhece a Ana desde sempre. Namora com ela há anos, como pode desconfiar sem nem ao menos ouvi-la?

— Namorava — corrige.

— Que seja, você entendeu.

— Você não entende.

— Me faça entender, estou aqui para te ajudar no que puder.

— Ninguém pode me ajudar — lamentou-se.

— Me conta o que aconteceu depois que vocês... Ah, você sabe — pediu.

— Levei Ana a consulta com um ginecologista babaca que dá em cima dela na maior cara de pau. Tive vontade de bater no infeliz. Eu ouvi o coração dos bebês, além de saber o sexo.

PERIGOSAS ACHERON

Um sorriso surgiu em sua face ao lembrar-se da consulta, exceto a parte sobre o doutor Derick.

— Olho aberto com esse doutor aí. E como foi ouvir coração e saber o sexo dos bebês? — Henry se sentia o psicólogo.

— Foi... Palavras não podem descrever esse momento pra mim. É uma emoção sem igual. Um deles batia bem rápido e outro mais devagar — contava todo empolgado. — São duas meninas, eu vou ser... — se interrompeu.

— Vai ser? — incentivou. Paul saiu do transe rápido.

— Tio. Serei *tio* de duas meninas.

— Paul, você é meu primo e sabe o quanto eu o respeito e é exatamente por isso que eu vou te dizer: você está sendo um completo estúpido. Um covarde, arrogante e filho da puta — cuspiu Henry,

que parecia enfurecido.

— Olha como fala da minha mãe, seu pentelho!

— Sua mãe? Tia Joanna odeia a Ana e faria qualquer coisa para ver vocês dois separados. Garanto que já pôs mais merda ainda na sua cabeça, se bem que mais do que já tem é meio impossível.

— Você não sabe o que está dizendo, não sabe o quanto estou sofrendo!

As vozes da discussão começam a ficar mais exaltadas, chamando atenção dos demais.

— Você é um merda, Paul! Um hipócrita do caralho. *Você* está sofrendo? E a Ana que está carregando suas filhas? Ainda por cima tem um ex-namorado que não acredita nela.

Os dois se levantam e se encaram. Paul não se sentia tonto enquanto estava sentado, mas ele

PERIGOSAS NACIONAIS

havia bebido mais de meia garrafa de *Jack's* sozinho e em poucos minutos. Então, a bebida tinha feito efeito sem que ele percebesse realmente.

— E quem é você para me julgar, idiota?

Paul se ergue, cambaleante, e acerta em cheio a face de Henry que agora tem um corte em seu supercílio direito. Henry tocou sua face e quando olhou para sua mão viu o sangue. Ele balançou a cabeça negativamente.

— Você é um arrogante de merda, O'Malley — sussurrou e deu as costas para o primo.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 13

— Acordou cedo, filha! Está mais radiante hoje, viu um passarinho verde?

— Não, mamãe! Só dormi bem. Como há muito tempo não dormia desde o... Bem, você sabe.

— Ana para de falar quando percebe que vai citar o acidente. — Talvez as coisas comecem a dar certo. E também levantei com vontade de passear pela fazenda. Estou com saudades e quero pegar o sol da manhã — diz com um sorriso singelo no rosto.

— Ótimo! Isso fará muito bem a você e minhas netas. Aliás, como elas estão?

— Acho que não acordaram ainda. Estão preguiçosas — diz acariciando sua barriga já volumosa.

Ana ajudou sua mãe e retirar a mesa do café

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

da manhã e lavar os pratos, depois foi em direção aos estábulos onde os cavalos ficavam. Sabia que lá encontraria seu amigo Henry e ela estava com saudades, já que há muito tempo não conversavam. Chegando lá, na primeira porta, encontrou Esmeralda. A égua relinchou forte quando ela se aproximou.

— Ei, você. Também estou com saudades. Prometo vir todos os dias aqui pra te ver. — Abraçou sua égua que recebia o carinho com certa admiração e saudade também. — Sabia que logo vou te apresentar minhas filhas? — Ana conversava com égua, contando seus dias e não viu quando Henry saiu do outro galpão.

— Ela sentiu mesmo sua falta. Quando foi embora, teve dias que ela nem comeu — Henry fala em um tom suave, tocando a crina de Esmeralda.

— Henry, estava com saudades!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ana abraçando ele o mais forte que consegue.

— Aninha, vai devagar! — geme ele, dolorido.

Ela se afasta e quando focaliza o rosto do amigo, arfa.

— Seu moleque! Onde é que se meteu em briga assim desse jeito? Você não era assim, foi só eu sair daqui por um tempo que você virou... — Henry começa a rir, interrompendo o raciocínio da amiga.

— Também senti saudades, *mamãe*! Acho que seu espírito materno já está aflorado — zomba.

De fato sempre cuidavam um do outro, mesmo em idades tão próximas, com apenas dois anos de diferença.

— Não é espírito, é instinto! E pare de fugir da minha pergunta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ok. Eu não me meti em briga nenhuma. Só falei umas verdades para alguém e ele ficou furioso. A verdade sempre dói, mais que soco na boca do estômago. — Henry ri.

— Quem foi Henry? — pergunta impaciente.

— O meu primo, pai das suas filhas.

Henry trabalha na fazenda do pai de Ana, desde mais jovem. Amava a fazenda e sonhava em ser médico veterinário. Apesar da pouca idade, sempre foi um menino centrado e preocupado com todas as coisas ao seu redor. Ele não gosta da fazenda do tio, pois a esposa dele não o trata bem por ser adotado, então se mantém distante das terras vizinhas.

— Eu não acredito! Me deixa ver isso — exclama Ana, já nervosa.

— Ei, não precisa. Mamãe já viu e a sua

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mãe também. Isso dói pra vocês ficarem mexendo assim — fala com cara fechada.

— Eu vou castrar aquele infeliz. Ele já está sendo estúpido o suficiente comigo, não precisa ser com os outros também.

— Pode ir parando, dona moça! A senhorita não fará nada. Eu não contei para te estressar, mais porque queria que soubesse por mim e também sabia que não ia parar de me incomodar até saber o que tinha acontecido. Se você for se estressar assim eu nunca mais conto nada relacionado a ele.

— E quem disse que quero saber algo dele?
— rebate.

— Tá bem. Faremos assim: eu finjo que acredito que você não quer saber dele assim como ele finge pra ele mesmo que não te ama mais — diz se afastando para pegar mais feno para dar aos cavalos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Argh! Tá bom... Vamos mudar de assunto. E as namoradas?

— Não tenho nenhuma, você sabe!

— Você é muito certinho! — Ela gargalha e Henry a fita sério.

— Só não vou te fazer cócegas e correr atrás de você, pois seria covardia eu fazer isso com você nesse estado.

— Ainda bem que essa barriga serve pra eu me livrar de algumas coisas.

— Vai aproveitando enquanto pode.

— Vou começar com um pedido. — Sorriu ela.

— Vai começar a me explorar, isso sim. Pede logo, Ana.

— Quero que me ajude a montar os móveis do quarto das meninas — disse alisando a barriga.

PERIGOSAS ACHERON

— Com todo prazer, querida cunhada.

— Não sou sua cunhada. Mesmo se ainda tivesse algo com o arrogante do seu primo, não seríamos cunhados, Henry.

— Eu sei, mas gosto do termo. — Deu uma piscadela.

A conversa entre os dois transcorreu na maior tranquilidade durante a manhã toda. Ana entrou para o almoço levando Henry consigo, ainda tinham muito o que conversar, ficaram muito tempo afastados e precisavam pôr o papo em dia.

Na parte da tarde foram para o quarto ao lado do seu e começaram a arrumar as coisas. Henry pintou todo ele, teve dificuldade para montar o berço, mas logo ele estava armado. Ficaram até tarde da noite para que tudo estivesse em seu devido lugar o quanto antes, afinal Ana já estava de quase seis meses e uma gestação de gêmeos tende a

ser de um tempo menor que uma onde só se tem um único bebê. Ela não pôde ajudar muito, pois logo se cansa e também havia o cheiro forte das tintas, mas fez o máximo que conseguiu. Seus pais também ajudaram bastante.

Agora, Ana olhava para todo o quarto, com o berço, os guarda roupas no seu canto e todos os outros móveis em seu devido lugar, fascinada. Só faltavam os enfeites que colocarão quando estivesse próximo a data marcada para o parto, dali algumas semanas.



— Posso me sentar ou corro o risco de levar outro soco? — zombou Henry de si próprio já sentando.

— Não sei por que pede. Mas não, você está

seguro perto do monstro aqui.

— Você precisa sair dessa fossa. Não dá para passar todas as suas noites sentado nessa cadeira e enchendo a cara — criticou.

— Estou repensando sobre você ainda estar seguro ou não — resmungou.

Paul, de fato, tem passado todas as noites, quando encerra seu turno na fazenda, enchendo a cara, literalmente, como disse o Henry. Ele vai para o bar da mãe de Emma e fica por lá até cair e ser levado por ela ou pelo primo para casa. Quando conseguem isso, às vezes ela o coloca para dormir em seu quarto. Ela alega que não conseguia falar com o Henry e por isso o deixava dormir ali.

— *Vadia! Não gosto dessa mulher. Ela nunca vai me descer pela garganta.*

— *Porque ela era intragável, querida irmã. E você sabe bem disso. Também odeio essa vaca de quinta!* — *diz Bia.*

— *Coitada da vaca, mana.*

— *Verdade. É uma ofensa pra raça.*

— *Enfim, me deixa encerrar aqui.*

— Eu sei que não gosta de ouvir a verdade — disse Henry com um sorriso de canto.

Não tinha medo do primo. Pelo contrário, tudo que queria era ajudar aqueles dois a se entenderem. O tempo estava passando e se aproximava o dia marcado para o parto de Ana e ele queria que o babaca do pai das crianças estivesse presente nesse momento ou iria perder ela logo, logo.

— Ainda estou sóbrio, Henry. Volta mais tarde — falou Paul ignorando o comentário do primo.

— Não, hoje também quero tomar um porre.

— O que houve?

— Nada, só estou um pouco cansado e quero espairecer.

— Estudando muito?

— Como um louco e ainda tem o trabalho na Fazenda Esperança. — Lançou um olhar na direção de Paul que pigarreou.

— Como estão as coisas por lá? — pediu baixinho.

— Você quer saber da fazenda ou da Ana?
— Henry não tinha papas na língua. Sempre ia direto ao ponto.

— Você sabe que é dela — bufou impaciente.

— Ana está radiante. A gravidez fez bem a ela, sabe, parece que algo mudou.

— Como assim? — perguntou Paul preocupado de que algo pudesse estar acontecendo sem que ele soubesse. Achava que Glória podia
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

muito bem está lhe escondendo as coisas a pedido da filha.

— Ela amadureceu, está um pouco diferente. Mas ainda é minha amiga de sempre.

— Entendo. E como... — Parou pensando em como poderia fazer a pergunta que mais queria.

— Como?

— Você é um pé no saco mesmo. Me fala logo como ela está, como as meninas estão.

— Hummm. Bem, as três estão muito bem.

— Será que ela está precisando de algo?

— Sim, está.

— De quê? Fala logo, porra — esbravejou.

— Do pai delas. Ana está precisando do pai de suas filhas ao lado dela.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 14

Charlie

Eu sou Charlie O'Malley e estou aqui para falar um pouco sobre o que sinto pela linda e bela Ana.

Ana é linda por dentro e por fora. Tem um coração gigante, pena que o único amor que ela me dê seja de amigo. Tem sido assim desde a infância. Paul era o seu namorado e eu seu amigo.

Éramos um trio. Com o tempo fui me afastando deles, não aguentava ver a mulher por quem sempre fui apaixonado ser feliz com outro, mesmo que esse outro seja meu único irmão. Foi

PERIGOSAS NACIONAIS

assim que resolvi dar uma chance à pobre Emma que era outra a sofrer por amor, no seu caso pelo Paul. Emma era apaixonada por ele desde sempre também e assim como eu, nunca teve uma chance. Paul só tem olhos para Ana.

Ao contrário do que possam pensar, eu não sou obcecado por ela, eu a amei de verdade e sem maldade. Não sou mais um daqueles vilões malucos que fazem de tudo para acabar com a vida dos mocinhos. Sei que cheguei ao extremo, mas minha intenção era de ter apenas uma chance com Ana.

Tudo que fiz foi com o intuito de fazê-la ver que eu podia ser o homem ideal para ela. Desde que nos conhecemos Ana só enxerga o meu irmão, nunca sequer me deu um olhar que não fosse como amiga. E ela tem sido uma boa amiga.

Sei que me ama e por isso fiz a maluquice

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de me passar pelo Paul. Vesti-me como ele, falei como ele deixando meu sotaque prevalecer, coisa que já nem tenho tanto assim, visto que fui embora tem uns dois anos para bem longe desse inferno. Não fui feito para viver na roça, como meu irmão. Uso os cabelos mais curtos ao contrário dele e mesmo assim arrisquei. Jogaria uma desculpa de que queria mudar para fugirmos sem sermos reconhecidos com facilidade. Apesar de não estar tão diferente assim dele, nossas diferenças estão por dentro. Paul é aquele cara certinho que gosta de cuidar da fazenda e viver no campo. Eu não gosto nem um pouco, minha vida é bem longe do campo e por isso decidi alçar voo na capital e de lá segui para Nova York, onde me encontro atualmente.

Tudo teria dado certo, não fosse a porra daquele caminhão ter entrado na minha frente, também tem o fato de que estávamos em uma discussão calorosa e perdi o foco da direção.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Hoje, pensando com mais clareza, vejo que a viagem não sairia como planejado. Assim que Ana descobriu que eu não era o Paul, ficou muito alterada, gritando e pedindo que parasse o carro.

Deixei uma carta para o Paul e sei que ela pode causar um estrago grande por isso tomei algumas decisões.

Sim, eu estou vivo e bem vivo, queridas.

Eu fui jogado para bem longe do carro no acidente. Não me machuquei tanto, apenas algumas escoriações e cortes chatos que me incomodaram por um tempo. Sai dali assim que vi Ana ser atendida pelos paramédicos e encontrei uma pessoa que me ajudou, cuidou de mim. Não sei de mais nada que se refere a eles, percebi de uma forma dolorosa que entre a gente nunca vai acontecer nada.

Na verdade, eu voltei lá sim... Mas acho que

PERIGOSAS ACHERON

não posso contar pra vocês aqui e agora. Minhas sobrinhas me pediram apenas minha versão para o que aconteceu naquela época do acidente e nada mais. Elas podem ser bem intimidantes quando querem.

Bom, espero que tenham entendido um pouco do meu lado da história.

Capítulo 15

Ana

Acordar naquele quarto de hospital e descobrir que minha vida havia mudado drasticamente foi terrível. Nunca irei me esquecer de tudo que passei. As brigas com meu pai e com o Paul. Foram tantas coisas que tive que aguentar. As pessoas apontando e cochichando na rua toda vez que eu passava. Alguns me olhavam com pena, por estar grávida na minha idade e sem um marido.

Segundo todos ao meu redor eu estava grávida do irmão gêmeo do meu namorado, que se tornou ex rapidinho, após descobrir a tal "traição". E só para ter a cereja no bolo, Charlie morreu no

PERIGOSAS NACIONAIS

acidente e não podia me inocentar de nada. E quer saber? Eu não queria isso vindo dele, pois a pessoa que deveria confiar em mim não tinha que precisar da palavra de ninguém para isso. Apenas da minha.

Eu me sentia mais do que confusa diante de tantas acusações. Era meu pai dizendo que eu o enganei, que trai sua confiança ao me deitar não somente com um, mas os dois filhos do homem que ele mais odiava e ainda por cima ter engravidado. Mesmo hoje sabendo que ele tenha dito tudo na hora da raiva, me magoa saber que o homem que me criou e me educou pudesse duvidar assim da minha índole. Ele tendo me posto pra fora de casa foi apenas o início do meu inferno, pois tive que ir morar com meus, até então, ex-sogros, visto que o homem por quem eu julgava ser amada tinha me dado um belo pé na bunda e, assim como todos a minha volta, exceto minha mãe e o pai dele, era convicto da minha traição.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Como ele podia pensar que eu era capaz de traí-lo? Ainda por cima com seu irmão, eu não conseguia entender.

Quando abri os olhos naquela noite eu não lembrava bem o que tinha acontecido. Porém, aos poucos foram voltando as lembranças, como uma avalanche. Charlie chegando lá em casa e eu como uma trouxa achei que fosse o Paul, por quê? Simples, ele era o Paul. Cabelo mesmo que cortado, não muito curto, visto que sempre usara longo. Aceitei sua desculpa (do cabelo mais curto) de que era para não nos encontrarem tão fácil, roupas e sotaque acentuado. Aquele no meu quarto aquela noite para mim era o Paul e fim de papo.

Sim. Era muito estranho, depois da tarde que passamos, ele não ter me dito nada e simplesmente ter chegado lá em casa daquele jeito desesperado, mas já havíamos pensado na

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

possibilidade de fugir várias vezes para poder viver nosso amor em paz e depois voltaríamos. Paul, às vezes, era impulsivo e podia ter decidido ir embora assim devido a algo que tivesse acontecido no curto espaço de tempo em que nos afastamos e depois ele me contaria os motivos, pois foi o que Charlie me disse se passando por ele, que no caminho explicava.

Papai não iria poder fazer nada a respeito, se assim fosse. As coisas tinham ficado mais complicadas, pois ele estava desconfiado do nosso namoro, boatos estavam se espalhando, então ele me proibiu de sair de casa. Eu só via o Paul quando ele ia dormir comigo ou quando dava um jeito de ir lá em casa assim que papai saía. Como já não estudávamos no mesmo colégio as coisas ficaram mais difíceis.

Mamãe e Joseph sempre nos deram apoio,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

os únicos que eram contra, até mesmo que nos falássemos, eram meu pai e Dona Joanna — mãe de Paul. Dona Glória, minha mãe, já havia tentado falar com papai a respeito, mas ele era inflexível. Não queria nem pensar na possibilidade de sua filha namorar o filho de seu "inimigo". Tudo por um ciúme bobo de adolescência.

Ter o homem que eu amava me julgando uma mulher infiel me destruiu como jamais imaginei. Mas o maior choque foi descobrir a gravidez e ele dizer que não eram dele os bebês. No início eu fiquei em choque, triste, magoada, numa depressão terrível. Não tinha fome, não conseguia dormir, não queria respirar. Só queria que fosse um pesadelo e quando eu acordasse alguém me falasse que estava tudo bem.

Como ele podia pensar tais coisas a meu respeito?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu havia me entregado por amor e ele me julgava dessa forma por puro e simples orgulho e ego ferido. Bastava ele sentar e me ouvir que tudo se esclareceria, mas não, ele preferiu a certeza dele. E fodam-se se eu não joguei tudo para o alto e passei a pensar no presente mais valioso que Deus tinha me dado em meio a tudo aquilo. *Minhas filhas!*

Descobrir-me grávida foi um baque inesperado, ainda mais na minha idade e diante dos cuidados que tínhamos, porém bem recebido. Depois de ter uma conversa com meu médico, na qual me esclareceu que o anticoncepcional que eu fazia uso perdera seu efeito após um tratamento que fiz com antibióticos fortes para uma crise de garganta que tive. Isso explicou e muito o fato de estar grávida. Não éramos tão adeptos da camisinha e deu no que deu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Acho que se não fosse por elas, talvez eu tivesse ficado imersa naquele pesadelo que foi minha ida para a casa de Paul por muito mais tempo, na esperança dele me ouvir e assim voltarmos ao que éramos antes daquele maldito acidente.

Ledo engano, Paul ficava cada dia mais distante. Mal me olhava das vezes em que me arrisquei a sentar à mesa para alguma refeição. Foi aí que passei a ficar mais tempo enclausurada no meu quarto e logo tomei a decisão que me fez chegar onde estou hoje.

Decidi ir embora, mesmo após ter sido fraca e caído em seus braços mais uma vez, uma última vez. Eu sabia que seria nossa despedida, palavras rudes foram ditas dos dois lados e quando ele me beijou não fiz o menor esforço em resistir, só me entreguei, mesmo com meus pensamentos sendo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

contra. Naquele mesmo dia fui embora sem olhar para trás.

Os dias foram se passando e eu voltei para casa, fiz as pazes com meu pai, que babava na minha barriga, ansioso para ver as netas tanto quanto eu.

Minha gestação era a mais tranquila possível e eu estava radiante a cada mudança em meu corpo. O quarto das minhas meninas foi montado com a ajuda de meu amigo Henry. Que pintou e montou todos os móveis junto com papai. Mamãe me ajudou na decoração e a arrumar todas as coisinhas. Paul me surpreendeu ao mandar várias coisas pra elas. Coisas que planejamos comprar quando conversávamos sobre ter filhos e nosso sonho era que fossem gêmeas. Uma pena que ele não esteja ao meu lado curtindo cada momento que tenho com elas. Mas foi uma escolha dele não

PERIGOSAS ACHERON

confiar mim.

— Por que ele faz isso, mãe?

— Porque ele te ama, meu docinho de mel.

— Sorrio. Amo esse jeito carinhoso dela.

— Um dia eu acreditei nesse amor, mãe. Hoje não mais — digo olhando para os presentes que ele mandou.

Um carrinho duplo para bebê, dois macacões jeans que elas só irão poder usar quando tiverem uns três anos de tão grande que são. Dois ursinhos de pelúcia, um cavalo e uma égua. Parecidos com os nossos. Respirando fundo, saio do quarto seguindo para mais uma consulta.

Minhas consultas passaram a ser na companhia de mamãe, antes era o Paul que me acompanhava. Uma contradição maluca, mas era. Segundo ele só queria saber como estava o crescimento e saúde de suas *sobrinhas*. Quando ele

dizia que as meninas eram suas *sobrinhas* eu tinha vontade de matá-lo. Paul ainda ia, mas não entrava na sala de exames, eu não permitia. Pedi que ele se mantivesse o mais distante possível de mim, depois que saí da casa dele. Mas não iria afastá-lo delas, minhas filhas não tinham culpa das coisas que aconteceram entre nós. Eu sabia que sob aquela casca onde ele simulava não se importar, se importar era tudo que ele fazia.

Eu tinha me machucado demais com Paul e desistido de nós dois. Se ele não confiava em mim, não tinha o porquê de eu ainda ter esperança de mais nada. Só rezava para que um dia ele assumisse que elas eram suas.

Derick adorava barrar o Paul na porta. Sua implicância com ele, segundo mamãe, se dava ao fato de estar interessado em mim. Mães e seu sexto sentido. A cada consulta eu ficava mais próxima de

Derick, ele me tratava com tanto carinho e não tentou avançar nem um sinal comigo até sentir que eu estava aparentemente pronta. Nos tornamos amigos, bons amigos.

Após muita insistência de Dona Glória, eu aceitei sair com ele para um passeio e passamos a fazer vários desde então. Derick me surpreendeu ao nos levar para um piquenique em nosso último encontro. Foi uma tarde maravilhosa, salvo por um pequeno incidente.

— Um piquenique? — indago surpresa, mas feliz, assim que ele tira uma enorme cesta da parte de trás de seu carro.

— Pensei em curtimos um pouco de natureza. O ar livre faz bem para você e também estamos perto da estrada. — Ele refere-se ao tempo de minha gestação que está bem no final. *Muito atencioso, Dr.* — Gosta? — questiona com um

lindo sorriso.

— Adoro, ainda mais aqui. Obrigado por pensar nesses pequenos detalhes.

Estamos na beira do lago que divide as duas fazendas "rivais". Sim. É o mesmo rio em que passei muitas manhãs e tardes no tempo em que estive hospedada na casa de Paul. Não quero pensar nessa época, mas é meio que impossível dado a esse pequeno detalhe. Aqui era onde eu encontrava minha paz e tem também um outro fato importante. Daqui é possível ver a nossa árvore, nosso cantinho. *Xô nostalgia!*

— Ana, tudo bem?

— Sim, tudo ótimo. O que você trouxe?
Estou faminta!

— Vem, vamos sentar.

Tão cuidadoso. *Esse homem não pode ser tão perfeito assim.*

PERIGOSAS NACIONAIS

— Posso saber o motivo desse sorriso lindo?

— Você! — afirmo olhando em seus olhos.

— Sério? — Derick parece surpreso, mas satisfeito.

— Muito sério... Derick, eu sei e você sabe que no momento eu só quero pensar e me dedicar às minhas filhas...

— Ei, somos amigos, lembra!? — interrompe.

— Sim, eu sei. Mas eu preciso te falar uma coisa.

— Tudo bem. Sou todo ouvidos.

— Certo. Não somos crianças — começo, mas ele me interrompe mais uma vez.

— Eu menos ainda. — Sorrio. Temos dez anos de diferença em nossa idade, mas nunca me

PERIGOSAS ACHERON

importei com isso.

— Você menos ainda — concordo — Agora me escuta. — Faço cara feia e ele sorri ao acenar em concordância. — Derick, eu quero poder me dar à chance de ser feliz um dia, mas temo que esse dia possa estar muito longe e... Eu não quero te dar falsas esperanças... Eu queria tanto que a gente tivesse se conhecido antes ou em outras circunstâncias.

— Eu acho que nos conhecemos na hora certa. Ana, você não tem me dado falsas esperanças. — Ele segura minhas mãos entre as suas e fala olhando em meus olhos. — Eu sei bem no que estou me metendo. Sei que o seu coração tem dono, ao menos por enquanto, mesmo assim pretendo roubá-lo pra mim. — Derick sorri de lado. — Eu não tenho pressa, nem vou te forçar a nada e te garanto que mesmo que nada venha a mudar em

nossa amizade, eu sempre estarei ao seu lado, como um amigo.

— Não precisa roubar nada. Você já tem um lugar cativo no meu coração — digo e ele se aproxima, toca meu rosto, ficando a centímetros de minha boca.

— Você é tão... Linda! — sussurra. — Posso te beijar?

Aí Deus! Não posso negar que adoro os beijos dele. Sim, já nos beijamos algumas poucas vezes. Duas ou três, nesse tempo em que temos nos encontrado.

— Acho que não, doutor.

Droga!

— Boa tarde, O'Malley. — Derick se levanta e estende a mão em cumprimento.

Paul olha para sua mão e ignora ao cravar seu olhar penetrante em mim. Confesso que me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

senti um pouco incomodada. Ele me acusava com os olhos. *Ah mas que vá a merda!*

— Você não deveria estar de repouso? — pergunta ele com a sobrancelha erguida.

— Não que seja da sua conta, mas posso muito bem dar umas voltas, só não posso fazer esforço físico exagerado — digo. Derick sorri e fala.

— Além do mais, se não percebeu ela está sendo muito bem assistida por mim.

— Estou vendo bem, *doutor*. Não é contra a sua ética profissional se envolver amorosamente com suas pacientes? — responde irônico. O sorriso de Derick se amplia.

— Não que seja da sua conta, mas Ana e eu somos apenas amigos.

— Me parecem bem mais que isso. — seu tom de voz é mordaz.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Paul, me faz um favor? — peço, ele vem todo solícito e se abaixa na altura de meus olhos.

— Todos. — Até *parece*. Reviro os olhos. — Está sentido alguma coisa?

— Estou — digo e Derick ergue uma sobrancelha, ele sabe que estou bem. — Falta de paciência e das grandes. Portanto, me faz o favor de ir cuidar da sua vida que da minha cuido eu — digo com a maior calma do mundo. *Não vou estragar meu passeio por causa dele.*

— Ana não pode se estressar, O'Malley — adverte Derick. Paul que ainda me olhava contorce o rosto em uma careta ao ouvir a voz do Derick.

— Eu estresso você, Ana? — pede ele, ainda me encarando.

— Com atitudes como as que está tendo? Sim, você me deixa nervosa — afirmo sendo o mais sincera possível.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Certo. Eu entendo quando não sou bem-vindo e não vou mais atrapalhar vocês — solta ao se levantar.

— Obrigado!

— Eh... Eu estava indo confirmar a data do parto com a Glória. Será que pode fazer isso, então vou embora? — ele pede ao Derick.

— Claro. Será na próxima quinta mesmo, não teve nenhuma alteração no estado de saúde delas, até o dia de hoje — responde Derick em tom profissional. Paul torna a me olhar.

— Ainda vou poder acompanhar?

Eu quis dizer que não, mas não seria eu se fizesse isso.

— Sim. — Minha resposta foi apenas um sussurro.

— Bom. Só mais uma pergunta?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quantas quiser — assegura Derick.

— Você ainda vai fazer o parto?

— E por que não iria? — indago. Olhando de um para o outro.

— Conflito de interesses? — Paul ergue uma sobrancelha na minha direção. Quando vou protestar Derick responde.

— Ele está certo, Ana. — Fico triste ao ouvir sua afirmação.

— Mas...

— Infelizmente não irei poder fazer o parto das meninas, mas com certeza vou estar presente no centro cirúrgico. — apressasse em dizer. — Não se preocupe, vou estar ao seu lado do começo ao fim. — Sorrio com suas palavras de conforto.

— Hurumm... Só para constar eu também vou estar lá. Qualquer mudança me avise, por favor — fala Paul me olhando.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pode deixar, O'Malley.

— Até lá então, *doutor*. — Paul dá um breve aceno e se vai.

— Ei, tudo bem?

— Sim. Tudo bem.

— Onde estávamos? — insinua Derick com um sorriso sedutor.

Não estava lá essas coisas, mas eu tinha que aprender a conviver com Paul, como amigos. Afinal ele é o pai das minhas meninas e não vou poder me afastar por completo. Mas também não podia fingir que não mexia comigo o fato de Paul estar tão perto assim. Mesmo tão longe, ele parecia estar tão perto.

E a verdade é que eu queria que estivesse mais perto ainda.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 16 - Parte I

Ana

Eu me cuidei durante toda minha gravidez. Alimentos saudáveis, exercícios leves, tais como: ioga e trabalhava muito a respiração, visto que eu ficava mais pesada a cada dia. Mamãe e suas mãos de fada me faziam massagens maravilhosas que ajudavam muito, então eu quase não tinha dores. As que mais me incomodavam eram as dores nas costas, mas mamãe ajudava muito com isso.

Meu parto estava marcado para semana que vem que seria quando eu completaria as trinta e

PERIGOSAS NACIONAIS

oito semanas, isso com o Derick me monitorando o tempo todo. Ele me disse que seria o máximo de tempo que eu aguentaria. Elas já estavam na posição correta e só iríamos esperar o máximo para que elas não viessem prematuras, mesmo estando saudáveis. Com peso e tamanho ideais, seus órgãos internos também estavam todos formados. *Minhas filhas eram perfeitas.*

Mas quem disse que elas se comportaram?

No mesmo dia do piquenique, eu já havia acordado sentindo uns pequenos incômodos, mas não disse nada para ninguém, pois eram leves contrações e como eu li muito sobre o assunto, sabia que podia ser alarme falso.

Ainda fiquei com o Derick por mais uma meia hora na beira do rio, depois ele me levou para casa e foi embora me fazendo prometer que ligaria caso sentisse algo, isso por que ele nem sabia das

PERIGOSAS ACHERON

minhas dores. Após suas várias recomendações e um breve beijo no canto de minha boca, ele se foi.

Subi mais lenta que uma lesma para o meu quarto, após fazer um breve relato de como foi minha tarde para mamãe. Tirei toda minha roupa assim que entrei no quarto e segui para o banho, tomei um bem relaxante.

O susto veio quando saí do banheiro.

Eu entrava no meu closet quando senti que muita água escorria por entre minhas pernas, a princípio pensei que estava fazendo xixi o que seria meio impossível dada à quantidade de líquido, mas logo que parou de escorrer veio uma pontada forte no meu quadril que me fez perder o ar por alguns segundos, que mais pareceram horas.

Arfei ao me segurar na parede, após conseguir respirar novamente, ainda sentindo aquela dor só que bem mais leve, um mero sussurro

PERIGOSAS NACIONAIS

diante da forte pontada de antes, voltei para meu quarto e liguei para o primeiro número que apareceu na discagem, sem nem mesmo olhar para quem era.

Sentei em minha cama e esperei. Só não esperava ouvir aquela voz.

— *Alô!*

Mais centrada olhei para a tela de meu celular e vi que tinha ligado para o Henry, meu amigo e primo de Paul.

— Eu... — respiro fundo — Pode me passar o Henry... Por favor? — droga. Minha voz saiu muito falha, pois a dor estava ficando mais forte.

— *Ana? Ana, você está bem?*

— Oh Deus, não — gemo quando uma nova dor me atinge.

— *Ana, onde você está?* — grita ele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Em casa. Ainnnnn....

— *Chego em cinco minutos.*

Deitei de lado, mas logo levantei. Eu não conseguia ficar parada, mas também sabia que sozinha não iria muito longe e não quis me arriscar a descer as escadas. Mamãe estava cuidando de sua horta, nos fundos da casa e papai no curral, eu estava praticamente sozinha. Então assim que a dor tornou a se apaciar, segui para o meu closet devagar.

Peguei um vestido e passando pela minha cabeça, preendi meus cabelos em um coque, pois não tinha forças e nem paciência para penteados elaborados. Não consegui me abaixar para vestir uma calcinha e nem me preocupei com isso, visto que o vestido era longo e logo eu estaria sem ele também. Com a dor que sentia estava pouco me importando para estética.

PERIGOSAS ACHERON

Segurei-me novamente na parede ao sentir outra pontada.

— Oh, Deus! Como dói... Arghhhhhh... — gemo baixinho.

Não quero fazer muito alarde. *Droga!* Por que tinha que ser logo ele a atender aquela porcaria de ligação?

— Amores, não dá para segurar só por mais uma semana? — peço alisando minha barriga. *Respirar, eu preciso lembrar de respirar.*

E bem na hora que a dor diminuía dois brutamontes entraram correndo no quarto.

— Ana? — Henry veio. Ainda bem.

— Amor, onde você está? — *Amor é o cacete.*

— Aqui — respondo tomando fôlego.

— Aninha, me diz o que está sentindo? —

PERIGOSAS NACIONAIS

pede Henry ao parar diante de mim.

— Dóiiii — gemo.

— Sai da frente, Henry.

Paul o empurra e já me ergue em seus braços. Como ele conseguiu é que eu não sei, pois estou bem ciente do meu peso com esse barrigão.

— Não consigo ficar deitada — digo assim que ele tenta me deitar na cama.

— Para onde então? — Ele parece desesperado — Me diz o que fazer?

— Me coloca no chão, Paul.

— Eu posso saber o que está acontecendo aqui?

Papai entra como um touro raivoso em meu quarto e segue direto para o Paul que está agora parado sem se importar com mais nada, só comigo, enquanto passeio me rastejando pelo quarto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ana, filha, o que houve?

— Mamãe. — Um alívio me consome. Ela vai saber o que fazer — Minha bolsa, acho que estourou e as contrações estão vindo muito fortes — digo.

Só pode significar isso essas fortes pontadas. Assim que termino de falar com mamãe, outra pontada me atinge e me seguro na primeira coisa que vejo. Aperto o braço de Paul e só depois percebo o quanto de força estou usando, mas ele parece não se importar. Apenas me olha fixamente e parece realmente preocupado.

— Para o hospital... — ordena dona Glória
— Henry prepare o carro... — Aponta. — John ligue para o Derick e avise que estamos indo... — Logo papai se vai, após dar uma boa olhada para o Paul que nem se intimidou. — Paul cuide de Ana... — diz para ele que acena. — Filha lembre-se de

PERIGOSAS ACHERON

respirar e não fazer força a cada contração, você só pode empurrar quando chegar ao hospital — fala segurando minhas mãos e tentando me acalmar. — Vai dar tudo certo. Eu vou pegar as bolsas e logo estaremos no hospital.

Mamãe sai do meu quarto, após ladrar ordens *pra* todo lado e organizar a bagunça.

— Certo... — falo. — Respirar, não fazer força. Eu posso fazer isso — repito e começo a andar pelo quarto mais uma vez, devagar.

— Amor, quer que eu faça algo? — Fecho os olhos ao ouvir sua voz me chamando assim. Já faz tanto tempo. — Quer segurar minha mão? — Paul para na minha frente.

Tenho vontade de sorrir. Sério, de cair na gargalhada, mas bem na hora sinto outra fígada e aperto forte a mão que ele me estende. Paul se aproxima mais de mim, afaga minhas costas e me

apoio em seus braços. Mais uma vez a dor vai diminuindo e ficamos olho no olho. Ele parece aflito.

— Não me chame de amor — rosno.

— Tudo pronto, vamos — chama mamãe.

Paul me pegou em seus braços, sem dizer nada e seguimos para o carro. Nunca achei que eu fosse estar em seus braços de novo, mas aqui eu me sinto em casa. Parece que aqui é o lugar certo de se estar e juro, eu não queria me sentir tão bem assim. Eu não sei por que estou divagando sobre isso agora, mas as dores deram uma folga e a única coisa que consigo pensar é nele, é em nós e nossas filhas.

Bela distração!



PERIGOSAS NACIONAIS

No hospital, fui levada para um quarto e fizeram todos os exames necessários. De fato, minha bolsa havia estourado. Eu estava dilatando bem e de acordo com o intervalo das contrações o parto seria normal. Caso houvesse alguma mudança na hora, toda a equipe médica estaria preparada para uma cesariana.

Minhas meninas estavam chegando e a ansiedade já me dominava. Finalmente eu iria tê-las em meus braços, ver seus rostos e sentir o cheirinho delas. Meu melhor feito até hoje e talvez pra sempre, são elas.

Algumas horas se passaram e eu já não tinha mais forças nem mesmo para respirar. As contrações vindo cada vez mais rápido, uma atrás da outra. Já iria para sala de parto. Derick estava a postos e mamãe também. Paul olhava tudo em um canto afastado do quarto, ele se afastou assim que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Derick chegou. Na hora que deitei na maca para ir para centro cirúrgico olhei pra ele.

— Algum problema, Ana? — perguntou Derick.

— Eu tenho um minuto? — ele olhou na mesma direção que eu e assentiu.

— Seja rápida, suas filhas parecem bem apressadas — disse com um sorriso.

— Obrigada!

Assim que ele saiu Paul se aproximou.

— Precisa que eu faça algo por você?

Ele está visivelmente nervoso e... Emocionado!?

— Ainda... Posso segurar sua mão?

— Pode! Claro que pode. — Logo ele segura minha mão e aperto. — O que você quiser amo... Ana, mas... Você tem que ir — lamenta ele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Podem me achar uma fraca, uma tola e idiota. Mas eu quero o pai delas, o homem que amo, ao meu lado nesse momento. O conforto da mão dele na minha é quase tão bom quanto estar nos seus braços ao sair de casa antes.

— Paul... Ainnnnnnn.

— Você precisa ir, meu amor. — Me delicio com o carinho em suas palavras. — Não aguento te ver sofrer assim. — Sua angústia é nítida.

— Você quer... Entrar comigo? — peço assim que recupero o fôlego.

— É tudo que mais quero, mas... — diz com fervor. — Você tem certeza?

— Tempo esgotado, Ana — profere Derick ao entrar no quarto acompanhado da médica que vai fazer o meu parto.

— Por favorrrrr... — gemo quando uma

PERIGOSAS ACHERON

outra de dor que me atinge. — Deus como dói!

ΩΩΩ

— E a primeira menina está aqui — grita a médica.

— Ju... — sussurro. — Nossa Juliene! — digo olhando para os olhos do amor da minha vida, que brilham emocionados.

Paul está ao meu lado, segurando minha mão e alisando meu rosto e cabelo. Vez ou outra beija minha testa. Sinto-me exaurida, sem forças.

— Vamos lá, mamãe — incentiva a médica.
— Temos mais um bebê para trazer a esse mundo. Empurre, assim que sentir outra contração.

— Vamos lá, amor. Falta pouco, depois você pode descansar — fala me encorajando,

passando sua força.

Minutos depois outro grito e um choro baixinho, ecoa novamente.

— Mais uma boneca. — É o Derick! — Parabéns, mamãe. Conseguiu trazer suas filhas ao mundo. — Sinto orgulho na sua voz.

— Agora vou limpar você e fazer a sutura — disse a médica. Mas eu já me sentia aérea e tudo que queria era olhar para elas.

— Bianca? — pergunta Paul beijando minha testa.

— Sim, nossa Bia — confirmo. — Quero vê-las — sussurro meu pedido. Ele se ergue e olha ao redor.

— Já estão vindo. Olha como elas são lindas, meu amor.

Ele aponta para os pacotinhos nos braços das enfermeiras e sorrio. Elas são lindas e perfeitas.

Minhas meninas! Então uma escuridão me toma.

— Ana? Anaaaaa? O que está acontecendo com ela? — os gritos de Paul são a última coisa que escuto.

— *Amor, o que acha de narrar essa parte em que eu desmaio após o parto para os leitores? Você vai saber contar melhor do que eu — gritou Ana.*

Paul entra no quarto, como um felino prestes a dar o bote em sua presa.

— *Claro. Mas só amanhã, agora eu tenho outros planos em mente.*

Ele usa somente uma calça de moletom que não esconde nada sua masculinidade por baixo dela, é possível ver o volume de seu pau ereto com muita facilidade. Os cabelos estão soltos como ela gosta, a barba cerrada. E o cheiro que emana de seu corpo é sua droga, seu vício.

— *Até mais, caros leitores. Tenho um leão à minha espera.*



— *O que você quer mesmo que eu escreva aqui, amor?*

— *Sobre os seus sentimentos. Quero que conte como foram às coisas para você desde quando te liguei, sentindo as contrações.*

— *Tem certeza? — pergunta Paul, incerto.*

— *Sim, por quê?*

— *Ana, não sei, sinto que vão me odiar um pouco mais.*

— *Não se preocupe, você não é tão odiado quanto o seu irmão. Ele ainda vence — zomba ela.*

— *Quando eu terminar aqui vou fazer você cavalgar gostoso no meu pau, minha potranca,*

PERIGOSAS NACIONAIS

enquanto bato nessa sua bunda gostosa, só pra você aprender a não me comparar com ele.

— Estarei esperando ansiosamente, meu garanhão — Ana geme ao fim da frase.

— Não me tente, mulher — rosna ele.

— Como diz a Ju: não fiz nada, pai!

— Por falar nela, muito estranho essa ida delas para a casa de sua mãe, não acha?

— Não. Não acho, amor. Por que seria? Elas só querem ficar um pouco com os avós, não vejo nada de mais nisso.

— Como se você fosse me contar algo. Vocês escondem tudo de mim — resmunga.

— Não é que escondemos, mas é coisa delas e acho que somente elas podem lhe contar. Eu mesma descobri por acaso — justifica-se Ana.

— Então quer dizer que tem mesmo algo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

acontecendo e só eu não sei? — acusa Paul.

— Nada que elas não possam resolver sozinhas. Você bem sabe o quanto são independentes, principalmente a Ju.

Ana se abaixa e deposita um beijo no canto de sua boca.

— É melhor eu escrever logo isso aqui e depois estarei de olhos bem abertos. Vai que eu também descubro por acaso — diz sarcástico.

— Ah, não. Deixe as meninas em paz! — ladra Ana. Ele sorri.

— Não disse que não deixaria, amor.

— Estou falando sério, Paul — ela o fita, ameaçadora.

— Eu também estou.

O casal se encara por um tempo, até que ela sai do quarto pisando duro e resmungando.

PERIGOSAS ACHERON

— *Você é impossível!*

— *Bom, agora é entre nós, leitores. Por favor, tente ver as coisas pelo meu lado e não me julguem.*

Capítulo 16 - Parte II

Paul

Eu estava conversando com Henry na beira do rio, no lado das minhas terras, bem de frente para o lugar onde Ana esteve há poucas horas com aquele doutorzinho de merda. Estávamos sentados lado a lado quando tudo aconteceu.

— Não é a primeira vez que ele aparece e a leva para dar uma volta — comentou Henry.

— Eu sei. Você já tinha me dito isso e você tem razão.

— Sobre o que exatamente?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu estou perdendo ela — admiti.

— Você não merece a Ana, Paul — diz ele sério. — Não mais, sinto muito, cara.

— Não sei. Ana me traiu de uma forma que eu nunca vou esquecer. Só que ainda amo aquela mulher e sinto que nunca serei capaz de arrancar esse sentimento de mim.

— Merda! — grita Henry e já pula ao sair correndo atrás do seu cavalo que se assustou com algo e saiu em disparada.

No mesmo instante seu celular, que está no chão ao meu lado, toca. Olho para a tela e vejo o nome de Ana brilhando. Penso em não atender, porque com certeza ela não quer falar comigo. Mas também penso que ela pode estar precisando de algo. Pego o aparelho e atendo, fico em silêncio uns segundos, mas um gemido baixo me chama atenção.

PERIGOSAS ACHERON

— Alô!

Ana estava em trabalho de parto. Fui até sua casa e mesmo sob os protestos de seu pai, não saí do lado dela. Fiquei ali, segurando sua mão, a mantive em meus braços o quanto pude.

Logo estávamos no hospital. Conversei com a médica que faria o parto e entrei no quarto que Ana estava instalada, não devia ter feito isso, pois foi bem no meio de uma interação carinhosa entre ela e o médico fodido que a cercava por todos os lados, mas dali eu não sairia.

Me acomodei num canto afastado de todos, assistindo a tudo de camarote. Era como se eu estivesse numa sala de cinema acompanhando um filme em tempo real de gravação. Vez ou outra Ana olhava na minha direção, mas nada dizia. Eu devia ir embora, mas não conseguia. Vê-la se contorcer a cada contração era minha ruína. Seu rosto estava

PERIGOSAS NACIONAIS

sofrido, mas ela parecia feliz por estar trazendo as filhas ao mundo naturalmente. Ana sempre quis um parto normal.

Quando chegou a hora de ir para a sala de parto, após horas de sofrimento, ela me chamou e me surpreendi quando perguntou se ainda podia segurar a mão que tinha lhe oferecido. *Era tudo que eu mais queria, ficar ao seu lado.*

Não pensei que seria tão difícil, eles não deram nenhuma anestesia, somente o raio de um soro que de nada aplaca a dor que Ana sentia. Eu queria sentir a dor dela, por ela.

As gêmeas vieram ao mundo lindas, fortes e saudáveis. Minhas meninas eram perfeitas. E Ana deu a elas os nomes que havíamos escolhido juntos, numa tarde em que namorávamos sentados à beira do rio, encostados em nossa árvore. Isso me deixou muito emocionado. Beijeí sua testa inúmeras vezes

PERIGOSAS ACHERON

em um agradecimento silencioso.

Silenciosamente eu rezei, rezei para que desse tudo certo.

Porém eu não fui atendido e logo após o nascimento das gêmeas, Ana desmaiou. Assim que elas foram apresentadas para Ana, ela simplesmente apagou. Eu tive medo de que algo pudesse acontecer a ela. Medo de perdê-la de vez. Vê-la aos cuidados de outro era melhor que não tê-la mais nesse mundo.

Entrei em desespero e comecei a gritar para que alguém me dissesse o que estava acontecendo, fui obrigado a sair do centro cirúrgico e aguardar do lado de fora.

Foi a hora mais longa de toda minha vida, muito pior do que quando ela sofreu o acidente e fiquei dias esperando que acordasse, pois ali eu sabia que ela estava bem e aqui... *Deus, eu não*

quero nem pensar se algo de ruim acontecer a ela.

Voltei a rezar e quando vi o doutorzinho saía da sala com um ar de cansaço enorme.

— Como ela está?

Não queria saber se ele gostava de mim ou não. Só me importava a Ana naquele momento.

— Bem. Ana está bem, o desmaio foi devido a todo o esforço que ela fez nas últimas horas. Fora isso, está tudo certo com ela e com as gêmeas.

— Graças a Deus! — sussurrei — Posso vê-la?

— Ainda não. Ana vai ser transferida de volta para o quarto e aí sim será liberada a visita — sibila ele.

— Você não vai me impedir de vê-la — rosnei.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu não preciso fazer nada, você se destrói sozinho — disse entre dentes. — Só estou dando as recomendações médicas. Ana será transferida para o quarto após os procedimentos médicos necessários e aí sim, você poderá vê-la.

— E as minhas...

— *Sobrinhas?* — Ele ergue uma sobrancelha ao me interrogar. Vou quebrar a cara desse imbecil.

— Posso vê-las?

Não vou perder meu tempo com esse cara.

— Elas também estão sendo cuidadas. — Isso me alarma. — Não, pode ficar tranquilo que elas estão bem. Muito bem. Mas precisam passar por alguns exames, logo estarão no quarto também.

— Eu vou avisar aos outros então.

— Faça isso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Obrigado! — obrigo-me a dizer e lhedou as costas.

Eu tinha certeza de poucas coisas na vida, mas ao ver minhas filhas nascendo e minha mulher passando mal, eu tive certeza de uma coisa: eu lutaria até o fim. Mesmo que me doesse, mesmo que fosse preciso passar por cima de tudo. Não seria fácil, mas eu e Ana merecíamos um recomeço, nem que esse nos levasse ao final de novo. Eu sou e sempre fui turrão, mas algo dentro de mim me fez perceber que para Ana e pela Ana eu daria a vida, sem nem pestanejar. Não interessa se estejamos juntos novamente, ou não.

Após avisar a todos que estavam na sala de espera, meus pais e os pais de Ana, eu fui para casa tomar um banho. Glória praticamente me obrigou a fazer isso, eu não queria sair de perto delas. Mas ela me garantiu que qualquer coisa me ligaria o

PERIGOSAS ACHERON

mais depressa possível.

Ao chegar à minha casa, fui direto para o chuveiro. Enquanto o jato de água fria caía sobre minha cabeça comecei a lembrar desde a ligação de Ana até o nascimento das gêmeas. Bia e Ju, minhas pequenas, nasceram e são tão lindas quanto à mãe. Mal vejo a hora de pegá-las no braço, vou mimá-las bastante, dar tudo que merecem. Nada irá lhes faltar.

Sigo para meu quarto a fim de me trocar o mais rápido possível e logo voltar para o lado delas. Não quero deixar brechas para aquele doutorzinho se criar. Quero Ana de volta e vou ter...

Meus olhos pararam na gaveta aberta de minha cômoda, caio sentado em minha cama e desisto de meus planos.

Não das gêmeas, delas não abro mão, mas sobre Ana... esqueço tudo ao olhar para a carta de

PERIGOSAS NACIONAIS

meu irmão. Se ele estivesse vivo os dois estariam bem longe ou não. Talvez estivessem aqui esfregando a felicidade deles na minha cara.

Idiota é o que eu sou por ainda amar aquela maldita.

Troco-me rapidamente e sigo de volta para o hospital. Não vou ficar longe das minhas meninas.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 17

Ana

As gêmeas nasceram mais saudáveis do que esperado devido ao tempo da minha gestação. Ficaram apenas três dias na incubadora e no total ficamos uma semana no hospital. Quando tivemos alta e fomos para casa, tudo voltou a ser como antes. A diferença era que agora existiam dois bebês barulhentos.

Juliene era muito faminta e não me dava descanso entre as mamadas, logo tivemos que usar um complemento recomendado pela pediatra delas, Dra. Simone. Já a Bianca mal mamava, às vezes eu pegava ela dormindo, após se passar pouco mais

PERIGOSAS NACIONAIS

das três horas sem se alimentar, para que ela mamasse. Não é à toa que ela era a mais magrinha das duas.

Mamãe me ajudava em tudo e eu praticamente me instalei no quarto das meninas, só dona Glória que me tirava de lá. Obrigava-me a tomar banho e comer, eu não queria sair de perto delas. Minhas filhas não tinham um pai, mas teriam sua mãe sempre por perto.

Paul voltou a ser o mesmo de antes, quase todos os dias visitava as meninas. Se não conseguisse, ligava, mas comigo voltou a ser o mesmo imbecil. Não me perguntem o porquê, pois ele vinha sendo amoroso comigo no hospital. Tratei de empurrar para o fundo da minha memória o tempo que passamos juntos no hospital e seguir com minha vida. Como decidi antes, tenho que continuar sem, tê-lo somente como um amigo e

PERIGOSAS ACHERON

olhe lá.

Papai era só alegria e fazia questão de dizer para todos o quanto suas netas eram fortes e saudáveis como ele ou como um touro — suas palavras. E devo admitir que elas sabiam reconhecer o colo do avô babão. Dos dois na verdade.

Joseph veio visitar elas algumas vezes na primeira semana, com mais frequência na segunda e assim que fiquei totalmente recuperada do tempo de resguardo passei a levá-las em sua casa, visto que papai só faltava pular no pescoço toda vez que o via.

O quarto que me hospedei na fazenda de Joseph, foi completamente reformado e se transformou num quarto para as gêmeas. Paul que fez tudo, segundo o que Henry e todos os outros me falaram. Ele dizia que ali também era a casa delas e

teriam seu espaço para quando crescerem ter a liberdade de ir e vir quando quisessem.

O registro de nascimento delas foi motivo de estresse para alguns, menos para mim. Eu já tinha decidido, se o pai não quisesse fazer o que era sua obrigação, elas não teriam o nome de ninguém até que um juiz determinasse isso. Eu iria para os tribunais se fosse preciso e faria exame de DNA para esfregar na cara dele.

Mas, surpreendendo a todos ou quase todos já que mamãe sabia de tudo, uma semana após o nascimento a certidão de nascimento delas estava em minhas mãos. Paul pegou todos os dados e documentos necessários com dona Glória e registrou ambas em seu nome. Ele não trocou uma palavra comigo, mas eu sabia que ele não tinha feito isso por acreditar em mim e sim porque o sangue falou mais alto. Mesmo assim ele dizia que

PERIGOSAS NACIONAIS

era *tio* delas e isso me deixava enfurecida. Falava apenas o necessário com ele.

Dona Joanna ficou muito irritada quando soube o que Paul fez ao registrar as meninas. Segundo ela, feria a memória de seu filho Charlie. *Aquele crápula que me enganou e ainda teve a ousadia de morrer sem explicar nada.* Com as netas, Joanna era só amores, mas comigo mantinha o mesmo tratamento. Ela fingia gostar de mim e eu fingia acreditar. Minha ex-sogra faleceu quando as gêmeas tinham pouco mais dois anos de vida.

O tempo foi se passando e elas foram crescendo e ficando independentes, deram os primeiros passos e logo estavam correndo pela casa. Minhas meninas eram perfeitas e eram o meu tudo, o meu refúgio. Falaram cedo, também. Bobó, bobô, mama, papa com Paul e titi com o Derick. Ju foi a primeira a chamá-lo de papai, ele ficou no

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

céu, mas na minha frente se controlava. Henry que me contava tudo.

Dediquei-me única e exclusivamente para elas, como planejei. Mas também cuidei de mim, recomecei meus estudos e com a ajuda de mamãe e minha amiga Alanna que ficavam com elas eu conseguia fazer minha faculdade tranquila. Eu estava muito feliz com o rumo que as coisas estavam indo, mesmo que dentro de mim faltasse um pedaço bem importante no meu coração.

Derick se tornou uma pessoa muito especial. Quando as meninas fizeram um ano, na festinha delas, ele me pediu em namoro. Antes disso ele era apenas meu amigo e vivia suas aventuras, sem deixar de me dar sua atenção. Foi um pouco inesperado. *Tá*, nem tanto assim. Derick havia insinuado que faria isso algumas vezes.

PERIGOSAS ACHERON

— Te darei um ano, Ana — dizia Derick enquanto eu embalava a Bia em meus braços e ele a Ju, que amava o seu colo, não mais que o do Paul. Mas com dois meses de idade ela já diferenciava o colo dos dois e tinha seu preferido. Fazia uma birra enorme se um deles estivesse presente e não a pegasse.

— Um ano para quê, especificamente? — Ergui uma sobrancelha.

— Para ser minha — disse seguro de suas palavras ao cravar seu olhar cheio de significado nos meus olhos em choque.

— Acho... Acho que não entendi.

— Você irá. Em breve.

Derick era um sonho de namorado, carinhoso, atencioso, mima a não somente a mim como as minhas filhas de uma maneira que me

PERIGOSAS ACHERON

desarmava. Sou encantada por ele e sentia que podia vir a amá-lo com o tempo. Mas no meu interior eu sabia que não o amava, Paul é o único dono do meu coração mesmo sendo um completo asno.



Estou com o Derick há dois anos e hoje combinamos de ir jantar em comemoração na casa dele. Amanhã será a festa das meninas e elas decidiram que hoje iriam dormir com o *tio* Paul, segundo a Bia. Pois Ju o chamava de papai, ela me disse que ele mandou que o chamasse assim, mas desconfio, pois minha pequena é muito arteira. Mesmo tendo apenas três anos ela entende muita coisa ao seu redor.

Estou terminando de me vestir quando meu

celular vibra com uma mensagem do Paul pedindo que passe em sua casa antes de sair, pois a Bia está chamando muito por mim. Estranhei, pois quando elas estão com ele esquecem que eu existo, mas como toda mãe, ainda mais que sou muito grudada nelas, eu me assustei e saí em disparada para a casa dele. Peguei o carro de papai e cheguei lá em minutos.

— Onde elas estão? — perguntei já indo em direção ao quarto delas.

Mas ao chegar lá elas estavam dormindo tranquilamente. Estaco na porta e solto o ar que nem sabia que prendia.

— Dormindo — diz ele baixinho atrás de mim, causando um arrepio gostoso em minha nuca.

— Você... — pigarreio, pois minha voz saiu rouca e necessitada. — Você disse que a Bia estava chamando por mim. Ela não iria apagar assim tão

rápido.

Sigo até elas e checo a temperatura das duas com minha mão, beijo os seus rostos, arrumo seus cobertores e saio porta afora para o corredor.

— Você está linda! — diz me olhando de cima a baixo.

Estou usando um vestido preto, com decote acentuado e justo até a cintura, a saia é rodada e chega pouco acima do joelho. Para completar, botas de cano longo pretas e salto fino. Meus cabelos estão soltos e lisos, como prefiro, e maquiagem leve.

— Não muda de assunto O'Malley — rosno — Por que me fez vir até aqui desnecessariamente? — Ergo uma sobrancelha.

Paul se aproxima, invadindo meu espaço pessoal.

— Como foi o jantar? — indaga olhando

em meus olhos. Sorrio. Acho que entendi o seu jogo.

Não vai colar!

— Ainda não jantei.

— Não? — Ele olha a hora no relógio em seu pulso. — Mas já passou da hora para ir aos poucos restaurantes que temos na área.

— Eu sei. Não vamos a um restaurante, vou jantar na casa do Derick.

Essa aproximação está drenando todo meu ar. Estar perto dele sempre foi assim e sempre vai ser. Mas finjo bem minha indiferença a sua presença. Aprendi isso com o tempo. E é notável o quanto ele fica irritado. Foi ele quem quis assim, agora aguento.

— Na casa dele? Ele mora longe, que horas você vai chegar em casa? — bombardeia ele. Meu sorriso se alarga.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Posso saber por que esse súbito interesse?

— Como por quê? Se as meninas precisarem de você? — Ele se faz de ofendido.

— Não volto hoje, só pela manhã — digo e vejo uma veia saltar em seu pescoço — Mamãe estará a postos, não se preocupe que as meninas não irão dar problema, mas se quiser posso levá-las de volta para casa antes de ir — ofereço.

— Elas pediram para dormir aqui e vão. Posso cuidar delas sem problemas e você sabe disso. — Ui.

— Sei que posso confiar em você, quando o assunto é elas — digo, pois é a mais pura verdade

— Então, você vai dormir na casa dele? Com ele?

— Se vamos dormir, eu não sei. Mas, só volto amanhã. E com certeza estarei com ele, o que

PERIGOSAS ACHERON

diabos eu faria na casa do Derick sem ele? Não faz sentido, concorda? — Me faço de inocente.

— Sarcasmo nunca combinou com você, meu mel — cospe ele. Mesmo usando o apelido carinhoso que havia me dado anos atrás e que não usava mais.

— Você terá de convir que melhorei bastante com o tempo. — Sorrio, só para prová-lo um pouco mais.

Ele está com ciúmes de mim? Depois de todo esse tempo separados. *Não, não vou me enganar com isso!*

— Ana... — hesita. — Ana, se eu te pedisse uma coisa. Você faria?

— Não sei, Paul. Por que não me diz o que é e aí sim, posso te dizer se faço ou não.

Ele dá o último passo e ficamos respirando o mesmo ar. Meus seios tocam seu peito largo e nu.

PERIGOSAS NACIONAIS

Isso mesmo que você leu, ele está com o peito forte e bem definido totalmente exposto para o toque e minhas mãos estão coçando para tocá-lo, mas contenho-me e aperto-as em punhos fechados ao lado do meu corpo. *Tentação dos infernos!* O cabelo dele está mais longo que antes e solto, implorando pelo meu toque. *Droga de homem gostoso!* Sinto tanta falta de tocá-lo, de sentir seu toque em mim que mal reajo a sua aproximação.

— Amanhã, amanhã eu digo.

— Você é frustrante, O'Malley — rosno e ele sorri. Um sorriso de canto lindo e sexy.

Paul toca meu rosto com carinho e vai descendo seu indicador pelo meu pescoço e por sorte, antes que eu perca meu controle, meu celular toca. *Derick.*

— *Ana, onde você está? Aconteceu alguma coisa com as meninas?*

PERIGOSAS ACHERON

— Não. Elas estão bem, mas você sabe como eu sou. Só conseguiria sair se desse uma olhada nelas antes. — minto em partes. Eu pretendia fazer somente uma ligação.

— *Tudo bem, morena. Passo aí para te pegar.*

— Não, não precisa. Já estou voltando pra casa. Vim com o carro do papai e preciso levar de volta.

— *Ok. Até logo.*

— Até.

Paul não se afastou um segundo de mim, pelo contrário, passou a tocar meu couro cabeludo e quando desliguei o celular ele me segurou firme pela nuca. Fazendo com que nossas bocas ficassem a centímetros de distância. Estática diante de sua ação, estou completamente hipnotizada.

— Aproveite bem o seu jantar, mel... — Faz

tempo que ele não me chama assim e hoje já é a segunda vez. — E a sua noite, amanhã conversamos.

— Irei aproveitar. Agora me solta — sussurro.

— Você vai voltar a ser minha, Ana.

Ele tenta me beijar, mas não deixo. Consigo acordar em tempo e me afasto bruscamente de seu aperto.

— Nosso tempo acabou, Paul. Há mais de três anos — digo calma, mas por dentro estou um desastre. — Se preocupe com a Emma, ela merece você tanto quanto você a merece.

— Você sabe que não tenho nada sério com a Emma. — Tenta se explicar, mas não quero ouvir.

— Isso não me interessa, nem se dê ao trabalho. Estou indo, caso algo aconteça, por favor,

PERIGOSAS NACIONAIS

me ligue. Mamãe disse para ligar para ela que eu sei. Mas eu estou dizendo pra você que me ligue, somente se for necessário, claro.

— Eu com certeza ligaria para você, não existe dúvida — afirma ele. — Contudo não se preocupe, eu sei cuidar delas e você sabe que elas dormem a noite inteira.

— Obrigado. Até amanhã, O'Malley. — Dou-lhe as costas e saio de sua casa, com ele me seguindo.

— Ana? — chama quando abro a porta do carro.

— O que foi agora, Paul? — resmungo.

— Bom jantar — grunhe ele.

— Eu terei. — Sorrio e entro no carro dando partida em seguida, indo de encontro ao meu namorado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 18

Ana

— Tudo bem? — Sou recebida por Derick com um beijo. Beijo esse que é muito bem-vindo.

— Tudo ótimo. Elas estão dormindo e estão bem — digo.

— Bom. — Ele me olha de cima a baixo — Você está linda! — Visto que não é a primeira vez que escuto isso hoje. Devo considerar que é verdade.

— Obrigada. A noite pede uma produção a mais.

— Quer dizer que tudo isso é pra mim?

— Só pra você — sussurro e lhe beijo.

Afinal, eu me produzi pra ele sim. — Podemos ir? — Quero me focar nele. É nossa noite, nossa comemoração.

— Quando você quiser. — Derick me presenteia com seu sorriso.

— Mãe, estou indo — digo para dona Glória que me olha desconfiada da varanda.

— Se cuidem crianças e não façam nada que eu não faria — diz com uma cara maliciosa.

— Mãeeee! — Escondo meu rosto no peito de Derick.

— Pode deixar, sogrinha do meu coração.

A casa dele fica próxima ao hospital, menos de dez minutos, mas fica há uns bons quarenta minutos da minha casa. Ela é linda demais, simples e moderna, tem apenas um andar com sala e cozinha interligadas. O quarto dele fica no fim do corredor e tem seu banheiro privado, além de mais

um no mesmo corredor. Também tem um quarto de hóspedes, mas que se transformou no seu escritório.

A casa de Derick é linda, sua mãe faz questão de cuidar do filho com muito carinho e como ele trabalha muito ela cuida da casa dele deixando tudo na mais perfeita ordem. O jantar foi cortesia dela, que organizou tudo pessoalmente.

Não, ele não mora com a mãe, mas dona Chica é um amor. Nem se compara com a minha sogra anterior. Francisca me trata como uma filha e tem verdadeira adoração por minhas pequenas.

— O jantar estava divino — elogio. — Não posso esquecer de agradecer sua mãe depois.

— Não se preocupe, ela vai perguntar e você sabe disso. — Sorrio. Dona Chica é tão ousada quanto minha mãe, ela não tem papas na língua.

— Sabe o que eu quero agora?

Estamos sentados no sofá saboreando um vinho delicioso, já descartei minhas botas e estou sentada sobre minhas pernas de frente para Derick, alisando sua face e sua barba que faz loucuras em meu corpo. Não quero beber muito, pois amanhã o dia será cheio. Mas mereço essas horas de descanso com meu namorado, assim como ele também merece que eu cuide dele um pouco.

— Não, mas é só pedir que eu providenciarei.

Não precisa ser tão perfeito, precisa?

Eu não mereço um homem como ele e ele, com certeza, merece alguém melhor do que eu. Alguém que o ame como eu não posso amá-lo.

— Pois então, quero que você vá para o seu quarto, tire essa camisa e a calça e deite de bruços na cama. Quero você só de cueca — digo.

— Posso tirá-la também se quiser. — E o

sorriso safado está ali estampado em sua face, causando um *frisson* em meu baixo ventre.

— Essa parte você deixa comigo. —
Levanto e aponto na direção de seu quarto para que ele vá e se prepare. Irei fazer uma massagem nele.
— Agora vá, logo estarei com você.

— O que está aprontando, Ana? — indaga ele assim que fica de pé e me prende em seus braços. Derick passa o nariz em meu pescoço e beija logo abaixo de minha orelha. Um leve arrepio passa por todo meu corpo.

— Apenas quero mimar você, um pouco. Nada mais justo, já que você está sempre fazendo o mesmo comigo.

— Não faço nada em busca de retribuição.

— Eu sei disso, adoro seus cuidados comigo e como sua namorada eu quero poder fazer o mesmo por você — digo e trago sua boca para a

PERIGOSAS NACIONAIS

minha.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 19

Ana

— Bom dia! — Só a voz dele me faz estremecer. *Que absurdo!*

— Bom dia, filho. — Mamãe vai até Paul e lhe dá um beijo no rosto — Cadê minhas netas?

— Estão com o Johnson, lá fora. Vim trazer a bolsa delas aqui pra dentro. Ana! — me cumprimentou com um aceno.

Só então olhei diretamente para ele e... Droga! Não devia ter feito isso. Paul está usando um jeans que abraça suas coxas do jeito que gostaria que minhas mãos fizessem. Sua camisa xadrez, na cor vermelha, também agarrada aos

PERIGOSAS NACIONAIS

músculos de seu bíceps, não é uma visão ruim. Pensamento inútil! Ele ergue uma sobrancelha e um sorriso aparece no canto de sua boca. Frustrante. Tive uma noite maravilhosa com o Derick e agora estou aqui cobiçando esse babaca. Corpo traidor!

— Bom dia, O'Malley — resmungo e vejo que mamãe está com um sorrisinho nos olhando atentamente. Lanço um olhar feio pra ela, que sorri ainda mais.

— Bom, vou em busca delas, elas precisam se arrumar. Logo os convidados começam a chegar — diz mamãe já saindo porta afora. Ela não desiste de nos ver juntos, mesmo que goste do Derick.

Estou arrumando os lanches para as crianças na bancada da cozinha, logo a fazenda estará cheia delas para comemorar o aniversário das meninas. Decidimos por fazer uma festinha durante o dia e assim elas poderiam ir para a piscina, visto

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

o calor que está fazendo ultimamente.

Paul se aproxima daquele jeito sedutor dele que me irrita. Ignoro sua presença o quanto posso.

— E então, como foi o jantar?

— Delicioso.

Passo a língua em meus lábios ao me lembrar de tudo que Derick fez comigo ontem, sei que fiz isso só para provocar.

Fiquei tão distraída que só despertei quando meu corpo estava sendo prensado pelo dele na bancada. Senti sua ereção perfurar minha barriga e todos os músculos de seu tanquinho perfeito. Paul sempre se cuidou, mas notei que nos últimos anos ele está maior e mais forte.

— Você dormiu com ele? — grunhe.

— Um pouco — digo tentando conter minha voz para que não saia esganiçada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

É difícil ignorá-lo estando nessa posição. Mas finjo não ligar, confesso que amo quando ele age assim. Mostra que não é tão imune assim a mim. Sinto-me traindo o Derick, o que provavelmente estou, mas ele sabe que ainda amo esse idiota. E sabe também que estou me esforçando para que nosso namoro dê certo. Gosto muito dele, mas não chega perto do amor que sinto por esse ogro a minha frente.

— Ele te tocou?

Tive que sorrir.

— Paul, eu namoro o Derick há exatos dois anos. — Espalmo minhas mãos em seu peito a fim de afastá-lo, mas só descanso elas ali. — Já dormi na casa dele outras vezes, o que você acha que fazemos lá, tricô!? — ironizei.

— Já disse que ironia não é o seu forte — esbraveja ele.

PERIGOSAS ACHERON

Paul se afasta e começa a andar de um lado para o outro, parece uma fera enjaulada. *Minha fera!* Não, nada minha.

Controle-se, Ana! — grito mentalmente.

— O que você quer, O'Malley?

Recuperei o fôlego de sua aproximação e voltei para a bancada para continuar minha tarefa.

Logo sinto que seu corpo está novamente colado ao meu, solto um arquejo involuntário. Paul circula minha cintura, forçando para que eu sinta seu poder em minha bunda, sua outra mão afasta o cabelo do meu pescoço e então encosta sua boca macia ali, ele deposita um beijo de leve. Aperto com força a borda da bancada tentando me conter, pois não é fácil ficar assim tão perto dele. Depois de tanto tempo.

O que deu nele?

Entendam. Não consigo empurrá-lo tão

fácil, meu corpo não me obedece. Paul é minha *kryptonita*.

— Ele te toca como eu, Ana? — sussurra ele em meu ouvido — Aquele *doutorzinho* de merda te faz suspirar como eu faço... — Suas mãos viajam para logo abaixo dos meus seios, sem tocá-los e ele morde o lóbulo de minha orelha — Ele te deixa molhada só com um beijo ou um simples toque, assim como eu sei que você está nesse momento? Me responde, meu Mel!

Lembram-se da força que não tive antes? Pois é, ela veio com tudo agora. Toquei suas mãos como se fosse guia-las por meu corpo e torço seus dedos. Saio do círculo de seus braços e após tomar um fôlego cuspo toda minha fúria sobre ele.

— O que eu tenho com o Derick não é apenas sexo, Paul — rosno. — Existe sentimento e, acima de tudo, confiança. Eu confio nele e *ele*

PERIGOSAS NACIONAIS

confia em mim. Você não sabe o que é isso e nunca vai saber.

— Eu estou disposto a esquecer tudo, Ana. Essa é a minha proposta, meu pedido. Vamos esquecer o passado, tudo, absolutamente tudo — súplica. — Vamos viver o presente e o futuro, vamos criar as meninas juntos e não separados como tem sido. — Balanço minha cabeça em negação. Não acredito que estou ouvindo essas coisas — Ana, eu amo você. Por favor, vamos nos dar uma chance.

— Me ama? — Sorrio sarcástica. — Você não sabe o que amor, Paul — digo sem dó. — Amor é entrega, é confiança — falo pausadamente. — Você não acredita em mim, não confia em mim. Eu fui uma tola por pensar que você sentia algo por mim. Pena que tive de aprender a duras penas que era tudo ilusão.

PERIGOSAS ACHERON

Não choro, pois não existem mais lágrimas para serem derramadas por um assunto enterrado.

— Não fala assim... — Levanto a mão para que ele pare.

— Você disse para criarmos as meninas juntos. — Olho bem fundo em seus olhos. — Me responde uma coisa, Paul. O que elas são para você?

— Como assim? Elas são tudo pra mim — diz com fervor. — Eu amo aquelas meninas desde que pus meus olhos nelas a primeira vez. Lá, naquela sala de parto. — Ele balança a cabeça — Não, eu amo-as desde que estavam em sua barriga. Desde que ouvi o coração delas naquele ultrassom. Eu as amo e desse amor ninguém pode duvidar!

— Eu não duvido do seu amor por ela, isso eu sei que é sincero. Mas, você não entendeu minha pergunta. Elas são suas filhas ou *sobrinhas*? —

rosno minha última palavra.

E lá está ele: o silêncio. Paul nunca vai admitir a verdade. Ele não acredita em mim. Dói muito reviver tudo isso. Anos se passaram e nunca havíamos falado sobre esse assunto novamente. Apenas ficou àquilo inacabado entre nós. Eu segui minha vida e ele a dele. Mantendo contando apenas por causa das meninas. Não posso afastá-los e se quisesse, não conseguiria. Agora, depois de anos ele me vem com essa proposta descabida e sem noção. Não mesmo.

— Mamãe. — Bia entra na cozinha usando seu biquíni floral e pula em meus braços. Já a Ju usa um maiô também floral, mas corre direto para ele.

— Papai. — Ele a pega em seus braços e beija seus cabelos.

— Elas são minhas, um título não importa

— diz ele me olhando.

— Pode não importar para você. A mentirosa aqui sou eu, portanto para mim é muito importante.

— Ana? — Derick entra na cozinha — Tudo bem por aqui? — averigua olhando de mim para o Paul.

— Sim, tudo ótimo. — Me inclino e ele dá um beijo rápido em meus lábios.

— Ecaaaa! — grita a Ju. Ela sempre faz isso, ao contrário da irmã que fica encantada como se fôssemos um casal de um desses desenhos que ela assiste.

— Não deviam fazer isso na frente delas — grunhe Paul.

— Não se meta onde não é chamado, O'Malley — sibilo.

— Ah, você chegou. — Mamãe chega já
PERIGOSAS ACHERON

falando com o Derick. — Como vai querido? — Ele lhe beija a face em cumprimento.

— Melhor impossível, Glória.

— Que ótimo. — Ela olha o ambiente. — Eu estava mesmo precisando tirar uma dúvida sobre uma coisa com você. Me acompanha? — Derick acena e quando estão saindo ela se volta para o Paul — E Paul, você poderia ajudar o Henry a montar o pula-pula? Acho que ele está se enrolando.

— Claro. Estou indo, Glória.

Assim que eles estão fora de alcance ele se vira novamente para mim. Bia ainda em meu colo, mas Ju não larga do pai.

— Podemos continuar essa conversa depois? — Sorrio sem humor.

— Não existe mais nada para falarmos sobre esse assunto, Paul. Você segue sua vida que

PERIGOSAS NACIONAIS

eu sigo a minha, como tem sido desde que saí de sua casa anos atrás. Nada vai mudar.

Dou-lhe as costas e vou atrás de respirar um pouco de ar puro.

— Wow...

— Ai, desculpa. — Olho pro peito largo a minha frente — Henry? Achei que estava do outro lado, montando as coisas.

— E estava, mas já acabei. Deu trabalho, mas está tudo montado. — Bia que estava no meu braço se jogou pra ele. — Ei, minha princesa. — Henry pegou-a e ela se aninhou em seu peito. — O que houve pra você sair tão intempestivamente assim?

— O idiota do seu primo que não toma jeito — bufo. — Mas tudo bem, já passou.

— Se você me der a chance, eu cuido de você e de quebra acabo com o Paul — diz.

PERIGOSAS ACHERON

— Já conversamos sobre isso Henry. —
Fico na ponta dos pés e lhe beijo na bochecha. —
Somos apenas amigos, não vamos estragar tentando
algo que não vai dar certo.

— Não custa tentar, não é princesa — diz
olhando pra Bia em seu braço.

— *Sentiram nossa falta, caros leitores? — indaga Juliene. — Estamos de volta e vamos seguir de onde mamãe parou.*

— *Isso mesmo, da nossa festa de três anos de idade e contaremos mais detalhes — afirma Bianca.*

Capítulo 20

A festa transcorria na mais perfeita paz. As crianças brincavam para todo lado e os pais bebiam e comiam sentados às mesas, pelo vasto campo da fazenda.

Ana não ousava chegar perto de Paul, pois uma chama se acendia. Ela já não sabia se seria capaz de se manter afastada com ele insistindo em pedir uma chance, a única coisa que a segurava era o fato de ele não querer conversar e sim esquecer o passado. Como se ela de fato fosse culpada de algo.

Já Paul estava louco para ter a chance de falar com ela a sós novamente. Ele continuava confuso, já havia assumido para si que as gêmeas eram suas filhas, mas ainda tinha a centelha de dúvidas sobre o caráter de Ana, todavia ele

simplesmente queria esquecer o passado e seguir em frente, sem dar a chance dela se explicar e nem sequer pensou em questionar sobre a carta de Charlie. Ele só queria ter sua Ana de volta, não suportava vê-la feliz nos braços de outro que não os seus. *Típico dos homens: só aprende quando perde.*

Derick notou que havia acontecido algo na noite anterior entre Ana e Paul, ela estava estranha e ele não parava de olhá-la. Quando chegou hoje, percebeu o clima entre eles. Mesmo sem se falarem muito era notável que ainda sentiam algo um pelo outro, para qualquer um que observasse com atenção.

Na hora dos parabéns o clima ficou tenso. Juliene foi até pai e o arrastou para perto do bolo e Bia trouxe a mãe. A tensão era gigante, mas cantaram o famoso “parabéns pra você” sem maiores problemas. O primeiro pedaço de Juliene

foi para sua avó Glória e o de Bia foi para Henry que era seu príncipe encantado.

Depois de todo ritual básico que toda festa passa, chegou a hora em que os donos da casa rezam para os convidados começarem a seguir seus rumos, ou seja, ficam ansiosos para que vão logo embora. Então eis que surge a pessoa que todos menos esperavam.

Charlie!

— Ai meu Deus! — exclamou Ana, só que gritando. Ela foi a primeira a vê-lo descer de uma picape enorme. Porém, com seu grito, chamou a atenção de Paul e Derick que se viraram na direção de seu olhar petrificado.

— Charlie? — grunhiu Paul ao seguir em sua direção sem pestanejar. Henry foi logo em seu encalço, assim como fez seu pai.

— Olá, irmão — cumprimentou Charlie.

— Seu desgraçado! — vociferou Paul ao lhe desferir um soco. Charlie cambaleou, mas não caiu, pois já esperava por isso.

Estava ali na intenção de conversar e esclarecer toda a injustiça que Ana sofria. Havia vindo até a cidade fazer uma visita para Emma, após tantos anos longe, porém apenas com alguns minutos de conversa descobriu todas as merdas de que Ana era acusada. Soube das gêmeas, da separação dela com o Paul e de todo sofrimento que ela passou em sua gestação. E conhecendo o irmão como ele conhecia, tinha certeza de que era por causa da carta que lhe enviou antes do acidente.

Não tinha a intenção de procurar sua família, apenas visitaria Emma e iria embora. Sua primeira parada foi no cemitério para falar com o túmulo de sua mãe. Antes de pensar muito se viu partindo na direção da Fazenda Esperança, iria

confrontar o irmão gêmeo e jogar em sua cara a verdade.

— Também senti saudades, irmão — disse Charlie com ironia. — Mas, sabe, o desgraçado aqui não sou eu. — Paul tentava atacá-lo outra vez, mas estava sendo contido por Henry e Joseph.

— O que está fazendo aqui, Charlie? — indagou seu pai fazendo com todos os interessados o olhassem.

— Vim acertar as contas com meu querido irmão. Abrir a cabeça desse idiota — rosnou.

— Você disse que não voltaria até que eu falasse com ele — reclamou.

— Mas o que... O senhor sabia disso? Que ele está vivo? — Paul se afastou do pai, revoltado.

— Não tem muito tempo que descobri. Irei explicar tudo em breve — disse ele.

— Charlie... É você mesmo? Seu
PERIGOSAS ACHERON

desgraçado de uma figa. — Ana partiu pra cima dele e também lhe presenteou com um soco.

— Olá, doce Ana ou nem tão doce assim.
— Tocou o ponto em que ela lhe bateu, no queixo.
— Você melhorou bastante seu gancho de direita. Que mão pesada, mulher.

— Ainda o babaca de sempre. — grunhiu Henry. — Você deve estar achando tudo muito engraçado, não é mesmo?

— Não, não estou achando nada engraçado e vim até aqui por um único motivo. — Ele olhou de Paul para Ana. — Vim para esclarecer algumas coisas. Devo isso a você, Ana. — explicou sério.

Ela começou a chorar de raiva, frustração e por tantos motivos juntos. Parecia que toda a exaustão dos anos passados tinha caído sobre ela de repente. Quando Paul foi em sua direção, Derick surgiu e a embalou em seus braços, Charlie

observou com fúria. Não acreditava que o irmão deu vazão a uma carta de um morto ao invés de ouvir a mulher que ama e agora ela estava nos braços de outro que não os dele.

Paul era um babaca como ele sempre dissera., Pensava Charlie.

— Vamos para casa, Charlie — disse Joseph. — Não vamos conversar aqui com toda essa plateia.

— Como preferirem — concordou. — Mas quero que todos estejam presentes. Principalmente a Ana e o Paul.

— Eu não quero ouvir nada do que você tenha para falar — cuspiu o irmão. — Só quero distância de vocês. — disse olhando dele para o pai.

— É você mesmo, seu moleque? — vociferou Johnson ao se aproximar e ver Charlie

PERIGOSAS NACIONAIS

parado no centro que se formou ao seu redor. —
Você desgraçou a vida da minha Ana.

— Deus do céu. Como isso é possível? —
questionou Glória, espantada.

— Olá, John. Glória! — cumprimentou.

— Fora das minhas terras, seu moleque —
bradou Johnson.

— Eu vou, mas acho que antes vocês vão
querer me ouvir — disse calmamente. Queria falar
logo e ir embora, mais rápido ainda.

Glória captou, apenas no olhar, que suas
intenções eram boas e tratou de apaziguar as coisas.

— Vamos todos entrar, já temos plateia o
suficiente aqui fora.

— Na minha casa esse moleque não entra
— decretou Johnson.

— Por favor, pai — pediu Ana após se

PERIGOSAS ACHERON

recuperar. — Vamos ouvi-lo. É importante para mim. — Olhou para Paul que apenas acenou positivamente.

A família seguiu para dentro da casa, deixando as gêmeas com a pediatra que havia se tornado amiga de Ana, Simone. Ela foi indicação de Derick que a conhecia bem, eles tiveram um relacionamento que infelizmente não deu certo e Simone havia ido embora. Com sua volta para o Arizona, eles estavam próximos outra vez e Derick sentia que seus sentimentos se tornaram uma grande confusão. Simone havia voltado a despertar o seu interesse e pretendia conversar com Ana sobre isso.

Após se acomodarem cada um em um canto da sala, Charlie começou a falar.

— Certo. A primeira questão deve ser o porquê de eu estar vivo... Bom, eu fui jogado para

longe do carro e tive alguns ferimentos, não sai completamente ileso, porém consegui me manter, mesmo que zozzo, um pouco afastado e quando Ana foi atendida pelos paramédicos eu entrei em contato com um amigo que nos esperava ali perto. Ele me ajudou e eu fui embora, não me importei em esclarecer nada com ninguém. Só queria ir para bem longe desse lugar. Nunca suportei o campo... — Ele fez uma careta ao dizer isso. — Entrei em contato com mamãe seis meses depois, ela era a única com quem me importava. — Olhou para mamãe que estava sentada ao lado de sua mãe. — A outra pessoa com quem eu me importava não queria saber de mim, então só segui minha vida. Mamãe tentou me contar sobre as coisas que se passavam por aqui, mas eu nunca quis saber de nada, até hoje. — Respirou fundo — Eu vim visitar o túmulo dela... Precisava de um conselho que só ela poderia me dar. Enfim, quando saí de lá fui

PERIGOSAS ACHERON

visitar uma amiga e ela me contou todas as coisas que Ana passou desde o acidente. E cá estou eu.

— Pelo jeito ficar longe do campo lhe fez bem — zombou Henry.

Charlie estava bem vestido e tinha aquele ar que só os ricos metidos tinham. Todos ali tinham grana à vontade, mas não eram de se gabar por isso. Apenas viviam bem e faziam o que queriam sem precisar pisar em ninguém. Não que Charlie pisasse em alguém, mas ele tinha aquele ar de preponderância.

— Digamos que sim. Sou uma nova pessoa e por isso estou aqui. Não quero confusão. — Olhou para o irmão. — Falo aqui ou você prefere conversar a sós?

— Nada mais é segredo, *irmão*. Sinta-se à vontade — disse Paul com sarcasmo.

— Tudo bem... Ana não queria fugir

comigo. — Paul o olhou, incrédulo.

— Claro que não! — disse Glória convicta.
— Minha filha sempre amou o seu irmão e jamais faria isso. Ana tem caráter — murmurou.

— Infelizmente eu não pensava assim. O amor que eu sentia pela Ana me cegou ao ponto de não pensar e apenas agir. Planejei tudo, desde me passar pelo Paul... — disse olhando para ele. — Até nossa viagem, estadia temporária em um hotel para conversarmos... E eu contaria a verdade para ela e deixaria nas mãos de Ana dizer se queria ir comigo ou voltar. Pensei nos mínimos detalhes até mesmo... Na carta.

— Espera... Que carta? — indagou Ana, surpresa, olhando de um irmão para o outro.

— Então... A carta é uma farsa? — sussurrou Paul.

— Você devia ter falado com ela, irmão. Só

vim até aqui hoje por causa disso. Quando soube de tudo, logo deduzi que não havia feito isso. — Ele tocou a fronte, como se sentisse uma pontada de dor de cabeça. — Posso ter errado muito no passado, mas estou aqui por você meu irmão e pela Ana. Vocês merecem ser felizes e sei que por conta desse erro monumental cometi, junto com sua burrice que estão separados. — Olhou para Derick no canto mais afastado. — Sinto muito, doutor, mas esses dois se amam e não podem pagar pelos meus erros. Cai fora que a Ana nasceu para ser minha cunhada.

Derick nada falou, apenas acenou em concordância. Isso era fato para todos e ele já estava protelando demais sua conversa com Ana. Tinha a intenção de conversar com ela e pôr um fim ao que tinham e manter apenas uma amizade, como antes, mesmo depois de um ano juntos ela não o amava e ele era ciente disso.

— Eu não acredito nisso — rosnou Paul. — Todos esses anos... Você é um hipócrita de merda.

— Que carta? — exigiu Ana, já ficando alterada. — Do que diabos vocês estão falando?

— Bom, minha missão acaba aqui. Espero que se entendam e possam me perdoar um dia.

Então ele foi embora e ninguém o impediu, era nítido que Paul sabia as demais respostas.

Do lado de fora, Charlie vê as gêmeas, Ju corre ao seu encontro e o olha confusa. Bia vinha logo atrás da irmã e também o olhava em dúvida.

— Pai, cadê seu cabelo? — perguntou com sua curiosidade infantil. — Mudou de roupas também? Pra onde o senhor vai?

Charlie riu com a esperteza da menina.

— Eu sou tio de vocês duas — disse ele. — Tio Charlie. Sou irmão gêmeo do seu papai, assim como vocês são uma da outra.

— Isso é tão legal! — exclamou Bianca.

— Vocês são lindas e espertas. Uma mistura perfeita dos dois. Deem cá um beijo no tio que eu tenho que ir embora.

— Mas já? Não vai comer bolo? — perguntou Juliene.

— Não gosto muito de bolo, querida. — Ele afaga seus cabelos.

— Você volta depois para brincar com a gente, tio? — questiona Bia.

— Talvez eu volte sim. Agora, deixem-me ir. Cuidem do papai e da mamãe, ok?!

Ele deu um beijo em cada uma dela e se foi. Passaria a noite com Emma e depois partiria de volta para sua vida, longe dali. Tentaria levá-la consigo, lhe daria uma vida de princesa, nada mais de balcões. Esperava que ela aceitasse e largasse sua obsessão por Paul, assim como ele havia

esquecido de Ana. Mas duvidava muito, ainda mais agora que o irmão e ela, saíam às vezes. Isso só a fazia ter esperanças.

— *Vovô vamos lhe dar a chance de explicar sobre como descobriu que o tio Charlie estava vivo — diz Bia.*

— *É bom explicar direito, vô. Os leitores não perdoam — completa Ju.*

— *Só vocês, meninas. Vou ser breve, não gosto de mexer com essas tecnologias. — Ele ri.*

— *Tudo bem, vô. Estamos aqui para ajudar o senhor com tudo.*

Capítulo 21

Joseph

— Não faça esforço, Joanna — repreendo.

— Eu preciso falar, Josh... Você precisa saber.

— Por Deus, mulher. Deixa de ser teimosa ao menos uma vez.

— Charlie está vivo.... — ignorando meus protestos ela se pôs a falar me deixando sem fala.

— Ele está em Nova York... Se tornou um empresário de renome...

— Charlie está vivo? — sussurro incrédulo.

— Ainda está estudando, ele não vai parar nunca. — Ela dá um sorriso fraco — Sempre amou
PERIGOSAS ACHERON

isso...

— Você está me dizendo que nosso filho está vivo e bem, em outro estado e nem se deu ao trabalho de me contar nada, Joanna?

— Eu o ajudei com um pouco de dinheiro e ele entrou numa sociedade com um amigo. Hoje já tem o lucro do que investiram e muito mais... Ele chegou onde queria. — É notável o orgulho em sua voz já fraca.

— Isso não é possível. Você está delirando, mulher — resmungo.

— No nosso quarto, vá até o guarda-roupas e pegue minha caixa. Lá, você encontrará tudo de que precisa para conseguir falar com ele. Diga que o amei, não importa seus erros. Eu o amei muito.

Joanna já estava delirando, ela contraiu uma doença gravíssima que a consumia cada dia mais. O avanço foi rápido, visto que é uma doença

silenciosa, dentro de meses chegamos nessa fase crítica.

Ela não respondeu mais... Se foi.

Meses se passaram e acabei deixando de lado o que Joanna tinha me dito, por achar que fosse delírio.

Um dia, decidi arrumar suas coisas para doação e ao chegar em nosso quarto fui direto para suas roupas e lá me deparei com a caixa que ela citou. Eu sabia bem qual era, pois ela não deixava ninguém mexer na bendita. Dizia que merecia ter algo só dela e respeitamos isso, até porque jamais iríamos pensar que poderia ter um segredo desses ali dentro.

Ao abrir vi que tinham várias cartas que ela trocava com nosso filho, um papel com um endereço e um número de telefone celular. Não pensei duas vezes ao sacar meu celular e logo

PERIGOSAS NACIONAIS

disquei os números escritos ali, precisava tirar essa dúvida o quanto antes.

— *Alô.*

— Charlie? — indaguei surpreso.

— *Aconteceu algo com a minha mãe?* — foi sua resposta.

— Ela está morta — disse ainda sem acreditar que falava com meu filho dado como morto.

— *Morta?* — gritou.

— Joanna ficou doente muito rápido, menos de três meses e ela veio a óbito — expliquei.

— *Por que não me ligou antes?*

— Porque eu não sabia que meu filho dado como morto há mais de dois anos estava vivo!

— *Como ficou sabendo, pai?*

— Sua mãe me disse. Seu último suspiro foi

PERIGOSAS ACHERON

para me dizer que você estava vivo e indicou, também, como te encontrar para que eu pudesse te dizer o quanto ela o amou.

— *Oh meu Deus.* — Ouço ele chorar — *Não acredito que não pude me despedir dela.*

— Por que está se escondendo, Charlie?

— *Não estou me escondendo, pai. Apenas não quero mais contato com minha vida de antes.*

— Por que assim? — esbravejo. — Não podia ir embora se despedindo dos seus pais. Esclarecendo as coisas com as pessoas?

— *Eu não quero saber de nada, pai. Só a minha mãe me interessava. Ela sim, sempre me amou. O senhor só queria saber do seu favorito. O bom moço que cuidaria de sua fazenda quando partisse desse mundo ou decidisse se aposentar —* grita ele. — *Eu sempre fui um estorvo, um bônus desnecessário, apenas porque nunca gostei de viver*

ai. Eu sempre quis a cidade e não o campo. E paguei por isso vendo o senhor derramar todo seu orgulho no filho perfeito.

— Não é bem assim — me defendi. — Sempre amei os dois por igual. Vocês são meus tesouros. Um dos maiores presentes que Deus me deu. Sempre tratei os dois igualmente, você que se isolava por não gostar do campo e de nenhuma tarefa da fazenda.

— *Agora não importa mais. Isso é passado* — disse ele.

— Você precisa voltar, Charlie.

— *Não agora. Agora eu não posso. Se minha mãe ainda estivesse viva, eu largaria tudo para ficar com ela. Mas agora, não posso. E por favor, por todos os anos que o senhor me negligenciou, peço que mantenha esse segredo.*

— Eu não negligenciava você — digo

firme. — Não vou esconder isso do seu irmão.

— *Ah, vai sim. O senhor me deve isso, pai. Eu vou me entender com meu irmão, mas não será agora.*

— Quanto tempo você precisa?

— *Um ano talvez. Não sei bem.*

— *Dois meses — decretei. — É todo o tempo que você tem para aparecer e arrumar toda a bagunça que deixou para trás. Depois disso faça o que bem entender de sua vida.*

Charlie é meu filho e o amo da mesma forma que amo o Paul, porém como pai tinha passado da hora de mandá-lo fazer a coisa certa. Deixei que Joanna desse muita liberdade, ela acabou mimando demais e o menino se tornou um homem rancoroso. Espero que com o tempo ele enxergue tudo isso e seja feliz.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 22

— Paul, pode me dizer que raios de carta é essa? — perguntou Ana, já fora de si.

Após a saída de Charlie da sala, todos permaneceram no mesmo lugar, ficaram em choque. Ainda sem acreditar no que tinham visto e ouvido.

Entretanto, Paul estava em estado de torpor total, ele não conseguia acreditar que havia caído em uma farsa. Que todos esses anos ele ficou longe da mulher que amava por acreditar em uma mentira ridícula. Que ele fora um idiota por não ter tido a capacidade de confrontar Ana e esclarecer de uma vez por todas ao invés de ficar se amargurando e fazendo os dois sofrerem. Que havia perdido

momentos importantes do crescimento de suas filhas em sua barriga e do dia a dia.

As gêmeas convivem com ele, mas não era a mesma coisa se morassem juntos. Eles poderiam estar casados e felizes, se não fosse por ele ter sido tão estúpido e deixado que o orgulho próprio o dominasse.

Depois de tudo isso, ele havia decidido seguir com sua vida e aceitado que Ana seguiu a dela, sem ele. Se antes de ouvir tudo que o irmão dissera já sentia nojo e repulsa por suas atitudes, agora isso se multiplicará. Quantas vezes chegou a sair de casa com a intenção de ir falar com Ana e acabava sentado na mesa do bar de Emma e ao final da noite se entregando a momentos de luxúria com a mesma.

Paul sabia que Emma era louca por ele e por isso aceitava as migalhas que lhe dava, como noites

de sexo e nada mais. Sem compromisso, mesmo que aos quatro ventos ela dissesse que namoravam. Mas para ele aquilo era uma forma de escape, apenas para distrair sua mente e se impedir de ir atrás da mulher que amava com todas as suas forças, pois acreditava que ela era uma traidora. Que ela tinha traído ele com seu gêmeo.

— Vamos sair todos e deixá-los a sós por um momento — disse Glória.

— Não, todos ficam. — gritou Ana. — Paul O'Malley, eu estou esperando uma resposta sua e acho bom que você comece a me dar o que estou pedindo, por favor.

Paul a olhou e uma lágrima desceu por sua face, chocando todos ao redor. Derick queria sair dali, pois sabia o quanto o assunto era pessoal. Ele namorava Ana, mas já não nutria o mesmo sentimento do início do namoro e sabia que ela

PERIGOSAS NACIONAIS

apesar de gostar dele, não o amava. Ele sabia que o namoro deles era fadado ao fracasso desde o início e ambos estavam perdendo tempo investindo nessa relação.

— Eu vou ficar lá fora e ajudar a Simone com as meninas — disse Derick ao sair da sala sem esperar por respostas.

Paul estava sem fala, só conseguia olhar para Ana e balançar a cabeça em negativa. Ela levantou do sofá que estava sentada com sua mãe e se prostrou a sua frente.

— Eu tenho o direito de saber, Paul — sussurrou. Ele tocou seu rosto.

— Me perdoa? — sua voz saiu embargada ao proferir o pedido.

Sem perceberem, todos os outros saíram e foram para a sala adjunta. Johnson foi sob protestos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vamos deixá-los a sós, John — cochichou Glória enquanto arrastava o marido.

— Não é certo, Glória. É se esse moleque magoá-la outra vez?

— Não vai. Eu sei que não vai — afirmou ela.

— Não posso perdoar nada se não sei do que estamos falando — disse Ana baixinho.

— Vem comigo, eu vou te mostrar. — Paul lhe estendeu a mão, Ana olhou para a mão estendida e de volta para seu rosto — Por favor? — implorou ele.

— Para onde? — questionou ao pegar em sua mão.

— Logo você verá.

Ele não queria dizer, pois sabia que ela se negaria a ir.

PERIGOSAS ACHERON

Assim, saíram pelas portas dos fundos sem que ninguém visse. Subiram na picape dele e Paul os levou para a fazenda vizinha. Iria abrir o jogo de uma vez e ouvi-la, se ela ainda quisesse falar com ele ao fim de tudo.

ΩΩΩ

— Tudo bem por aqui?

— Sim. Elas estão distraídas brincando — respondeu Simone.

Derick se aproximou e a olhou de canto. Simone é uma mulher linda. Idade próxima à dele, cabelos curtos e escuros, olhos no mesmo tom. Corpo curvilíneo que ele adorava. Eles se entendiam como nunca acontecera com outros parceiros.

Derick chegou a pensar que poderia dar
PERIGOSAS ACHERON

certo com Ana, mas após dois anos juntos vira que não passavam de amigos com benefícios e, agora, olhando para Simone novamente percebeu que tinha sentimentos fortes por ela e por ser tão imaturo no passado deixou ela passar. Não deixaria dessa vez. Eles haviam se aproximado desde que ela voltou e passou a ser médica no mesmo hospital que ele trabalhava, ela voltou há seis meses e desde sua chegada que Derick se sentia estranho.

— Simone, por que terminamos? — Ela o olhou e sorriu de lado, surpresa com a pergunta repentina.

— Porque você não estava pronto para assumir um relacionamento sério e eu não queria viver em uma amizade com benefícios para sempre — respondeu curta e grossa.

Simone nutria fortes sentimentos por ele e havia ficado mal com o rumo que a vida deles

PERIGOSAS NACIONAIS

seguirá. Então decidiu dar um tempo numa filial do hospital, em outra cidade e se afastar dele. Quando viu Derick novamente, após sua volta, todos esses sentimentos vieram à tona. E ela ficou triste por saber que ele namorando. Ficaré feliz por Ana, pois tinham se tornado amigas e gostava dela. Mas triste por ela mesma, pois achava que ainda tinha chance com ele.

— Não *queríamos* compromisso — retificou Derick.

— Eu apenas dancei conforme a música, Derick — disse rindo sem humor.

Não estava gostando de falar sobre isso. Anos se passaram e tentava manter esse sentimento guardado no fundo de seu coração. Derick se aproximou um pouco mais e levantou seu queixo para olhá-la nos olhos. Ela ficou incomodada com a proximidade.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Se eu tivesse proposto algo mais, você teria aceitado?

— Um pouco tarde para termos essa conversa, Derick. Nem sei o porquê de você estar lembrando isso. Melhor mudarmos de assunto.

— Não foge de mim, Si — pediu ele. — Me responde, por favor?

— Talvez. Derick, vamos esquecer isso, por favor? — pediu Simone.

— Em breve nós vamos voltaremos a esse assunto — proferiu ele. — Antes, eu tenho um outro para resolver.

ΩΩΩ

— Paul, o que estamos fazendo aqui? — perguntou Ana, assim que desceu do carro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Mas Paul ignorou a pergunta, apenas segurou em sua mão e a levou até seu quarto. Lá, ele começou a procurar pela carta em sua escrivaninha.

— Sente-se. — disse fazendo apontando a cama, porém ela não saia da soleira da porta. — Por favor, Ana. Nós precisamos conversar — disse um pouco mais enfático.

— Um pouco tarde para isso, Paul — resmungou ela ao sentar-se. Ele pegou uma cadeira e sentou-se à sua frente.

— Talvez seja tarde — comentou a olhando profundamente nos olhos. — Eu posso já ter te perdido para sempre. Mas antes de mostrar a carta que o Charlie citou, eu preciso que me escute.

— Estou ouvindo — disse Ana impaciente. Queria saber que "raios" de carta era essa que eles tanto falavam.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Na noite do acidente...

— Ah, não! — resmungou. — Vamos voltar no tempo? Tudo isso é doloroso demais, Paul.

— É preciso. Você precisa entender meu ponto de vista ao ler essa droga — grunhiu baixinho. — Precisa saber meu estado de espírito ao ler cada linha que está escrita nessa maldita carta — disse balançando o envelope em suas mãos.

— Tudo bem!

— Na noite do acidente, horas antes, nós tínhamos combinado que eu voltaria para dormir com você... — Ela acenou. — Quando cheguei lá, seu quarto estava bagunçado e havia um bilhete direcionado a sua mãe. Nele você pedia desculpa e dizia que logo daria notícias. — Mais uma vez Ana concordou. — Pois bem, horas mais tarde veio à notícia do acidente... Você machucada e grávida

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

em uma cama de hospital, meu irmão morto, malas de roupas suas e dele que foram encontradas espalhadas no local que o carro capotou... Depois de horas velando seu sono, ficou claro para mim que vocês estavam fugindo, juntos. — Paul levantou e começou a andar pelo quarto. As mãos bagunçando os cabelos. — Eu não queria acreditar na direção que meus pensamentos seguiam. E após conversar com meu pai decidi ir até você e pedir que contasse o que de fato acontecerá.

— Mas você nunca veio — acusou.

— Não, nunca fui... — admitiu Paul, voltando a sentar na cadeira. — Nunca fui porque recebi essa carta. Pelo o que entendi, ela já estava programada para chegar a mim, independente do acidente.

— Paul, nada disso está fazendo muito sentido para mim. Só o fato de que fui acusada

PERIGOSAS ACHERON

injustamente. Se você tivesse me procurado saberia de toda a verdade — repetiu Ana, cansada de tudo aquilo. Era desgastante para ela ter que ficar relembrando tudo.

— Você precisa ler isso.

Ele lhe estendeu o papel já tantas vezes amassado por ele mesmo e quase rasgado. Pois quando leu a primeira vez foi isso que tentou fazer, rasgar tudo aquilo que estava ali.

Ana pegou o envelope e abriu, pegou a carta e começou a ler.

Paul olhava atentamente as expressões dela ao ler. Agora tudo fazia sentido para ele que estava se xingando internamente por ter sido tão fraco e não enxergado a verdade na sua frente. Ana nunca o trairia, ainda mais com seu irmão. Ela o tinha como um irmão também. Sempre tratará Charlie da mesma forma que trata o Henry.

Ana ficou chocada com a carta de Charlie, jamais imaginara que ele fosse capaz de tal ato. Mesmo que tivesse ido ao extremo e praticamente sequestrado ela, não imaginou que poderia inventar tais coisas a respeito dos dois e enviar para o irmão. Sua cabeça ficou uma confusão só.

Primeiro ficou em choque, mas logo se lembrou de tudo que Paul lhe falou antes de entregar o papel e passou a entender como sua mente deve ter ficado perturbada diante de tanta coisa. Porém, tudo isso poderia ter sido resolvido se ele tivesse ido até ela e conversado. Tudo poderia ter sido esclarecido e eles não sofreriam. Ela não teria sido humilhada.

— Você se deixou levar por esse pedaço de papel, com essas palavras ridículas e totalmente sem fundamento ao invés de falar comigo e me perguntar o que tinha acontecido para eu estar

naquela droga de carro com seu irmão e logo em seguida naquela porcaria de hospital? — explodiu ela. Paul engoliu em seco.

Fúria tomava todo seu ser por ver o quão idiota e ridículo ele havia sido. Ana queria socar sua cara bonita de tanta raiva que estava naquele momento.

— Ana...

— Eu não quero ouvir mais nada, Paul. — Ela levantou, lhe estendeu a carta e saiu do quarto. Paul a seguiu.

— Ana, espera. — Ele segurou seu braço e a fez virar de encontro ao seu corpo. — Você tem que entender o meu lado, eu te expliquei tudo para que lesse aquela porcaria com a mente aberta. — Ana riu sem qualquer resquício de humor.

— Poupe-me, O'Malley — grunhiu. — Você não me deu a chance de me explicar por

causa de meia dúzia de palavras sem nenhum sentido... — Ela se soltou de seu aperto e empurrou seu peito com o indicador. — Você não confiou em mim... Você duvidou do meu caráter... Você... — Ela respirou fundo para engolir as lágrimas que há tanto tempo ameaçavam cair e ela vinha segurando firmemente. — Como você pôde acreditar que eu seria capaz de te trair e pior, com seu irmão?

— Não... Eu fui um estúpido com você. Eu sei e admito. Disse absurdos e coisas sem pensar. — Ele a prensou contra a parede com seu corpo, segurando suas mãos no alto de sua cabeça. — Mas nunca duvidei que elas eram minhas. *Nossas filhas*. Confesso que tive alguns rompantes, mas no meu íntimo eu sempre soube a verdade sobre elas. Não é a toa que as registrei com o meu nome. No fundo, meu coração sabia disso... Eu fiquei cego, Ana. O ciúme me cegou por completo... Charlie já havia me dito várias vezes que você iria me deixar mais

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cedo ou mais tarde e ficaria com ele, pois era o melhor em tudo e poderia te tirar daqui e te dar uma vida de rainha. Que te levaria para conhecer o mundo. Enquanto eu só poderia te proporcionar uma vida aqui, sem as aventuras que eu sabia que você sonhava. — Ana balançou a cabeça em negativa.

— Eu nunca quis nada disso. Você sabe o quanto amo o campo e nunca me importei com luxo algum, mesmo assim nós temos condições financeiras muito boas. Eu só queria ser feliz com você. Eu queria tudo isso com você. Nossa lua de mel poderia ter sido conhecendo o mundo... Eu amei você com toda minha alma, Paul. Nós planejamos um futuro juntos — sussurrou. — Você não podia ter se deixado levar por palavras inúteis e sem fundamento algum.

— Não fala que me amou... Eu sei que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ainda me ama. Eu te amo tanto, Ana. — Ele tocou sua bochecha com o nariz e foi se aproximando aos poucos de sua boca.

Ana estava muito mais magoada que antes. Ela virou o rosto e Paul beijou seu pescoço, cheirou seus cabelos. Ali, ele chorou. Deixou que lágrimas escorressem por sua face. Ana também se entregou ao chorou, após anos sem derramar uma lágrima por esse motivo, ela se deixou levar.

Paul soltou suas mãos e ela enlaçou pescoço dele, no mesmo instante em que ele a enlaçou pela cintura. Juntos, deixaram que as lágrimas de frustração por tantos anos de angústia e sofrimento vividos, por parte dos dois, os dominassem.

Finalmente as coisas estavam sendo esclarecidas e quem sabe agora poderiam seguir em frente juntos e em paz.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 23

— Sim. Eu ainda te amo. Amo muito — sussurrou Ana em seu ouvido.

Ainda estavam abraçados, ambos sentiam falta do calor, do conforto do corpo um do outro. Foram anos negando o que sentiam. Paul sentiu seu corpo estremecer ante sua confirmação. Ele não percebeu o "mas" que ficou subentendido em sua frase.

— Oh, Ana. — Ele segurou seu rosto em concha. — Me conte tudo... Eu quero saber tudo sobre aquela noite.

— Não agora — disse ela. — Eu tenho que voltar pra fazenda...

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não, não precisa — interrompeu. — As meninas estão bem. Nossos pais estão cuidando delas — disse ele, pois sabia que essa devia ser sua preocupação.

— Eu sei que estão, mas eu preciso vê-las.

Ana tirou suas mãos de seu rosto.

— Você está se afastando de mim. — afirmou Paul.

— Eu preciso... Preciso de espaço... Tenho que pensar em tudo isso — explicou Ana, balançando a cabeça em negativa.

— Tudo bem, Ana — concordou ele.

— Mesmo? — Ana ficou surpresa, pois Paul não aceitava as coisas tão facilmente.

— Sim. Só quero que sabia que eu já estava decidido a te ter de volta. Já tinha decidido esquecer toda essa merda...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Paul, eu te amo muito. Mas nosso tempo passou.

Ele continuou a falar sem se importar com o que ela disse.

— Por nós... Por nossas filhas que tanto querem os pais juntos.

— O que disse?

— Que eu vou te ter de volta. Já tinha isso em mente e agora, mais do que nunca, eu preciso ter você pra mim. Como deveria ter sido desde o início — disse categórico.

— Não. Estou falando sobre o que disse das meninas. Elas te disseram algo? — indagou.

— Sim, elas vivem no meu pé. — Paul sorriu — Dizem que não posso deixar você namorar outro homem que não o papai delas.

— Elas disseram isso? — Ana estava em choque, pois nunca falaram sobre isso com ela.

PERIGOSAS ACHERON

Os coleguinhas delas tinham seus pais e eles moravam juntos, na cabeça das gêmeas os pais delas também deveriam morar juntos. Não entendiam sobre nada e não sabiam os motivos para eles não serem casados e dividirem o mesmo teto. Até gostavam de Derick, mas ele não era pai delas.

Ana sempre deixou claro que Paul era pai. Logo elas passaram a perguntar o porquê de ele não namorar a mamãe delas e tantos outros questionamentos que toda criança faz nessa idade. Até que um dia Paul disse que em breve estaria namorando com Ana e precisava da ajuda delas pra isso.

— Sim. A Ju me disse que eu devia namorar a mamãe dela e não o tio Derick. — Paul sorria, vitorioso.

— Oh. Elas nunca me falaram nada. — Ana se sentiu um pouco culpada por estar namorando

alguém que as filhas não queriam. Mas não era por isso que pensava em deixar o Derick e sim, por outros motivos que já estavam em sua mente há bastante tempo.

Ana não era boba e havia notado os olhares trocados entre Derick e Simone. Ela até já tinha tentado conversar sobre isso com ela, mas a doutora se esquivou legal. Agora era a hora de conversar com Derick.

— Foi nosso combinado.

— Combinado? Você está ensinando minhas filhas a mentirem pra mim, é isso mesmo?

— Ana ficou furiosa.

— Não. Elas que disseram que queriam me ajudar a namorar a mamãe delas de novo. Você bem sabe o quanto elas são espertas pra idade delas, Ana.

— Sim, eu sei. Mas...

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mas nada. Vamos embora antes que eu te tranque no meu quarto até que estejamos acertados. — Ana o olhou chocada.

— Você não ousaria, O'Malley — rosnou.

— Quer pagar para ver, Thompson? — Paul ergueu uma sobrancelha em desafio.

— Não são assim que as coisas irão funcionar querido. — Ana o empurrou contra a parede oposta do corredor com as mãos espalmadas em seu peito largo e musculoso. — Você vai ter que rebolar muito, mas muito para me convencer de que eu deva te perdoar por todos esses anos, Paul. — Ela se aproximou até que sua boca estava colada ao seu ouvido. Ele segurou sua cintura e apertou a carne quando seus corpos ficaram unidos. — Me trancar em seu quarto não resultaria em nada. Me ter em seus braços ou em sua cama, será uma tarefa bem mais difícil do que me fazer te perdoar.

PERIGOSAS ACHERON

— Rebolo com todo prazer... — sussurrou Paul em seu pescoço. Causando um arrepio por toda sua pele. — Quando estiver enterrado bem fundo no seu canal apertado que me pertence. — Ela arfou audivelmente quando ele beijou ali e logo mordeu o lóbulo da sua orelha.

— É o que veremos — devolveu ao se afastar. Mas Paul a manteve no círculo de seus braços e olhando em seus olhos disse.

— Eu farei o possível e o impossível para te ter de volta, Ana.

— Vamos embora — decretou ela ao se afastar de vez e sair andando atordoada para fora da casa.

ΩΩΩ

Os convidados começarem a ir embora
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pouco depois da aparição de Charlie, apenas os mais fofoqueiros que se mantiveram no local, até que Glória deu a festa por encerrada.

Ninguém sabia para onde Ana e Paul tinham ido, então a missão dos avós era distrair as gêmeas.

John se exibia montado em seu cavalo, para anima-las e entreter visto que estavam querendo saber onde os pais haviam se enfiado. Queriam eles a todo custo, ninguém sabia onde estavam. Ana tinha deixado o celular e Paul não atendia o dele.

Então do nada o cavalo de Johnson se assustou com algo e saiu em disparada, fazendo ele perder o equilíbrio e cair após uma parada brusca que o animal fez. Glória gritou e saiu correndo até o lugar em que o marido estava caído e desacordado. Simone e Derick levaram as gêmeas para dentro de casa rapidamente para que não

PERIGOSAS ACHERON

vissem nada.

Joseph também correu na mesma direção de Glória e ao chegar lá se deparou com Johnson desmaiado e com sangue saindo de seus ouvidos. Glória estava desesperada, nunca tinha visto ela daquele jeito.

— Não mexa nele, Glória. Derick já está vindo.

— Estou aqui. — Derick analisou a cena e lamentou em silêncio. Logo fez o que podia.

— Me diz que ele está bem, filho. — pediu Glória aos prantos.

— Estou ligando pra emergência, Glória. Tente manter a calma. — Fez sinal para Joseph que acenou em entendimento.

— Paiiii! — gritou Ana ao longe. Eles estavam na caminhonete de Paul e ela viu tudo. Quis correr, mas ela a segurou em seu lugar e virou

o veículo naquela direção.

Chegaram no momento em que Derick dizia para Glória ser forte. Ana entendeu o que ele quis dizer assim que olhou para o corpo do pai, caído no chão. Sua cabeça havia batido em uma pedra quando e estava virada para o lado, de seus ouvidos saíam sangue. Não era a melhor cena a se ver.

Paul a segurou forte em seus braços e sussurrou palavras de conforto em seu ouvido. Ele sabia, assim como ela, que a situação era complicada. Ele teria que ser forte pela sua amada e deveria estar presente em todos os momentos em sua vida, a partir dali.

Capítulo 24

Em pouco tempo uma ambulância chegou e Johnson recebeu os primeiros socorros, ele foi levado para o hospital e Glória o acompanhou na ambulância. Os outros seguiram com seus carros, Ana e Paul ficaram para falar com as filhas, elas estavam muito assustadas com tudo.

— Meninas — Ana chamou assim que entrou no quarto delas, quarto que ainda dividiam.

Ela estava tentando controlar o choro, mas seu rosto estava muito vermelho. Paul estava logo atrás com uma cara péssima.

— Mãe, por que tá chorando? — perguntou Bianca.

— Mamãe está um pouco triste. Mas vai ficar tudo bem, meu anjinho — disse ela, PERIGOSAS ACHERON

abraçando-as apertado.

— Mãe, o vovô caiu do cavalo e não levantou. Ele morreu? — perguntou Ju no auge dos seus três anos de idade e com toda sua esperteza. Indo direto ao ponto.

Ana não conteve um soluço que veio do fundo da garganta e algumas lágrimas escorreram por sua face. Paul se abaixou ao seu lado e enterrou o rosto dela em seu peito. Olhando para nós ele disse:

— O vovô John se machucou feio, meninas — começa explicando. — Mas o tio Derick chamou reforços e já estão cuidando dele no hospital.

— Isso. — Ana pareceu renovar suas forças. — Logo ele está de volta, queridas.

— Agora, as duas, já para banho — disse Paul. — Estou sentindo um cheiro estranho no ar.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ele tapou o nariz com uma mão, fazendo elas sorriem.

— Não estou fedendo, pai — resmunga Bia.

— *Tá* sim. Também *tô* sentindo um fedor — diz Ju, só para irritar a irmã.

— Corram lá que a mamãe já vai ajudar.

Elas foram para o banheiro e ligaram a água para encher a banheira.

No quarto eles voltaram a conversar. Paul se levantou, levando mamãe consigo e a manteve em seus braços. Ela estava muito abalada, pois era bem consciente dos fatos, já vira vários acidentes do tipo acontecerem e dificilmente a pessoa sai viva.

— Eu vi que já o levaram — comentou Simone.

— Sim. Viemos conversar com as meninas e logo iremos pra lá, será que você podia...

PERIGOSAS ACHERON

— Claro, não se preocupem com isso. Hoje é meu dia de folga. Eu fico com elas — respondeu à pergunta que Paul deixou no ar.

— Podíamos ligar pra sua amiga Alanna, meu mel. Tenho certeza que ela pode ajudar a Simone.

— Não, ela não pode. Alanna está indo embora hoje, a essa altura já deve estar no avião.

— Como assim embora? — perguntou surpreso.

— Depois eu te conto. Podemos ir logo? — pediu ela limpando o rosto.

— Claro. Vamos dar um banho nas meninas, comida e depois iremos.

— Sim. Vou cuidar delas primeiro.

— Eu vou indo lá no banheiro. Enquanto isso por que não vai preparar algo pra elas comerem? Assim fica um pouco a sós para se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

recompor, elas não podem ver você tão abalada. Podem se assustar — diz Paul para ajudá-la a se situar. Ele afagou seu rosto e Ana acenou em concordância se aninhando mais a ele e reunindo forças.

— Eu vou pegar os pijamas. Se quiserem eu dou comida, posso ficar assistindo TV com elas e logo dormem. Estão cansadas das atividades do dia — oferece Simone.

— Obrigada, Si. Sua ajuda está sendo muito importante — agradeceu Ana ao lhe dar um abraço.

— Somos amigas e amigos servem para isso. Pode ir tranquila que cuido delas com muito carinho. Adoro ficar com essas pequenas.

— Eu sei, confio em você.

— Wow. Vocês estão tomando banho ou lavando o banheiro? — brincou Paul ao entrar no banheiro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pai, lava meu cabelo — pede Ju.

— Não, nada de lavar cabelos essa hora. Sua mãe me mata e você sabe disse, Juliene — repreende. — Amanhã pela manhã lavamos. Agora, vamos agilizar com esse banho que eu quero conversar com vocês.

— Terminei — grito Bia. Paul a ajuda a secar seu corpo miúdo e manda ir para o quarto.

Logo as gêmeas se juntam no quarto e Simone as ajuda a vestir os pijamas. Paul senta na cama de Juliene e as chama para o seu colo, ao qual vão prontamente.

— Eu vou ver se a Ana precisa de ajuda — avisa Simone. Paul acena para ela e assim que ela sai começa a falar.

— Vocês se divertiram muito hoje?

— Simmmmm! — gritam em uníssono.

— Gostaram da festa e dos presentes?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Foi a melhor festa de todas... Todos vieram — diz Ju.

— Até o tio Charlie — completa Bia.

— Ele é igualzinho a você, papai. — Ju diz tocando seu rosto.

— Mas ele se veste diferente e o cabelo também era diferente — diz Bia, tocando seus cabelos.

— Somos iguais na aparência, assim como vocês são. Mas usamos roupas diferentes e o cabelo de outra forma. E por dentro somos completamente diferentes, meninas — comentou Paul, tentando esconder o desgosto de ser comparado ao irmão que lhe causara tanto sofrimento. Mesmo que Charlie tenha se arrependido e voltado assim que soube das consequências de seus atos, Paul iria ficar ressentido pelo resto da vida.

— Quando nós ficarmos bem grande

PERIGOSAS ACHERON

podemos ficar diferentes também? — pediu Ju.

— Sim. Podem mudar o cabelo e roupas. Na verdade, vocês já são diferentes. Cada uma tem seu jeito único de ser e são perfeitas assim.

— Ju, eu não quero ficar muito diferente de você — lamenta Bia.

— Não vamos ficar, não tem como Bia.

— Mas o papai disse que podemos...

— Mas não vamos e ponto — decreta Ju.

— Certo. — Paul interrompe o que poderia se tornar uma discussão — E os presentes? Ganharam muitos?

— Muitos, muitos. — Bia se anima.

— Ainda não abrimos tudo. Vovó disse que amanhã abriremos o resto — lembra Ju.

— Mas os que abrimos eram lindos. Tem o castelo da Barbie que eu queria — fala Bia,

encantada.

— Aquela boneca é feia, Bia. Não sei por que gosta dela — resmunga Ju.

— Ótimo. Preciso que vocês prestem bem atenção no que o papai vai falar, tudo bem!? — pede sério.

— Tudo bem! — diz Bia e Ju acena.

— Certo. Vocês viram que o vovô John se machucou e foi levado para o hospital... — Elas acenam e ele continua. — Pois bem, mamãe e eu estamos indo até lá para saber como ele está e vocês vão ficar aqui com a tia Simone — ele fala olhando de uma para a outra. — Ela disse que vai fazer uma maratona de filmes para assistirem e vão poder comer na sala de TV. Prometem para o papai que irão se comportar?

— Prometemos, pai — dizem em uníssono.

— O vovô vai ficar bem? — pergunta Bia.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vamos rezar e pedir a Deus que sim, meu anjo. — Ele beija a cabeça dela e em seguida da Ju.

— Antes de dormir nós vamos rezar, Bia — avisa Ju.

— Vamos sim.

— Muito bem, meninas. Agora deem cá um beijo no papai e vamos descer para comer. — Elas beijam seu rosto e ele as leva em seus braços para o andar de baixo.

— Até que enfim chegaram.

— Já falei com elas e podemos ir — anuncia Paul.

— Sentem e comam tudo, hein? E por favor, não deem muito trabalho pra Simone — súplica Ana unindo as mãos como se fosse rezar.

— Iremos ficar quietinhas, mãe.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— E antes de dormir vamos rezar pelo vovô. — Seus olhos se enchem de lágrimas quando a Ju falou.

— Obrigada, meus amores. Vocês são meu maior presente. — Ela as abraça e beija seus rostos.

— Estou aqui — diz Henry entrando às pressas — Desculpem a demora, estava ajudando a limpar tudo. Vieram buscar os brinquedos — se explica indo até Ana.

— Oh, Henry. — Eles se abraçam.

— Shiuuu. Vai ficar tudo bem, querida.

— Ana, nós temos que ir. — chama Paul.

— Podem ir tranquilos, eu vou ficar aqui e ajudo com as meninas.

— Obrigada.

— Obrigado, cara. Qualquer coisa vocês têm nossos números.

PERIGOSAS ACHERON



— Ei, olha pra mim — pede Paul.

Eles acabaram de chegar ao estacionamento do hospital e Ana já estava saindo da caminhonete, mas ele segurou seu braço a impedindo. A Ana virou de frente pra ele.

— Vamos logo. Eu preciso vê-lo. Preciso de notícias — súplica.

— Ana, você tem que estar preparada para o que vamos encontrar, ou não — começa. Ela solta as lágrimas, outra vez. — Você precisa ser forte pela sua mãe, meu mel. Ela vai se apoiar em você e você... Pode e deve se apoiar em mim. Eu vou ficar do seu lado o tempo todo. Me deixa ser sua força, seu alicerce.

— Ah, Paul! Obrigada. Eu me sinto tão
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

perdida, não sei o que fazer — sussurra.

— Pode deixar que eu cuido de tudo, apenas cuide de sua mãe.

— Meu pai não pode ir agora, não pode — proferiu balançando a cabeça em negativa.

— Não mandamos nos desígnios de Deus, Ana — murmurou Paul.

Ele desce do carro e abre a porta pra ela, que desce em seguida. Então eles se abraçam.

— Mais uma vez, obrigada.

— Não estou fazendo mais que minha obrigação e faço com prazer — disse Paul alisando seus cabelos. — Você esteve ao meu lado quando mamãe... Você sabe. Mesmo com raiva de mim, você ficou comigo.

— Não tenho raiva de você, Paul. Só mágoa. — Eles estão abraçados e agora se olhando.

PERIGOSAS ACHERON

— Nosso amor é forte e vai superar tudo — afirmou ele, com fervor. — Agora vamos entrar.

— Você é muito arrogante — disse ela cerrando os olhos. Paul segura seu queixo com os dedos e lhe dá um selinho demorado.

— Seguro. Sou seguro do que sinto e estou determinado em recuperar minha mulher. Em ter minha família comigo!

— Ana? — Ela pulou e se afastou rapidamente de Paul ante a voz conhecida que a chamou.

— Derick... — Tentou se explicar, mas ele a cortou.

— Tudo bem. Depois conversamos, agora não é o momento. Sua mãe precisa de você.

— Onde ela está?

Derick pediu que o seguissem. Ele havia saído para tomar um ar e quando voltava os viu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

abraçados, notou a cumplicidade entre o casal. Isso o fez se sentir menos mal pela decisão que tinha tomado.

Logo Ana avistou sua mãe que chorava nos braços de Joseph, as duas se abraçaram e choraram ainda mais.

— Pode me dizer o real estado dele? — Paul pediu a Derick em um canto afastado de todos, observando a cena à sua frente.

— Sem chances. A pancada na cabeça foi forte e lhe proporcionou uma fratura da base de crânio, por isso o sangramento dos ouvidos na hora da queda. Ele teve alguns danos em órgãos internos também. É questão de horas — disse em tom profissional.

Fez um momento de silêncio, até que Paul começou a falar.

— Entendo. Sobre a Ana...

PERIGOSAS ACHERON

— Em outro momento falaremos sobre isso
— cortou Derick. — Você só precisa saber que não vou ficar no seu caminho e espero que aceite minha amizade com ela — disse o olhando de lado. Paul acenou.

— Depois conversamos sobre isso.

— *Então, leitores, teremos uma passagem de tempo logo logo, portanto estejam atentos. Mas, calma. Não se assustem. Iremos contar em detalhes tudo o que aconteceu nesses anos que se passarem. Não precisam enfartar. E nem morrer por antecipação, as coisas vão acontecer no tempo certo.*

— *Não precisam mesmo — diz Bia as costas da irmã.*

Capítulo 25

Horas se passaram, a noite caiu e todos continuavam à espera de notícias. Ana estava mais firme, pois sua mãe não tinha condições para nada. Joseph, Paul e tio Derick mantinham-se próximos a elas.

— Glória, vamos tomar um café ou comer algo. Você precisa se alimentar — disse Joseph, sentando-se ao seu lado e segurando sua mão.

— Isso, mãe. Vai com o Josh, eu fico aqui.

— Não tenho fome — disse Glória, com a voz embargada.

— Pelo menos uma água. Vai dar uma volta, mãe.

— Por que isso está acontecendo? —

sussurrou ela, para ninguém em especial.

— Vem comigo, Glória. — Joseph se levantou e a levou consigo para tomar uma água.

O clima era de pura tensão. Derick, vez ou outra, entrava e via se tinha como Ana e a mãe entrarem para vê-lo uma última vez, mas ainda não tinha sido liberada a entrada delas.

— Eu vou lá dentro, outra vez.

— Derick... — chamou Ana. Ele foi até ela, sentou-se ao seu lado, a conhecia e sabia que estava preocupada com o que ele tinha visto mais cedo entre ela e Paul. Segurou suas mãos e falou.

— Ana, nós vamos conversar pela amizade que temos. Não quero perdê-la, mas saiba que está tudo bem. — Ele olhou por sobre os ombros dela. — Eu sei que é dele que você gosta, sempre o amou e sempre vai amar... Eu espero que se entendam e fiquem juntos. Ele é um cara bom e foi

enganado.

— Mas, Derick...

Derick sabia que ela estava aflita com essa situação, sabia também que aquele não era o melhor momento, mas precisava falar algo. Ana precisava de um colo que Paul estava disposto a dar, não que ele não estivesse, mas aquele não era mais seu posto. Paul deveria ocupar o lugar que era dele, pois era dele que Ana precisava no momento e ele também não estaria sendo honesto com ela.

— Me deixe falar — cortou. — Esse não é o momento propício, mas vejo que se sente culpada... Não tem o porquê de ficar assim. Na verdade, eu quem deveria me sentir assim.

— Não entendo — disse ela, confusa.

— Eu conheci uma pessoa, Ana — começou Derick.

— Conheceu? — indagou surpresa.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Na verdade, já a conhecia. Você também conhece, é a Simone — disse de uma vez.

— Oh!

— Nos reencontramos depois de um tempo longe e percebi que errei com ela no passado, ao não nos dar uma chance. E sabemos que a nossa, minha e sua, já passou da hora de acabar. Você pode ter um sentimento forte por mim, mas amor? Só por ele. E descobri que sinto o mesmo em relação a ela.

— Ah, Derick, sinto que posso estar fazendo a coisa errada. Mas torço por vocês, a Simone é uma pessoa maravilhosa. Sinto tanto por nós. Por não termos dado certo, você é uma pessoa maravilhosa e merece alguém que o ame de verdade — disse ela, com sinceridade. Ele alisou seu rosto.

— Não sinta. Foi muito bom o tempo que

PERIGOSAS ACHERON

passamos juntos. Mas acho que confundimos nossa amizade e desejo que nossos corpos sentem — Ana corou.

— Temos uma química enorme. Talvez você esteja certo.

— Espero que possamos continuar amigos, já disse para o "*grandão*" ali aceitar nossa amizade, pois dela não abro mão — disse, enxugando algumas lágrimas que escorriam pelo rosto dela.

— Obrigada! Muito, muito obrigado por tudo! — cochichou Ana, tentando conter as lágrimas.

— Não chore, querida. — Derick beijou sua testa.

— Você me ajudou a levantar, Derick. Se hoje sou tão forte foi porque você me deu um impulso enorme.

— A sua força vem de você, Ana. Só dei

uma forcinha. — Piscou um olho. Ela sorriu.

— Eu vou falar com a Simone e ajudar vocês. Os dois merecem serem felizes.

— Já passamos por alguns problemas no passado, mas vou lutar por ela.

— Oh, Deus. Então é você... Foi você que magoou ela. Ah, Derick!

Ana se recordou de uma breve conversa que teve com Simone, em que ela disse que amava um homem que afirmou não querer compromisso. E, que agora, esse mesmo homem, estava namorando com outra. E Simone pensava que o problema era ela, uma vez que o tal carinha parecia tão envolvido na relação com essa outra pessoa. Que Simone achava que ele não queria nada com ela além de sexo e diversão, já que só demonstrou esse tipo interesse por ela no passado.

— Eu tive meus momentos de estupidez. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele sorriu de lado.

— Ela deveria me odiar, mas nós nos damos tão bem. Vou falar com ela.

— Obrigado. Será de grande valia. Eu encontrei o meu caminho.

— Fico feliz, por você e por ela. — Ana o abraçou e logo ouviu um pigarro atrás si.

— Tudo bem por aqui?

— Sim, tudo bem — disse ela, sorrindo fraco para Derick.

— Eu vou lá dentro e já volto. — Lhe deu um beijo na testa e saiu.

Paul ocupou o lugar que Derick estava e olhou bem para Ana em busca de entender o que tinha sido a interação entre ela e Derick. Afinal, ela ainda namorava ele.

— O que foi isso?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Isso o que?

— Essa conversa entre vocês... Terminaram? — Paul bem que tentou esconder, mas a esperança saiu no tom de sua voz.

— Sim. Nosso tempo passou, continuamos como amigos daqui pra frente — disse ela.

— Entendo.

— Paul...

Ana queria conversar com ele, mas não era hora ainda e estava preocupada demais com seu pai. Só queria um colo.

— Não agora. Eu estou aqui e vou ficar. Não vou sair do seu lado, Ana — afirmou ele.

ΩΩΩ

Já era início da madrugada quando veio à

PERIGOSAS ACHERON

notícia da morte de Johnson.

Ana e Glória conseguiram vê-lo, assim que a mãe voltou da lanchonete. Ele estava desacordado e ligado a várias máquinas. O soar do bip constante em seus ouvidos era como se fosse um lembrete de que ele já não estava mais ali entre elas. Ambas choraram, disseram que o amavam e pediram para que voltasse para elas. Porém, não foi isso que aconteceu.

Derick, acompanhado do médico que atendeu Johnson, deram a notícia. Ele teve hemorragia interna devido a alguns ossos que quebraram e perfuraram órgãos importantes. Os médicos tentaram de tudo, mas não foi possível salvá-lo e após duas paradas cardíacas... Ele se foi.

Ana chorou agarrada a Paul, naquele momento não havia muito o que se falar. Então, ele apenas a embalou em seus braços, assim como ela

tinha feito com ele quando sua mãe se fora. Eles não se falaram, mas Ana ficou ao seu lado até a volta pra casa do enterro. Paul faria bem mais, não sairia do seu lado em hipótese alguma.

Glória ficou devastada, Joseph a estava amparando. Ele e Paul, com a ajuda de Derick, cuidaram de tudo para o enterro.

Capítulo 26

Três meses após a morte de Johnson e as coisas seguiam como deveriam. Ana assumiu as coisas sobre a fazenda, pois não podia parar com a produção. Henry ajudava com o que sabia e com o que era sua função: os animais, mesmo que ainda não estivesse formado em veterinário.

Paul não saía de perto, mas eles ainda não haviam conversado sobre a carta e tudo mais. Ele apenas ajudava Ana a pôr em ordem na parte burocrática da fazenda ou ficava com as filhas, nas horas vagas.

É sexta e Paul decidiu que Ana deveria sair para dar uma volta, apenas como amigos. Glória mais que apoiou, mas não quis ir e disse que ficaria com as gêmeas, Joseph se prontificou em ajudar.

Então Ana arrastou Simone, Derick e Henry junto e assim todos foram para o bar de Emma. Paul gemeu em frustração quando todos concordaram em ir pra lá, já que era a melhor opção para todos por ser o mais próximo. Ele previa confusão.

Acomodaram-se em uma mesa e pediram suas bebidas.

Derick ainda estava tentando mostrar pra Simone que a ama de verdade e que merece uma chance, Ana estava empenhada em ajudar. Paul ainda não engole bem o fato do Derick ter namorado nossa Ana, mas ou ele aceita que agora são amigos, ou ela o manda pastar. *Eita mulher decidida!*

Estavam todos bebendo e conversando tranquilamente, quando tudo aconteceu.

Emma, que estava até então distraída e não tinha notado a presença deles, quando viu que Paul

PERIGOSAS NACIONAIS

estava em seu bar com nossa Ana, ficou uma fera e partiu para o ataque. Paul estava ignorando todas as suas chamadas depois de ter lhe dito com todas as letras que não ficariam mais juntos e que voltaria com Ana, mesmo ela dando um "piti" dizendo que não merecia ser descartada assim. Mas só na cabeça dela que eles tinham compromisso, eles nem ficavam com tanta frequência. Só que Emma não iria engolir isso assim tão fácil.

— Boa noite. Estão sendo bem atendidos?

— cumprimentou. Emma olhou para Ana, lançando dardos bem afiados em seu peito.

— Estamos sim. Seus funcionários são ótimos — respondeu Simone, que sabia bem da animosidade entre as duas.

— Que ótimo! — respondeu mordaz. — Paul, será que podemos conversar um instante?

— Já falamos tudo que tínhamos para falar,

PERIGOSAS ACHERON

Emma. Por favor.

— Oh, não falamos. Eu tenho uma novidade pra você — seu tom de voz era sarcástico.

Todos na mesa olhavam a interação, curiosos. Ana queria rir, pois sabia que Emma era capaz de fazer qualquer coisa para ter Paul, ainda mais nesses três anos em que eles estiveram nesse fica e não fica. Emma criou mais que esperanças. Ela fazia questão de dizer que namoravam, mas Ana sabia que era mentira. Henry dizia tudo para ela e sabia que Paul não queria nada sério com mais ninguém depois da *decepção* que teve com ela. Não que ela se interessasse.

O que Ana pensava olhando para Emma é que seu tempo também havia passado. E agora Paul era seu de novo, ele iria rebolar para tê-la de volta, mas ela sabia que não resistiria por muito mais tempo. Ainda olhando pra ela, Ana se aproximou

de Paul e sussurrou em seu ouvido.

— É melhor você ir, ela parece brava. Não quero escândalos para estragar nossa noite.

Paul olhou de uma para a outra, desconfiado. Bufando, levantou e foi até um canto afastado com Emma, mas ainda assim tinha a visão perfeita de onde Ana estava.

— Pode falar — disse cruzando os braços. Claramente irritado por ter que se afastar de Ana para lhe dar atenção.

— Eu estou grávida! — anunciou ela.

— Parabéns! Era só isso? Nem precisava ter se dado ao trabalho. Nós não temos mais nada Emma e você faz o que quer da sua vida.

— Acho que você não me entendeu, querido. Estou esperando um filho *seu*.

Ele soltou uma sonora gargalhada que deixou Emma confusa.

— Gostei da piada. Acho bom você ir atrás do pai certo dessa criança.

— Ficou maluco? O filho é seu, eu não estive com mais ninguém — ela quase gritou seu protesto, quem estava perto olhou para a cena o que a deixou ainda mais irritada.

— Sinto em te informar, mas eu só tenho duas filhas e só terei elas. — Emma o olhava confusa. — Eu fiz vasectomia, Emma. Não tem a menor possibilidade desse filho, que você está esperando, ser meu.

Paul lhe deu as costas e voltou para a mesa sorrindo e balançando a cabeça em negativa para a tentativa frustrada de Emma para prendê-lo.

Já, Emma, fez alguns cálculos e se papai não era o pai de seu filho, só podia ser uma pessoa: *Charlie*.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 27

— Qual a piada, primo? — perguntou Henry, quando Paul voltou e se sentou com um sorriso estampado em seu rosto.

— Emma, querendo me dar o golpe da barriga — respondeu, pegando sua cerveja e bebendo um longo gole.

Henry caiu na gargalhada e Ana ficou tensa. Não entendia o porquê deles estarem sorrindo assim, se Emma estava grávida podia sim ser de Paul. Ela não sabia sobre a vasectomia que ele tinha feito e nem sonhava que Emma havia tido encontros com Charlie em sua última passagem pelo Arizona. Simone e Derick também olhavam se entender.

— Ela jogou sujo e se deu mal, bem feito.

Te disse que isso não daria certo — disse Henry, sem se importar com os outros na mesa, então também bebeu sua cerveja.

— Certo, estou com inveja de vocês. Me contem a piada que também quero rir — Derick disse, pois além de curioso viu a tensão no rosto de Ana e saiu em sua defesa, visto que ela mal conseguia respirar.

— Eu fiz vasectomia há um ano, ela não pode estar grávida de um filho meu — disse Paul, simplesmente.

— Vasectomia? Você é jovem, não pretende ter filhos um dia? — desafiou Simone. Ana estava em choque.

— Eu já tenho duas meninas. — respondeu Paul olhando para Ana que arfou. Ele nunca tinha admitido, não em voz alta e na frente de outras pessoas que as gêmeas eram suas filhas. — E sei

que elas me darão trabalho suficiente.

— Tem, é? Achei que fossem suas sobrinhas — zombou Derick, enquanto comia uns amendoins tranquilamente. Ele não perderia a oportunidade.

— Você tem um ponto, Wills — rosnou Paul, o olhando.

— Eu sei. — Derick piscou em resposta.

Sem aguentar aquela interação entre eles Simone lançou um olhar pedindo desculpas pra Ana, que acenou em concordância, então ela se levantou e foi embora. Não iria ficar vendo seu pretendente cutucar o "futuro atual" de sua ex. *Que complicado isso, mas vamos lá.*

— Se deu mal, doutor — zombou Paul, de volta.

— É melhor eu ir atrás dela — murmurou Derick, já se levantando.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Acho bom mesmo, Derick — grunhiu Ana, encontrando sua voz.

Derick teve que correr para alcançar Simone e ele só a alcançou porque ela não estava de carro, já que tinha ido com ele. Então saiu andando sem rumo e rezando para que aparecesse um táxi ou passasse algum amigo para pegar uma carona. Ela estava furiosa consigo e com toda a situação em que se enfiou.

Ela amava Derick e sabia disso desde a primeira vez em que ficaram juntos, por isso mesmo com toda sua independência ela aceitou apenas ficarem sem compromisso. Pelo menos ele só ficava com ela e foram momentos memoráveis, mas ele só queria isso e ponto. Simone não entendia o porquê e quando voltou, depois quase três anos longe, ele estava namorando com Ana, ela viu que o problema era ela. Ou pelo menos, pensou

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

assim. Que ele não queria compromisso com ela, pois assim que foi embora ele começou a namorar outra. *A cabeça de Simone estava uma confusão.*

Derick havia ficado muito confuso quando começou a sair com Simone, passará momentos deliciosos com ela, mas pensou ser apenas tesão e que com nossa Ana era amor de verdade. Por isso, quando Simone foi embora ele decidiu pôr fim ao prazo de um ano que dera a Ana e a pediu em namoro.

Ultimamente Derick vinha pensando nela com frequência demais e então ela voltou o deixando completamente desarmado ao ignorá-lo. Após uma conversa que foi mais que esclarecedora com dona Chica, sua mãe, ele viu que estava enganado e namorando a pessoa errada. Entregando seu amor para a pessoa errada, ele amava Simone e não Ana.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Simone! — gritou ele. Mas ela não parou e andou mais rápido. — Simone, espera! Por favor.

Ela parou, mas não se virou. Respirou fundo para conter as emoções, apenas aguardou e logo Derick estava a olhando.

— O que você quer, Derick?

— Falar com você... Por que saiu daquele jeito? Estávamos nos divertindo, ou não!?

— Você devia estar, mas eu não. — Ele semicerrou os olhos e após analisar bem sua face, percebeu.

— Oh, não. Você ficou brava? Eu só estava provocando o O'Malley para que admitisse a verdade de uma vez por todas.

— Ana não é mais problema seu, Derick — rosnou.

— Você fez o mesmo, mas que diabos. — Derick jogou os braços para o alto.

PERIGOSAS ACHERON

— É diferente. Eu sou amiga dela e você é o ex. Um ex bem recente, aliás.

Derick se aproximou e ficou a centímetros de sua boca. Olhos nos olhos e ali estava a conexão que tinham.

— Você ficou com ciúmes?

— Não posso ter ciúmes do que não é meu — disse ela ativa. Derick sorriu e a enlaçou pela cintura.

— Acho que você ainda não entendeu, Simone — disse baixinho — Eu sou seu, basta você me querer como eu te quero.

ΩΩΩ

— Eu e você também estamos indo... — disse Paul para Ana. — Temos muito o que

PERIGOSAS NACIONAIS

conversar.

— Paul...

— Agora, Ana. — Ele foi firme e se levantou, lhe estendeu a mão que mesmo hesitante ela pegou.

— Qualquer coisa me ligue, Ana — disse Henry.

— Não se preocupe com ela, Henry. Vá curtir sua noite, eu vi a Vicky ali no bar e ela estava te olhando.

— A Ana entendeu meu recado, O'Malley.
— Henry piscou para Ana, que sorriu. — Vou lá dar um “oi” pra Vicky.

— Vamos lá pra casa.

— Prefiro ir para a minha... As meninas devem estar dando trabalho para os nossos pais. — Ana estava claramente fugindo do assunto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não me enrole mais, meu mel. Você sabe que os coroas dão conta delas e há essa hora já devem até estar dormindo. Vem comigo, por favor?

— pediu ele, assim que chegaram ao estacionamento.

— Tudo bem. Não posso fugir disso, não é!?

— Não, não pode.

Ana não sabia mais se queria fugir, talvez fosse melhor parar de evitar o inevitável. Era o que o seu coração sempre esperou.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 28

Ana

Chegamos rapidamente à fazenda de Paul, pois ele fez questão de ir rápido. Eu estava ansiosa e não conseguia nem olhá-lo. Fomos o caminho todo em silêncio. Não sei se era uma boa ideia conversarmos. Sei que não podia fugir de ter uma conversa definitiva com ele por muito mais tempo, mas também tinha medo do que poderia sair dela. Já havia se passado pouco mais de três meses desde que descobrimos ter sido enganados.

Descobrimos que tudo não passou de um engano feito por uma carta grotesca enviada pelo Charlie. Onde ele fez suposições tão ridículas

PERIGOSAS NACIONAIS

quanto ele e o irmão que foram capazes de acreditar em tais coisas. O Charlie por acreditar que me sequestrando me faria enxergar que o amava e não ao seu irmão e o Paul por ter confiado num disparate deste. Bastava Paul ter vindo até mim e tudo teria sido diferente ou não, nem sei o que pensar de tudo isso.

Na hora que li aquele pedaço de papel fiquei furiosa e quis mata-lo, mas aos poucos fui me acalmando diante de tudo que ele me disse antes e depois de ter lido.

E, por isso, hoje tenho certo receio sobre essa conversa e venho adiando ela ao máximo. Mamãe me disse para não fugir e deixar meu coração me guiar, mas eu já sofri tanto e tudo isso é tão confuso. Eu compreendo que ele sofreu e ficou cego por vários motivos. Mas, não sei, ainda me sinto magoada por sua desconfiança e pelas coisas

PERIGOSAS ACHERON

que ele me disse no passado.

Os últimos três meses se passaram voando, desde a morte de papai que tudo mudou outra vez. Paul passou a ser uma figura mais presente no dia a dia da fazenda Esperança. Ele tem me ajudado a administrar tudo. Eu estou me formando em engenharia agrícola, quero cuidar do campo e das plantações, não me passou pela cabeça que tão cedo precisaria cuidar da parte administrativa. Por sorte mamãe entende bem todo o funcionamento da fazenda. Mas no primeiro mês ela ficou longe de tudo, agora que tem voltado à vida.

Foi um golpe muito duro o que sofremos. Quando se tem um ente querido doente acho que fica mais fácil de aceitar uma perda, visto que em nosso íntimo já estamos esperando. Mas perdemos o papai de forma totalmente inesperada e não tem sido fácil digerir nossa dor. As meninas são a luz da

PERIGOSAS NACIONAIS

casa e iluminam nossos dias, sem elas e toda ajuda que temos recebido. Do Paul, Henry, Joseph, Simone, Derick e os funcionários da Esperança, acho que não iríamos estar firmes tão rápido.

Sem dizer nada, Paul estacionou sua caminhonete na garagem, desceu e veio até a minha porta abrindo-a em seguida e me ajudando a descer. Entramos em sua casa ainda em silêncio. Paul foi até o bar no canto da sala e se serviu com algo que nem fez questão de notar e me trouxe uma água. *Sério? Eu preciso de algo forte e não de água.*

Olho para o copo em sua mão oposta e após arrancá-lo dela, bebo o líquido âmbar que continha em seu interior o deixando chocado, mas logo um sorriso de canto surge em seus lábios e ele se aproxima.

Estamos tão perto que respiramos o mesmo ar. Sinto falta do seu cheiro, do seu toque em meu

PERIGOSAS ACHERON

corpo. Sinto falta de nós dois e então quando ele fica a centímetros de minha boca, olhando em meus olhos e pedindo permissão, eu não nego e cubro o espaço restante juntando nossos lábios em um simples encostar, porém sou surpreendida quando Paul adentra meus cabelos com seus dedos e segura firme em minha nuca aprofundando o beijo.

Ele mordeu meu lábio inferior e sua língua pediu passagem, eu abri minha boca e quando nossas línguas se encontram eu gemi. Gemi, pois um *frisson* delicioso passou por mim e fez meu corpo ficar lânguido de desejo. Como senti saudades do seu agarre!

Paul cola nossos corpos e sinto o quanto está excitado, posso sentir seu membro pulsando, mesmo através das roupas, em meu ventre e gemo ainda mais. Beijamo-nos até quase perder o ar. O contato foi quebrado com pesar por nós dois, apesar

disso Paul manteve a mão em minha nuca e nossa aproximação.

— Eu quero você, Ana. Quero muito, tanto que chega a doer... Mas temos que esclarecer alguns pontos. Não quero mais nada entre nós dois — disse olhando em meus olhos e enxergando minha alma. — Me diz que estamos na mesma página, por favor!

— Sim. Eu concordo com tudo que disse — sussurrei embriagada.

— Ótimo. Vem comigo.

Fui levada escada acima até o seu quarto, chegando lá Paul me sentou em sua cama e pegou a cadeira da escrivaninha, colocou a minha frente e sentou-se.

É, chegou a hora!

— Você quer mesmo saber de tudo? — peço apreensiva. Não quero mais decepções.

— Tudo. Desde quando sai de sua casa naquela tarde. Vamos fingir que eu não sei de nada. — ele bufa. — Que não recebi aquele pedaço de papel e estamos tendo a conversa que deveríamos ter tido quando você saiu daquele hospital e se hospedou aqui em casa.

— Tudo bem. — Respiro fundo e começo a contar. — Depois que você saiu eu fui dar uma volta na Esmeralda... Conversei um pouco com a mamãe, jantamos e fui me arrumar pra quando você chegasse. Mas acabei dormindo e só acordei... — Olhei para ele que me mandou prosseguir. — quando você chegou tempestivamente me mandando fazer uma mala... Eu fiquei assustada e sem entender nada. Você foi até meu guarda roupas e pegou minha mala. Sem me dar nem a chance dizer nada e jogou algumas roupas dentro. Eu pedi o porquê de tudo aquilo e você me disse que estávamos fugindo e no caminho me explicava

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tudo...

— Desgraçado! — rosna. — Não entendo porque pensou que fosse eu. Você nunca nos confundiu. — Foi inevitável sentir o tom de acusação em sua voz. Tentei ignorar e respondi, ao continuar meu relato.

— Era você, Paul. Ele usava suas roupas, estava com seu carro. A única coisa diferente era o cabelo que, inclusive, eu questionei, mas ele me disse que não tínhamos tempo e precisávamos ir logo... Era madrugada, eu estava sonolenta demais... Então ajudei a colocar algumas coisas de extrema necessidade na mala... Nem tive tempo de nada, só escrevi um bilhete rápido pra mamãe e fomos embora.

Paul levantou e começou a andar de um lado para o outro dentro do quarto, parecia uma fera enjaulada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Continue.

— Eu estava com muito sono, eu vinha sentido muito sono. Não tinha ideia do porquê, hoje sei que era da gravidez. Então dormi no carro, quando dei por mim estávamos na estrada em direção ao aeroporto. Mesmo sonolenta eu comecei a pedir explicações e foi então que... — Engulo em seco ao relembrar tudo outra vez.

— Que? — incentiva ele.

— Ele me disse que não era você. Charlie ficou furioso por eu não ter reconhecido ele. Perguntou se não tinham nada de diferente. Nada fazia sentido pra mim... Era para ele estar na Carolina do Norte, estudando. Como ele podia estar ali sem que soubéssemos? — Lembranças me assolaram, fazendo-me estremecer. — Eu gritei e xinguei ele, nós discutimos. Ele disse que eu o amava e depois parei de amar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

"Eu disse que amava sim, mas como amigo e que nunca tinha lhe dado esperanças, ele concordou comigo... Mas foi ficando nervoso. Ele parecia transtornado... Fiquei furiosa com ele, pedi para parar o carro e ele negou. Foi aí que me agarrei ao volante, ele perdeu o controle do veículo... Um caminhão apareceu e logo acordei naquele quarto de hospital."

— Droga! — gritou Paul chutando a escrivaninha. — Você podia ter morrido por causa daquele babaca. Deus! Nossas filhas nem teriam nascido. — Paul soca a parede e vejo que seus olhos brilham com lágrimas não derramadas assim que me olha. — Eu podia ter perdido vocês para sempre. — sussurra parecendo perdido. — Assim como perdi tanto de vocês nesses anos. — Paul parecia perdido em pensamentos, seus olhos vagueiam pelo quarto. — Como fui idiota.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Foi. Você foi um completo idiota por todos esses anos — afirmo e ele volta a me olhar. — Bastava ter vindo até mim que tudo seria esclarecido. Não precisávamos ter passado por nada disso.

— Me perdoa, meu mel. Você tem razão, meu pai tinha razão. O Henry, todos me pediam para falar com você. Mas... — Paul se ajoelhou aos meus pés. — Me perdoa? Eu fiquei cego, tão cego. Cego de raiva, de ciúmes. Eu não podia acreditar que você e meu irmão tinham um caso pelas minhas costas. Eu não aceitava dentro de mim que você estava grávida dele, que tinha se entregado pra ele. Mas bastava olhar para aquela porcaria de papel que eu jogava pro lado todas as minhas dúvidas e só pensava no pior. Eu queria distância de você e de todos.

— Eu sei que fomos enganados e nós dois

PERIGOSAS ACHERON

somos vítimas. — Seguro seu rosto para que olhe em meus olhos. — Mas você tem consciência de que se tivesse realmente vindo até mim, como está fazendo hoje, tudo seria diferente? Bastava sentar e conversar que teríamos evitado tudo isso. — volto a repetir o óbvio.

— Eu sei. Nunca vou me perdoar por ter perdido sua gravidez, Ana. Por ter me isolado e ficado longe te acusando de coisas que eu sabia serem impossíveis.

Realmente, Paul se isolou de tudo e de todos. O único que tinha acesso a ele era o Henry e depois as meninas, claro. Só vivia para trabalhar e encher a cara no bar da vadia da Emma. E ela soube se aproveitar ao se enfiar em seus lençóis. Era tudo que ela queria: uma chance. *Ódio daquela vadia! Argh, não gosto nem de pensar.*

— Eu senti muito sua falta, eu queria você

PERIGOSAS NACIONAIS

ao meu lado durante cada momento de minha gestação. — Sorrio tristemente, ao expor tudo que guardei por anos, entre as lágrimas que me dominam. — Quando elas mexeram a primeira vez. Era nosso sonho sendo vivido apenas por mim.

— Eu nunca vou cansar de te pedir perdão, farei isso a minha vida toda se preciso for. — Ele estava desesperado. Eu podia ver em seus olhos, mas sofri acusações terríveis. Não consigo esquecer assim, na verdade sei que nunca vou esquecer.

— Não basta pedir desculpas, palavras são muito vagas e vão com o vento. — Seco as lágrimas que escorrem por sua face e ele as minhas. — Eu quero atitudes, Paul! Me faça confiar em você outra vez, me faça acreditar no seu amor por mim! Quero que você pense se realmente me ama. No passado ficou claro que não me amava o suficiente, pois bastou uma intriga, que você

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mesmo sabia não ter sentido, para que me tratasse como um nada. Como uma qualquer e não a mulher que você dizia amar e planejava ter um futuro junto — falo tudo com uma tranquilidade que nem sabia estar sentindo.

— Eu sei que fui um estúpido, Ana. Ainda era muito jovem. — Ainda estamos na mesma posição. Ele de joelhos e eu segurando seu rosto. Estamos os dois chorando. — Tantas coisas absurdas passaram por minha cabeça e acreditei não somente naquele pedaço de papel inútil, mas também no fato de que estavam juntos naquele carro. Acreditei no que vi e não no que não vi. Eu não mereço você, mas eu te amo — disse com fervor. — Amo com todas as minhas forças e se você me der uma única chance, eu irei lutar por nós com unhas e dentes.

— Todos merecem uma segunda chance,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Paul. Então, da mesma forma que deixei seu irmão se explicar eu vou te dar a chance de me provar seu amor. Eu também te amo e quero que possamos ser felizes juntos.

— Oh, Ana. Eu vou provar! Eu faço tudo que você quiser! Faço tudo por vocês! Vocês são minha vida — gemeu e me beijou. — Me perdoa... Me perdoa... Me perdoa, meu mel — sussurrava entre beijos por toda minha face.

Paul segurou meu rosto e passou a me beijar com ardor, suas mãos adentrando em meus cabelos e mantendo minha cabeça do jeito que queria. Ele sempre me desarmou, bastava chegar perto que meu corpo entrava em chamas. Nossas bocas e línguas duelavam pelo comando do beijo. Ele levantou, ainda me beijando e deitou-me em sua cama vindo sobre meu corpo. Encaixamo-nos perfeitamente, sua coxa grossa fazendo uma fricção

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

gostosa em meu ponto pulsante, segurei em seus cabelos os puxando com força e gememos em nosso beijo.

Afastamo-nos ofegantes e nos olhamos por um tempo que pareceu infinito, ele almejava minha confirmação. Mesmo meu corpo gritando o que queria. E eu dei! Eu me doeí outra vez a esse amor.

— Me faça sua outra vez, Paul. — falei decidida.

— Com prazer, meu amor — sussurrou em meus lábios, antes de se afastar.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 29

Ana

Paul se ergue, me estende sua mão, a qual eu aceitei, e quando ficamos de pé ele se ajoelha aos meus pés. Olhando em meus olhos Paul tira minhas botas, uma por uma, então sobe suas mãos por minhas coxas massageando levemente e deixando um rastro de fogo por onde seus dedos tocavam. Ele vai subindo junto com meu vestido, retira ele do meu corpo e se afasta para me olhar por inteira. Prontamente começa a tirar suas roupas e sapatos. Seus olhos brilham com luxúria contemplando meu corpo em um conjunto de lingerie de renda azul escuro. Ele passa a língua por

PERIGOSAS NACIONAIS

seus lábios e me puxa bruscamente pela cintura de encontro ao seu corpo, agora coberto apenas por uma boxer preta.

Estar em seus braços mais vez depois de anos longe, parece o céu. Pensei que isso jamais fosse voltar a acontecer. Amo tanto esse homem que me perco nesse amor. Não fosse por minhas... Nossas filhas, acho que não teria suportado tudo que passei com nossa separação.

Nesses anos eu aprendi a ser forte e superar qualquer adversidade que viesse a ter. Eu cresci e amadureci muito. Posso perdoá-lo por suas grosserias e atitudes do passado, não que vá esquecer, mas posso fazer isso por mim... Por nós e, principalmente, por nossas pequenas. Ainda somos jovens, mas quando tudo aconteceu éramos ainda mais, hoje estamos mais maduros e vamos saber lidar com tudo, juntos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Com uma de minhas mãos, toco sua face e limpo os últimos resquícios de lágrimas. Paul beija minha palma e roça sua barba por fazer em meu pulso. Olhamo-nos com intensidade. Desejo emana por nossos poros. Quero senti-lo em cada parte de mim. Posso ver em seus olhos que ele quer o mesmo. Nós dois juntos e unidos da forma mais carnal possível.

— Quero você! — sussurro. Lendo meus pensamentos sua resposta foi totalmente avessa.

— Também te quero muito. Mas hoje vamos fazer amor, vamos nos reencontrar. — Derreti com suas palavras.

Suas mãos se infiltram em meus cabelos e nos entregamos a um beijo cheio de luxúria e calmo ao mesmo tempo. Onde nossas línguas dançam em sincronia e nos faz ficar em chamas. Meu corpo clama pelo dele. Gemo em sua boca e um rugido

PERIGOSAS ACHERON

vibra em seu peito onde aliso impaciente. Paul me colou mais a ele e desceu uma mão para minha cintura, para meu bumbum e com um impulso circulei sua cintura com minhas pernas.

Paul nos deitou na cama e foi descendo seus beijos por meu pescoço, seios e tirando meu sutiã, passou a dar atenção a eles com intensidade. Beijava, mordida e lambia como se fosse à fruta mais saborosa e succulenta que já havia provado. Tornou a descer seus beijos por minha barriga e, então, ao chegar à minha pélvis cheira minha excitação por cima da lingerie. Logo um dedo adentrou o tecido fino de renda e gemo inebriada pelo leve contato de pele com pele. Paul tocou com maestria em meu clitóris fazendo meu prazer crescer.

— Paul — gemi baixinho.

— Tão minha... Só minha! — rosnou ele,

PERIGOSAS NACIONAIS

me perco quando sinto que rasga a peça para logo abocanhar com vontade meu ponto de prazer, me levando à loucura.

— Ohh, Paul... Droga! — praguejei alucinada.

Meu corpo inteiro queima de prazer. Mordo os lábios ao sentir os tremores me dominarem, aperto o lençol com uma mão e com a outra agarro seus cabelos, isso pareceu o enlouquecer ainda mais e Paul intensifica suas investidas em meu canal, imediatamente estou gritando seu nome ao atingir o pico máximo do êxtase.

— Como senti falta de você... Deliciosa, meu mel! — sussurra em minha pele quente e úmida lambendo cada resquício de meu gozo.

Sinto-o sorrir em minha pele. Ele vem subindo fazendo o mesmo trajeto de antes só que ao avesso. Chegando em meus lábios me beija e posso

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sentir o meu gosto misturado ao seu. Paul faz movimentos insinuantes com sua pélvis colada à minha. Saio do meu momento de torpor e o jogo de costas na cama. Monto seu corpo e passo a fazer o mesmo com ele. Beijo desde o seu pescoço até a parte de sua anatomia que vibra de inquietação. Louco para se libertar e receber toda minha atenção.

— Minha vez! — digo olhando em seus olhos.

Um sorriso sacana surge em sua face e ele cruza os braços atrás da cabeça. *Tão arrogante!*

— Sou todo seu, meu amor.

Tiro sua boxer e não perco tempo ao lhe dar o máximo de prazer, quando ele está quase chegando ao limite afastei meus lábios sob seus protestos que se transformam em gemidos assim que o montei e nos encaixei como deve ser.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Equilibro-me com as mãos espalmadas em seu peitoral e passo a fazer movimentos frenéticos de sobe e desce. Fecho os olhos diante da sensação que toma conta de mim, logo sinto suas mãos apertando minha cintura e ajudando-me a mexer mais rápido. Rebolo um pouco e grito de susto quando sou jogada de volta na cama.

— Ahhh, Paul. — Rolo meus olhos quando sou novamente preenchida por seu membro pulsante.

— Eu disse que rebolaria quando estivéssemos assim, unidos outra vez. — E ele fez. — Olhe pra nós, Ana. Olhe como somos perfeitos juntos.

— Bom demais — gemi embevecida.

— Isso somos nós, meu amor.

— Paulllll... Hummmmm.

Paul rebola e estoca com vigor. Os gritos e

PERIGOSAS ACHERON

gemidos são muitos. Nenhum de nós nos controlamos e logo atingimos o auge do prazer juntos.

— Eu. Amo. Você — diz pausadamente ao cair sobre meu corpo com a respiração entre cortada.

Sorri satisfeita.

ΩΩΩ

— Eu não acredito que deixei outro te tocar — rosnou.

Estamos deitados em sua cama, após termos nos entregado outra vez a paixão. Depois de anos longe um do outro, acho que nunca vamos matar a saudade que sentimos. Após anos de sofrimento estamos aqui, nos braços um do outro. Para estarmos completos só faltam nossas meninas... Se

PERIGOSAS ACHERON

bem que, nesse momento, é bom elas estarem longe. Sorrio, pois elas devem ter feito a festa com nossos pais.

— E deixou que outra te tocasse. Aquela *vadia* ainda ousa dizer que espera um filho seu. — Agora é minha vez de rosnar.

— Está com ciúmes, meu mel? — Levanto a cabeça de seu peito e o encaro. Paul tem um sorriso de lado estampado em sua face.

— Não posso ter ciúmes de alguém tão insignificante quanto ela. Golpe da barriga? Ah, por favor! — zombo e ele ri ainda mais. Eu estou sim com ciúmes e morri de medo que pudesse ser verdade que o filho fosse dele.

— Não tem a menor possibilidade de ser meu — torna a afirmar. — Como disse antes, já tenho minhas meninas. Elas sempre foram nosso sonho. Mesmo que não voltássemos, eu não teria

outros filhos.

— É sério sobre a vasectomia? — pergunto curiosa.

— Muito sério. Mas se você quiser podemos tentar mais um par de gêmeos. Meu médico insistiu em guardar alguns espermatozoides, ele disse que era procedimento padrão e que eu poderia me arrepender e toda essa merda que os médicos falam — bufa. — Foi um sacrifício conseguir fazer, tive que mexer meus pauzinhos, ou seja, paguei muito bem. Sou muito jovem e eles me encheram o saco por isso. Ninguém sabia além do Henry, até hoje.

— Sem chances — digo e ele continua ignorando o que eu disse.

— Só que dessa vez tem que ser meninos. Para selar nossa volta — termina todo empolgado.

— Nós não voltamos, O'Malley. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Velozmente estou presa entre a cama e seu corpo quente. Nu e já desperto, pronto pra outra. *Sempre insaciável.*

— Repete, Ana — grunhe e sorrio.

— Nós. Não. Voltamos — digo pausadamente e ele me olha incrédulo.

— Eu achei que tínhamos chegado a algo aqui nessa cama.

— Sim, perdi até as contas de quantas vezes chegamos a algo nessa cama.

Sorrio. Ele parece respirar novamente.

— E porque está dizendo que não voltamos? — Franze a testa.

— Porque não voltamos. — Ele bufa e se levanta.

E lá vai minha fera andar de um lado para o outro. Ele passa as mãos freneticamente por seus

PERIGOSAS ACHERON

cabelos, agora, selvagens dos puxões que dei. Ergo-me, ficando apoiada sobre os cotovelos e passo a observá-lo.

Sexy demais. O corpo de Paul é todo malhado. Ele cresceu muito nesses três anos, também o Henry disse que ele passou a trabalhar duro na fazenda. Coxas e bumbum durinhos, assim como o tanquinho, que de pequeno não tem nada. E seu membro que mesmo semi ereto é *enorme*. Minha boca saliva para tê-lo sendo sugado por ela outra vez. Mordo o lábio inferior e sinto líquidos fluírem por entre minhas pernas, tamanho é meu tesão nesse homem. Nem parece que já nos acabamos entre esses lençóis.

— Ana? — Subo meus olhos para os de Paul que estão sorridentes. *Fui pega em flagrante! Que vergonha!*

— Hum? — foi só o que consegui dizer, ou

melhor, soluçar.

— Meu amor, eu adoro que esteja babando no meu corpo assim e ele com certeza ama a atenção que está recebendo. — Volto meus olhos para seu membro e, de fato, ele agora está apontando orgulhoso para cima. Passo a língua por meus lábios ressecados. — Será que eu devo me vestir para que possamos continuar a conversa? — seu tom é zombador. *Gostoso e todo meu, fica difícil não babar!*

— Não será necessário. — Sento-me prendendo o lençol com meus braços e olho para ele em desafio. — Pode falar.

— Vou repetir meu pedido de meses atrás — inicia sério ao se sentar perto de meu quadril. Jogo o lençol sobre ele. Paul sorri de lado, mas torna a ficar sério, pega minhas mãos e olhando em meus olhos fala. — Volta pra mim, vamos nos dar

a chance de ser felizes e criar nossas filhas juntos, como deveria ter sido desde o início?

Olhando em seus olhos eu vejo sinceridade, mas preciso me resguardar também. Preciso pensar nelas, principalmente.

— Posso pensar em tudo isso primeiro? Já estou te dando uma segunda chance. Vamos com calma a partir de agora. Ainda somos jovens e temos muita coisa pela frente. Não quero que tomemos nenhuma decisão precipitadamente.

— Tudo bem, Ana. Mesmo que eu tenha certeza absoluta do que quero. Eu vou esperar o seu tempo. Só não me afaste outra vez. Acho que não suportaria.

— Não vou. Nem eu aguentaria. — Seguro seu rosto em concha — Por isso quero ir com calma agora. Eu amo você, O'Malley.

— E eu a você, Ana.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

— *Voltamos, leitores — fala Bia.*

— *Estão felizes porque os velhos estão começando a se entender?*

— *Tenho certeza de que estão, Ju.*

— *Do jeito que adoram um romance, estão mesmo. Enfim, vamos voltar a contar a história deles que ainda tem coisa para acontecer.*

Capítulo 30

Ana e Paul passaram a noite juntos e no dia seguinte estavam radiantes. Ela ainda não se sentia segura para voltarem a namorar, mas ele estava empenhado em tê-la de volta. Para ela tinha sido apenas uma recaída em nome do amor que admitiam um pelo outro. Então pretendia ir aos poucos e se fosse de ficar juntos, ficariam.

Eles acordaram felizes e apaixonados. Era uma sensação boa estar nos braços de quem se ama, como é o caso deles. Se amaram mais uma vez, com calma e perícia. Se tocaram como gostavam e sabiam que deixava o outro em êxtase. Apenas ele sabia como tocá-la nos lugares certos e apenas ela o tirava do eixo. E após um banho onde trocaram muito mais carícias, desceram para preparar e

tomar café da manhã.

— O que acha de passarmos o dia aqui? Só nós dois — sugeriu ele dando leves beijos e mordidas em sua nuca, abraçando-a por trás. Ana se arrepiava inteira com seus toques.

— Para de me tentar, O'Malley — ronronou. — E não, eu vou voltar pra casa. Hoje é dia de piscina e mamãe deixa as meninas muito à vontade. Tenho que estar lá para controlar. — falou, como a mãe zelosa que é.

— Tudo bem. Que tal um almoço em família? Amanhã podemos fazer um piquenique aqui na beira do lago. — Paul estava todo empolgado e fazendo planos.

Ana ficou olhando para ele, que agora estava a sua frente, pensando que as coisas estavam indo rápido demais e ela não podia permitir. As gêmeas eram, sempre seriam, sua prioridade e não

iria deixar que tivessem esperanças de vê-los juntos e se decepçõessem depois. Ela podia aguentar tudo, mas não permitiria que suas filhas sofressem por nada, não se ela pudesse evitar.

— Paul? — chamou baixinho. Interrompendo assim todo o devaneio dele, que agora já estava lavando a louça e ainda fazendo planos.

— Oi, meu amor.

— Lembra-se do que conversamos ontem? — solicitou pacientemente. — Vamos com calma, muita calma. Por nós, mas principalmente por elas.

— Estou indo com calma. Precisa de mais? — exigiu tentando conter o medo de que ela escorregasse por entre seus dedos. Para Paul, ele estava indo devagar, mas queria ficar com suas mulheres e poder curtir tudo que não tinha durante o tempo em que ficaram afastados por uma mentira.

— Paul, você mesmo me disse que elas pedem por uma família. Que elas pedem por nós dois juntos. — Ana levantou do banquinho e foi para a janela olhar o vasto campo. — Eu não posso dar a elas uma coisa que nem eu mesma confio se é real. — Ela se abraçou.

Paul entendia sua desconfiança, largou o que fazia e foi ao seu encontro. Circulou sua cintura, apoiando a cabeça em seu ombro direito e colando seus corpos o máximo que podia diante da diferença de altura entre eles. Não que ela fosse baixinha, mas ele era mais alto e mais forte.

— Eu entendo, meu mel — falou baixinho. — Mas, tudo que eu mais quero é ficar perto de vocês. O máximo que puder.

— Eu não vou impedir isso, como nunca proibi que você ficasse com elas.

— Sei que nunca impediu e sou grato por

isso. Mesmo sem nos falarmos direito, você nunca me proibiu de vê-las ou de sair com elas. — Ele a apertou mais em seus braços. — Só que não quero fazer os programas de antes, sozinho com elas, eu quero que você participe de tudo. Contudo entendo que não podemos ir tão rápido assim. Aos poucos, talvez? — pediu cauteloso.

Ana girou dentro do círculo de seus braços e segurou seu rosto alisando sua barba, que antes havia feito loucuras em seu corpo, com carinho.

— Aos poucos é um ótimo plano.

Ela lhe deu um selinho, mas ele o transformou em um beijo de língua e foi retribuído com sua entrega. Ana se derretia em seus braços.

— Mas não abro mão do almoço de hoje. Estamos indo pra lá de qualquer forma — decretou. Ela sorriu e acenou em concordância.

— E amanhã, talvez, possamos fazer um

piquenique. Com todos presentes — disse se referindo aos pais e amigos.

— Entendi. Podemos fazer isso.

— Já é um grande passo, afinal você nunca esteve incluso nesses passeios.

— Isso muda a partir de hoje — assegurou.

Ao voltarem para a fazenda vizinha, já passava das dez da manhã. Encontraram Glória e Joseph sentados, conversando na varanda dos fundos bem relaxados, enquanto as gêmeas brincavam na piscina.

— Mamãe, mamãe — gritou Bia, assim que os viu.

— Papai, papai — gritou Juliene ao correr de encontro a eles.

— Oi, meus amores. — Ana caiu de joelhos e as abraçou, sem se importar que estavam molhadas. Logo Paul estava ao seu lado, também

PERIGOSAS ACHERON

de joelhos, e Ju se jogou em cima dele. — Como passaram a noite? Não deram trabalho aos avós de vocês, né?

— A gente brincou e assistiu filme das princesas — disse Bia, com meu jeitinho de criança, toda eufórica.

— A noite foi animada, então? — Ana, sorriu.

— E comemos pipoca e chocolate. — disse Ju, toda feliz, ela ama comer bobagem. Então Juliene olhou para os dois e indagou. — Vocês dormiram onde?

— Verdade, mãe. A senhora não deu beijo de boa noite ontem.

Ana ficou vermelha e Paul sorriu orgulhoso por ver o quanto as filhas eram espertas.

— A mamãe e o papai tiveram que passar a noite... Ahn... Paul? — ela gaguejou, sem saber o

que dizer e pediu socorro a ele, que não conseguia esconder seu sorriso.

— A gente teve que passar a noite cuidando de um cavalo lá na fazenda do papai, que ficou dodói. — Ele inventou aquela desculpa na hora. Mas como elas eram crianças e inocentes, se preocuparam com o cavalo e...

— Tadinho! — disse Bia, comovida.

— A gente também quer cuidar do cavalo, papai — Ju proferiu ao abraçar a irmã. — Não chora Bia, vamos lá trocar de roupa e chamar o Henry. Ele vai ajudar a gente e o cavalinho vai ficar bom logo.

Assim saíram em disparada para o quarto, Ana lamentou em frustração.

— Cuidar de um cavalo doente, jura? — esbravejou, olhando para Paul, incrédula. — Você sabe o quanto a Bia ama animais, principalmente

cavalos. Olha no que deu. — Ela se levantou e o enfrentou, irritada — Onde nós vamos arrumar um cavalo doente, O'Malley? Acho bom você consertar isso!

— Com certeza foi melhor do que dizer que passamos a noite fodendo como coelhos. Que você me montou como uma amazona e eu te comi por trás te marcando com minha novamente. *Minha Potranca!* — disse ele, com a voz rouca e se esfregando nela, ao segurá-la pela cintura.

Ana arfou e se afastou.

— Não ouse.

— Vejo que se entenderam — comentou Glória, os olhando com atenção. Joseph sorria relaxado, como um homem orgulhoso do filho por finalmente fazer a coisa certa.

— Deus, você me deixa fora dos trilhos. Esqueci que não estávamos sozinhos — gemeu

Ana, envergonhada.

Foram na direção de onde eles estavam sentados e os cumprimentaram com beijos e abraços.

— Estamos caminhando para isso, Glória — garantiu Paul.

— Que alegria. Fico tão feliz por vocês meus filhos. — Glória estava eufórica.

Após a morte do marido ela ficou bem triste e tinha perdido sua alegria e jovialidade, não fosse pelas netas ela teria se isolado ainda mais. E claro, a presença constante de Joseph que era um bom amigo. Ele sabia o que ela estava sentindo, afinal fazia pouco tempo que havia perdido sua esposa. Mesmo sendo a carrasca que era, Joanna, tinha sido sua companheira de longa data e mãe de seus filhos.

— Essa é uma notícia muito boa — disse

PERIGOSAS NACIONAIS

Joseph, dando tapinhas no ombro do filho. — Já estava mais do que na hora de fazer alguma coisa, filho.

— Já tinha passado da hora, papai. — lamentou. Ele sabia que seria difícil dobrar Ana, mas faria o que fosse preciso.

— Fico feliz por vocês, minha filha. Posso chamá-la assim, não é? — perguntou Joseph, ao abraçar Ana. — Ou devo chamar de minha nora?

— Sempre chamou e não vai ser agora que irá mudar, Josh. — Ela retribuiu o abraço e lhe deu um beijo no rosto — Obrigada por tudo — sussurrou em seu ouvido.

— Pode contar sempre comigo, menina.

— OK. Já chega de agarrar a minha mulher papai. — disse Paul, puxando ela para seus braços. — Arrume uma para o senhor. — Ele arrancou riso de todos com suas palavras e gesto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Joseph trocou um olhar cúmplice com Glória que não passou despercebido por Ana, que ficou feliz. Ela sabia da história deles e torcia para que ficassem juntos, no futuro. Não que não amasse seu pai, mas a mãe ainda era jovem e merecia ser feliz também. E por que não com Joseph?

— Não sou mais sua mulher, O'Malley — Ana repreendeu baixinho.

— Nunca deixou de ser, meu amor. — Paul mordeu o lóbulo de sua orelha. — Agora será oficialmente. — Ela franziu o cenho, mas ignorou suas palavras. *Por hora.*

— Vou fazer o almoço e você se vire para explicar as meninas sobre o "cavalo doente" — bufou.

— Pode deixar. Vou lá em cima ver o que estão aprontando.

— Eu ajudo você, filha.

PERIGOSAS ACHERON

— Não, mãe. Pode ficar aí fazendo companhia pro Josh, eu dou conta. — Deu uma piscada que a fez corar. — Vou fazer algo rápido. Que tal macarronada?

— Para mim parece ótimo — disse Joseph e todos concordaram.

Quando Paul chegou no quarto das filhas, Juliene estava escolhendo uma roupa pra elas e Bianca estava sentada e chorando.

— Ei, porque está chorando, anjinho? — perguntou, preocupado ao se sentar do seu lado.

— O cava-cavalinho não pode morrer. Ele... Ele não pode. — Na hora Paul quis se bater por ter arrumado essa desculpa.

— Presta atenção no papai, filha. — Ela olhou para ele que enxugou seu rostinho com um lenço, bem paciente foi explicando. — O cavalo está bem, ele só teve uma dorzinha. Mas o papai

PERIGOSAS NACIONAIS

com a ajuda da mamãe cuidou dele e ele está bem.

— Mas... Mas...

— Confia no papai, ele está bem. Amanhã levo você lá para ver ele. Que tal?

— Viu? Eu te disse Bia. Papai sabe cuidar dos animais igual ao Henry — disse Ju, alisando os cabelos da irmã.

— Amanhã eu quero ver ele.

— Amanhã vamos todos vê-lo, anjinho. Agora já para o banho que a mamãe está fazendo uma macarronada deliciosa pra gente almoçar.

- O senhor vai ficar para o almoço?

- Se vocês quiserem, eu posso ficar sim.

— Ebaaaaa! — gritou Ju e saiu arrastando a irmã para o banheiro.

Depois que Paul conseguiu acalmar Bia, ele as ajudou no banho. Ajudou a vestir, penteou seus

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cabelos, tudo entre risos e brincadeiras. Ele era o pirata cabeludo e elas suas marujas. Era sempre uma festa quando ele dava banho nas filhas. Só então desceram para encontrar todos reunidos na cozinha já em volta da mesa, enquanto Ana terminava de pôr o molho sobre o macarrão e jogava queijo ralado em grossos pedaços.

— Mamãe, tô com fome — disse Ju, sentando-se em sua cadeira, ao lado e com ajuda da avó.

— Está quase pronto, querida. Só mais um pouquinho, só o tempo do queijo gratinar — respondeu Ana, colocando a travessa no forno já aquecido.

Paul se aproximou e tentou lhe dar um beijo, só que parou assim que ela o olhou e discretamente negou com a cabeça. Henry observava a cena em dúvida, mas sorria de canto,

PERIGOSAS ACHERON

feliz por seus amigos estarem finalmente se entendendo.

— E então? — inquiriu ela e Paul sorriu torto.

— Foi moleza, o difícil foi tirar elas de dentro da banheira. — Eles sorriram cúmplices.

— Também *tô* com fome. — disse Bia, indo sentar ao lado do Henry que a ajudou.

— Só mais um pouco, princesa — disse ele fazendo carinho em sua cabeça.

— Henry, depois você tem que ir com a gente lá na fazenda do papai e do vovô — começou Juliene, atraindo a atenção de todos.

— É mesmo? E o que vamos fazer lá, Julinha? — pediu usando o apelido carinhoso que tinha lhe dado.

— Tem um cavalinho doente — sussurrou Bia, já com a voz embargada. — O papai disse que PERIGOSAS ACHERON

ele já está melhor, mas eu quero vê-lo.

— Um cavalo doente? — indagou Henry, olhando para Paul que gemeu baixinho. Sabia que não esqueceriam o assunto até que vissem o bendito cavalo.

— Tem sim — afirmou Ju. — O papai e mamãe passaram a noite toda cuidando dele.

— A noite toda, é? — Henry ergueu uma sobrancelha para Ana e foi a vez dela gemer.

— Mas você também cuida dos animais, quero que vá lá cuidar dele também. Por favor, Henry? — pediu Bia, juntando as mãos à sua frente. Ele sorriu.

— Princesa, se o seu pai disse que ele já está bem, eu não preciso ir lá — falou com carinho, pois não queria magoá-la. — Afinal, o papai passou noite toda cuidando dele com a ajuda da mãe de vocês. Tenho certeza de que ele está muito bem. —

Dessa vez ele tinha um olhar malicioso na direção do casal.

Ana escondeu o rosto com as mãos e Paul sorria, como todo homem, orgulhoso. Glória e Joseph mal conseguiam conter a risada presa na garganta. Todos ali, menos as gêmeas, sabiam bem que não havia cavalo algum doente e que os dois passaram a noite se perdendo no corpo um do outro.

— Mas eu quero ir lá com você, Henry — resmungou Bia. — O papai disse que vai levar a gente lá.

— Disse, é? — Henry estava lutando para não sorrir.

— Disse? — Ana olhou para Paul com raiva. — Moleza, sei. — resmungou sarcástica.

— Sim, disse. O cavalo já está bom e iremos todos vê-lo. Mas só amanhã, lembrem-se do

que eu disse?

— Sim. Mas eu queria hoje — insiste Bia.

— O almoço está pronto. Chega de falar nesse cavalo, depois vemos isso — cortou Ana olhando feio para o Paul que mal escondia o sorriso. Ele estava feliz demais por estar ali com todos.

— Ótimo. Porque eu também estou faminto — disse Joseph.

— Eu também! — acrescentou Glória.

E assim, tiveram um almoço em família, como nunca havia sido. Com os pais reunidos à mesa e secretamente felizes. Mesmo com suas dúvidas internas, Ana estava feliz por ver as filhas felizes, com todos ali.

Capítulo 31

Alguns meses se passaram, Paul continuou ajudando Ana a pôr a fazenda em ordem, porém Glória estava voltando à ativa e olhando tudo de perto. Era ela quem cuidava da parte administrativa da fazenda, Johnson era responsável por todo o restante. Juntos, eles eram implacáveis no mundo dos negócios agropecuários e um casal apaixonado entre quatro paredes. Ela ainda sentia falta do marido e sabia que demoraria um pouco para se reerguer.

Agora que Glória voltou a assumir as rédeas da situação, seria responsável por tudo, claro que com a filha ao seu lado. Já Ana passou a se dedicar um pouco mais em cursar sua faculdade e cuidar das gêmeas. Claro que com o apoio da mãe, Joseph

PERIGOSAS NACIONAIS

e agora de Paul. Este estava radiante por estar tendo mais contato com as filhas. Ana ainda tinha receio, mas também estava amando.

Paul a levava e buscava todos os dias na faculdade. Ele estava muito empenhado em tê-la de volta e se tivesse que ir com calma, assim seria. Se tivesse que reconquistar seu coração, do zero, ele iria. Ana ainda preferia ficar na base da amizade. Eles saíram algumas vezes, mas não tiveram nada mais além de alguns beijos e vários banhos frios, para ambos os lados.

Em seu coração ainda existia uma mágoa por Paul ter desconfiado dela, ainda mais sem ter lhe dado o benefício da dúvida. Ana entende seus motivos, mas não queria aceitá-lo de volta. Ainda doía lembrar as palavras duras que ouviu dele. Doía lembrar os dias e noites em que passou chorando e querendo que ele estivesse ao seu lado durante a

PERIGOSAS ACHERON

gravidez.

Havia se entregado a ele há quatro meses atrás por amor. Um amor tão puro e intenso que não quis pensar em nada após terem finalmente conversado e esclarecido tudo. Juraram amor eterno e prometeram ir com calma, assim estava sendo. Paul era paciente e não iria desistir de reconquistá-la.

É domingo e as gêmeas estão se arrumando com ajuda da mãe para um piquenique.

Finalmente, Paul conseguiu com que todos estivessem presentes. Ana queria todos reunidos, mas estava difícil principalmente para Derick e Simone com os plantões caóticos no hospital e também tinha o projeto que estavam montando em parceria. Uma clínica particular com a especialidade dos dois, isso estava levando o resto do tempo livre deles. Eles anunciaram que ficaram

noivos um mês após o pedido. Simone foi até a fazenda e conversou com Ana. Disse ainda estar um pouco insegura, mas amava demais o Derick e se jogaria de cabeça no relacionamento deles.

— Estou tão feliz por você. Por vocês. Afinal, são meus amigos e desejo tudo de melhor na vida de vocês. — disse Ana.

— Obrigada, Ana. Não fosse por você acho que nem estaríamos juntos e agora vamos casar. — disse Simone, irradiando felicidade.

— Eu fiz o que toda amiga faria. Vocês se amam e, se nada impede, devem ficar juntos sim.

— Mas e você? Quando vai se render aos encantos de um certo cowboy!? — Piscou Simone, com um sorriso malicioso no olhar.

— Aí, Si. Queria ter a sua determinação e me jogar nesse amor. — lamentou-se Ana.

— E o que te impede?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tantas coisas e nada ao mesmo tempo. Ainda sinto receio, sabe? Tenho medo de me magoar de novo.

— Ana, vocês foram vítimas de uma armação.

— Não, Simone, a armação foi apenas a ponta do iceberg. Paul não confiou em mim, não me deu sequer o benefício da dúvida. Ele me disse coisas horríveis. Não sei se sou capaz de me jogar e esquecer tudo assim, tão fácil.

— Realmente é uma situação complicada. Mas, somente juntos que vocês podem descobrir se é possível passar por cima desse passado. Só você pode descobrir se o amor que sentem é capaz de deixar a mágoa de lado e se permitirem ser felizes, outra vez, juntos. Você já lhe deu o perdão. Mas o perdoou de verdade? Você confia no amor que ele diz sentir? — Ana não precisou pensar para

PERIGOSAS ACHERON

responder.

— Sim, eu o perdoei de todo meu coração. Eu o amo e sei que ele também me ama. Eu acredito que podemos ser felizes juntos. Mas tenho medo de que possa acontecer alguma coisa que nos separe outra vez e agora não somos os únicos envolvidos. Tem as meninas e é nelas que penso. Não posso assumir um relacionamento sério com o Paul e por uma bobagem, ou sei lá o que, elas saiam machucadas nisso tudo.

— Eu entendo. No seu lugar faria o mesmo, suas filhas devem vir em primeiro plano. Mas você também pode se permitir ser feliz. Amiga, vocês merecem essa chance. Pense com carinho, converse com ele. Coloquem as cartas na mesa e vejam o melhor para todos. Elas também merecem ter o pai do lado delas. Merecem que você se dê a chance de viver essa história da maneira como deve ser.

Talvez não seja possível esquecer o que passou, mas é possível você se permitir recomeçar.

— Eu sei. Vou fazer isso. Obrigada pelos conselhos.

— Amigos são pra isso.

Elas ficaram conversando um pouco mais até que Derick veio buscá-la.

Ana pensou na conversa que teve com Simone. Entretanto seu medo ainda falou mais alto e, mais uma vez, adiou sua conversa com Paul. Queria deixar as coisas fluírem.

— Mamãe a gente vai poder tomar banho no lago? — pede Juliene, enquanto ela enxuga seus cabelos. Bia já tinha descido, pois tinha se arrumando primeiro.

— Claro que sim, mas sempre com alguém. Nem pense em entrarem sozinhas.

— O papai disse que ia tomar banho com a

PERIGOSAS ACHERON

gente. O papai pode, não pode?

— O papai pode, sim — disse ela com um sorriso de canto.

Ana penteou os cabelos da filha, fazendo uma trança, passou protetor solar e depois de pegar a bolsa com tudo que as gêmeas precisam, elas desceram.

Ao chegar à cozinha encontraram Glória terminando de arrumar a cesta com. Paul e Joseph levariam as bebidas, Simone e Derick alguns petiscos e Glória o almoço. Iriam passar o dia à beira do lago que divide as duas fazendas.

Como lá tem uma mesa que fica à sombra das árvores, seria perfeito. Só era necessário levar algumas cadeiras ou bancos. Após tudo pronto, saíram de casa. Ana dirigia a picape que era de seu pai, não demoraram a chegar. Paul e Joseph já estavam lá. Ele veio ajudá-las a descer e pegar as

coisas.

— Papai! — gritou Ju, pulando em seus braços.

— Oi, minha boneca — ele a abraçou e beijou na cabeça. Logo ele se virou para dentro do carro, de onde Bia os olhava. — E o anjinho do papai, não vai me dar um beijo? — Ela também se jogou nele. — Vamos que tenho uma surpresa pra vocês.

— Eu não acredito nisso, O'Malley — Rosnou Ana, baixinho para não chamar a atenção das filhas.

Mas Paul a ignorou, por hora, e levou as meninas até a tal surpresa que Ana já viu e ficou furiosa. Ele havia montado um pula-pula todo colorido no final da ponte que tem no lago. Paul tinha sugerido fazer isso, pois as filhas tinham pedido há muito tempo, mas Ana falou que não por

PERIGOSAS NACIONAIS

achar perigoso. Só que não é tanto assim, o lago não é tão fundo e elas sabem nadar desde os dois anos de idade, além de que o pai não as deixaria ir sozinhas.

— O pula-pula! — gritaram em uníssono. Logo correram na direção da ponte.

— Meninas, esperem, não pulem ainda — advertiu Paul.

Elas apenas acenaram, correndo o restante do caminho até que chegar lá e ficar admirando o brinquedo, encantadas. Papai então se virou para Ana que o olhava irritada. Glória tratou de pegar a cesta e ir de encontro a Joseph que estava sentado à mesa tomando uma cerveja. Paul aproveitou para chegar bem perto e tentou lhe dar um beijo, só que foi parado pela mão de Ana espalmada em seu peito.

— Não acredito que você fez isso —

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

reclamou.

— Meu amor, ele é totalmente seguro. Eu montei bem cedo e já testei, não tem com o que se preocupar — dizia ele mansinho.

— Achei que tínhamos concordado de tomar as decisões, sobre elas, juntos.

Ana estava furiosa. Além de achar perigoso, eles haviam chegado a um acordo de tomar todas as decisões juntos, como deve ser entre pai e mãe. Paul ficou radiante quando ela propôs isso, afinal era tudo que queria. Participar ativamente de tudo em relação às filhas e seu crescimento. Porém, elas já vinham enchendo ele e pedindo por esse pula-pula, então ele foi atrás e comprou o mais seguro possível. Claro que acidentes acontecem, mas ele faria o que pudesse para que nada de errado acontecesse.

— Eu prometo não sair de perto delas

PERIGOSAS ACHERON

quando forem pular, ok?

— Não sei onde eu estava com minha cabeça quando aceitei fazer esse piquenique — bufando ela tentou passar, porém ele a segurou pelo braço. Agora estavam olho no olho.

— Você está dizendo que se arrependeu, é isso, Ana? — Paul a olhava, também sentindo a fúria lhe tomar. — Se arrepende de ter me dado uma chance? Você se arrepende de me amar?

Como ela ousava se irritar tanto por uma bobagem, ele não sabia. Não era o fim do mundo ele querer mimar suas filhas.

— Não, eu não disse isso. — Ana viu a desolação no olhar dele e lamentou suas palavras de antes. Ela chegou mais perto, alisou seu rosto e lhe deu um selinho demorado. Paul segurou sua cintura cravando os dedos ali. Suspirando ela disse o que sentia: — Olha, eu só tenho medo que elas se

PERIGOSAS NACIONAIS

machuquem. Desde que nasceram que sou responsável por tudo, tomo todas as decisões sozinha, apenas pedia um conselho aqui ou ali. Mas, no fim, a decisão era minha. Então começamos a nos entender e achei por bem partilhar essas responsabilidades com você, afinal você é o pai delas e quer isso também.

— Eu entendo. Mas você também precisa entender que eu não faria nada que pudesse ser prejudicial a elas — disse firme.

— Eu sei. Sempre confiei elas a você e sempre vou confiar.

— Então pode me explicar o porquê da explosão? — Ele ergueu uma sobrancelha.

— Estou de TPM — disse incerta.

— Tente outra coisa. Você não tem isso. — Paul a olhava, em busca de descobrir o que estava deixando sua Ana tão irritada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não precisava me conhecer tão bem. —
Ela sorriu e lhe deu outro selinho, estava tentando distraí-lo.

— Não vai me fazer esquecer com beijos.
Vamos, me conte — insistiu.

— Pode ser depois? — Ele a encarou, mas acenou em concordância.

— Tudo bem.

— Agora eu só quero relaxar um pouco ao lado das pessoas que mais amo. — disse ela, com um brilho no olhar.

— E eu sou uma dessas pessoas? — provocou, distribuindo beijos por seu pescoço fazendo ela gemer.

— Com toda certeza.

— Sinto sua falta, meu mel. Sinto falta do seu calor. Meu corpo clama pelo teu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Oh, Deus! Eu também.

— Passa a noite comigo, hoje?

— Prometo pensar com carinho nessa proposta. — Ele sorriu em sua pele.

— Posso convencê-la. — Suas mãos que estavam em sua cintura desceram e apertaram a carne macia de seu bumbum, pôde sentir o biquíni por baixo do vestido que usava. — Ana, falta pano nesse biquíni.

— Não, não falta. — Sorriu e trouxe sua boca para dela.

O beijo se iniciou calmo, mas logo ele a prensava contra a lateral da picape e a consumia de um jeito sem igual. Ele estava sem camisa, ela sentia o calor emanando de sua pele, a qual ela arranhava de leve e apertava nos lugares certos, deixando-o alucinado. Ele subiu uma de suas pernas e esfregou sua ereção bem no seu ponto de

PERIGOSAS ACHERON

prazer.

De onde estavam ninguém podia vê-los, então ele se aproveitou e escorregou um dedo por dentro da parte de baixo do biquíni e tocou a carne trêmula de seu clitóris. Ela agarrou os longos cabelos dele pela nuca e quase gritou quando um orgasmo começou a se construir em seu canal. Paul sabia quais botões devia apertar para deixá-la à beira do êxtase, mas não seria assim tão fácil.

Sorrindo, ele tirou o dedo de seu canal, onde um a penetrava e outro fazia movimentos circulares em seu clitóris, colocando o biquíni no lugar. Baixou a perna dela e lhe deu um selinho parando o beijo. Ana o olhou sem entender o porquê de ter parado. Ele levou os dedos que estavam em sua vulva até a boca e sugou.

— Deliciosa, meu mel.

— Por quê? Você... Por que parou?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tenho que ir cuidar de nossas filhas. Mais tarde continuamos — disse piscando um olho e se afastando.

Sua ereção doía, mas sabia que não era o único a sentir aquela dorzinha. E ele precisava provocá-la ao máximo para que a noite fosse explosiva, como sempre era entre eles. Já fazia muito tempo que ele estava com saudade de ter seu corpo moldado ao dela.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 32

— Olá, Joseph — cumprimentou, sentando-se à sua frente na mesa.

— Bom dia, Glória. Você está linda. Está mais corada — elogiou, fazendo com que ela ficasse vermelha. *O que era bem difícil.*

— Obrigada. Tenho saído mais de casa. Muito sol, nada demais — falou ela.

Mas na verdade era sempre assim quando ficavam perto um do outro. Desde a adolescência deles.

— Isso é bom. Com o tempo a gente se acostuma — comentou referindo-se ao falecimento de Johnson.

— Sim. Tenho aprendido a conviver com

isso. Não é tão fácil, nem tão difícil. Estou apenas vivendo um dia de cada vez.

— Sei bem como é isso. A saudade sempre vai existir, mas descobrimos que ainda estamos vivos e temos o direito de viver. — Joseph tinha um olhar intenso cravado nos olhos de dela que corou ainda mais.

— Acho que ainda não descobri isso.

— Logo irá, posso ajudar no processo. — Ele estava cheio de segundas intenções ao oferecer sua ajuda.

— Obrigada.

Somente Joseph conseguia a façanha de deixar Glória sem palavras. Uma coisa rara de se ver, pois ela é sempre muito espirituosa, tem sempre uma resposta na ponta da língua pra tudo.

— As meninas estão animadas com o novo brinquedo — falou ele, para mudar um pouco o

rumo da conversa.

Não queria assustar Glória, mas já não podia negar para si mesmo que tinha esperanças de tê-la em seus braços. Havia mandado seu recado, ele a conhecia bem e sabia que tinha entendido suas intenções. Continuaría com pequenos flertes até sentir que ela estivesse pronta para seguir em frente, assim como ele já estava.

— Sim. Para o desespero de Ana. — Ela sorriu aliviada, por um tema mais fácil de se conversar.

Ambos olharam para as netas que estavam contemplando o pula-pula.

— Toda mãe se preocupa mais que o necessário.

— Verdade. Deixei Ana se resolvendo com o Paul por ter passado por cima de uma decisão dela.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pelo visto devem estar se entendendo bem, já que não conseguimos ver eles daqui. — Joseph sorria com malícia.

— Espero que sim. Não vejo a hora que eles se entendam de uma vez. Nossos filhos merecem ser felizes e ficarem em paz.

— Partilhamos do mesmo sentimento.

— Vovô cadê o papai? — perguntou Juliene, um pouco sem fôlego por causa da corrida até ali.

— O vovô não serve? Nem ganhei meu abraço do dia e nem meu beijo — disfarçou. Elas o abraçaram e beijaram seu rosto.

— O senhor viu que pula-pula gigante? — perguntou Bia, já sentada em seu colo.

— Se vi. É enorme.

— Quero pular na água, mas não posso ir sozinha — disse Bia.

PERIGOSAS ACHERON

— Mamãe disse que só podíamos entrar na água com alguém e o papai prometeu que ia com a gente — completou a irmã.

— Primeiro vamos tirar a roupa, passar protetor solar, se hidratar e só então que vão para a água com pai de vocês — dizia Glória. Tudo para ganhar tempo e os pais delas aparecerem.

— Mamãe já passou protetor em casa, vó — resmungou Juliene.

— Você sabe que tem que passar de novo, Ju. E depois de novo. É um saco, mas tem que passar — reclamou Bia, fazendo careta.

— Saco? — Joseph ergueu uma sobrancelha e abafou um sorriso.

— Nova palavra delas. Tudo é um *saco*. Deixa só a mãe de vocês ouvir isso — repreendeu Glória, apesar de também conter uma risada.

Nada como ser criança que fala tudo de
PERIGOSAS ACHERON

forma espontânea sem se preocupar com nada e os adultos ainda sofrem porque tem que educar, mesmo achando graça de algumas coisas.

— Não sei qual o problema. Os adultos são um saco. Vem, Bia. Vamos procurar nosso pai. — disse Juliene. Ela saiu pisando duro, puxando a irmã. Mas ela parou no lugar.

— Não sabemos onde ele tá, Ju. Vamos fazer o que a vovó disse, logo o papai aparece.

— Estão me procurando?

— Pai, vamos. A gente quer pular lá no pula-pula — pediu já puxando ele pela mão.

— Wow! Vai com calma baixinha.

— Pai, a gente já esperou demais. — resmungou Bia, agarrando sua outra mão.

— Nós acabamos de chegar, antes vocês vão passar protetor solar e tomar água. — Ana chegou, já ditando as regras. — E, Paul, acho bom

PERIGOSAS ACHERON

você não sair de perto delas.

— Que tal você me ajudar, meu mel? — piscou para ela que corou.

— Pai, o que tem no seu olho? — perguntou Bianca.

— Por que chamou a mamãe de mel? — Ju meneia a cabeça de lado, olhando de um para o outro, confusa, como toda criança curiosa.

Todos riram e focaram sua atenção em Paul para esperar por sua explicação. Ele respirou fundo e se ajoelhou para ficar olho no olho com as filhas, ele sempre faz isso quando vai explicar ou pedir algo para elas.

— Não tem nada no olho do papai, anjinho. — respondeu para Bia, olhou para Ju. — E eu chamei a mamãe de mel, porque é o apelido carinhoso que dei para ela. Assim como cada uma tem o seu. Minha boneca, meu anjinho e meu mel.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Apelidos carinhosos são para quem amamos certo? — constata Bia.

— Isso mesmo, anjinho. E o papai ama vocês — proferiu dando beijos em seus rostos.

— Então o senhor também ama a mamãe? — inquiriu.

— Sim. O papai ama muito a mamãe — respondeu olhando bem fundo nos olhos de Ana, que brilharam.

— Pai?

— Oi, anjinho.

— Você e a mamãe vão se casar?

— A gente vai ter uma família?

Pediram ao mesmo tempo surpreendendo a todos. Paul engoliu em seco e olhou para Ana em busca de ajuda, mas ela também esperava por sua resposta ansiosamente.

PERIGOSAS ACHERON

— É aqui que está rolando um piquenique?

— Henry chegou bem na hora e Paul pensou que estava salvo pelo gongo. Ledo engano. Crianças não se esquecem de nada.

— Henry, nunca fiquei tão feliz em te ver, cara — disse Paul se levantando e ignorando as perguntas das filhas. — Vicky, que surpresa!

— Olá, Paul. — Ela foi até ele e se cumprimentaram com dois beijos na bochecha. — Também me surpreendi com o convite. Ana. — Fez o mesmo com Ana que a correspondeu.

— Como vai, Vicky?

Ana olhou para Henry por cima de seu ombro em busca de respostas, este apenas fez que não com a cabeça. Deixando claro que não tinham nada sério. Ana achou uma pena, pois queria que o amigo encontra-se alguém e fosse feliz. Já Henry ainda se achava jovem demais e com tempo de

sobra para encontrar o seu grande amor. Não tinha pressa, sabia que ela viria até ele um dia.

— Estou bem e você me parece ótima. Deve ser o amor. — Vicky deu uma piscadela cúmplice e Ana sorriu.

— Ah, com certeza, é sim. Estou feliz — afirmou Ana.

— Seja bem-vinda à família, querida. Sintase à vontade — disse Glória.

— Somos apenas amigos, tia Glória. — esclareceu Henry, dando um beijo em sua fronte.

— Obrigada, Glória. Mas como o Henry disse, somos apenas bons amigos. — Trocaram um olhar cúmplice e logo Henry se virou para Bia que o olhava.

— Ei, princesa. Não vai falar comigo?

Bia olhou para Vicky ao lado de Henry com cara de poucos amigos e foi logo perguntando.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ela é sua namorada?

— Não, princesa. Ela é apenas minha amiga. Eu não tenho namorada. — Ele se ajoelhou e abriu os braços, mesmo relutante, Bia se jogou nele.

— Não gosto dela — resmungou no ouvido dele o abraçando apertado, Henry sorriu.

— Ela é legal, você vai ver — falou beijando sua cabeça.

— Quem quer ir no pula-pula? — gritou Paul chamando a atenção das filhas.

— Opa! Eu quero, posso? — Derick já chegou animado.

— Querendo voltar ao jardim de infância, *doutor*? — alfinetou Paul.

Era sempre assim entre eles. Tinham uma boa convivência, mas Paul jamais esqueceria que Derick havia tocado sua Ana.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tio Derick, vem pular também — chamou Bia.

— Mas antes tem que passar protetor solar e tomar água — disse Juliene, arrancando risos de todos.

Foi uma manhã animada. Todos se renderam ao pula-pula e brincaram até perto da hora do almoço. Se reuniram e almoçaram entre muitos risos e brincadeiras. Mesmo depois da sobremesa os adultos ainda ficaram sentados conversando, menos Paul e Ana que saíram de fininho e foram para uma árvore ao longe, distante dos olhos e ouvidos dos outros. E as gêmeas que estavam brincando sentadas próximo à mesa.

— Vem comigo! — sussurrou Paul para Ana.

— Para onde? — perguntou no mesmo tom de voz.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Só confia em mim e vem. — Paul se levantou e lhe estendeu a mão que prontamente ela aceitou.

— Já volto mãe — avisou.

— Tudo bem. Não faça nada que eu não faria, mas com juízo. — Ana corou diante de suas palavras e todos riram.

— Mamãe, por favor — gemeu constrangida.

— Faço minhas as palavras da Glória, filho.

— Recado dado, coroa. — Ele piscou e saiu levando Ana consigo.

— Já marcaram a data do casamento? — perguntou Glória, mudando o assunto, fugindo dos olhares de Joseph.

— Ainda não. Primeiro vamos concluir a obra da clínica.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por mim nos casávamos agora, mas a Simone quer esperar a conclusão da obra, pois aí podemos sair em lua de mel tranquilos — disse Derick, dando de ombros.

— Ah, faz bem. A lua de mel tem que ser bem aproveitada — comentou Joseph, com um sorriso malicioso.

— Disse tudo, tio. Até parece que ainda se lembra o que se faz na lua de mel. — zombou Henry, arrancando risos de todos.

— Seu moleque. Pra você que não sabe eu tenho 45 anos, lembro muito bem o que se faz numa lua de mel. — Joseph mal tirava os olhos de Glória que corava como uma adolescente.

— E será que ainda sabe fazer também? — Henry não era cego e estava provocando de propósito. Derick também havia notado a tensão pairando no ar.

PERIGOSAS ACHERON

— Querido sobrinho, você não faz o meu tipo. Mas saiba que estou em plena forma e sou capaz de fazer uma mulher delirar em meus braços.

Glória quase engasgou com a cerveja que tomava para aliviar um pouco o calor que estava sentindo diante dos olhares que ele estava lançando em sua direção. Mas suas palavras eram verídicas, Joseph estava na sua melhor forma. Corria todos os dias pela manhã, levava uma vida muito saudável no campo. Cuidava pessoalmente de muita coisa, mas pretendia deixar tudo nas mãos do filho em breve, pois já estava cansado de trabalhar e agora queria poder curtir a vida. E tinha planos de ter Glória ao seu lado.

Capítulo 33

Paul levou Ana para a árvore que eles costumavam namorar, antes ele foi até sua picape e pegou uma manta e uma cesta com um vinho, frutas e queijo.

Foi ali que ele tinha pedido ela em namoro e disse amá-la pela primeira vez, sendo correspondido. Era o esconderijo e refúgio deles. Não era possível vê-los, pois eles se sentavam na parte de trás da árvore.

Após se acomodarem, Paul sentou encostado na árvore e Ana nele, ficaram admirando a paisagem. Ao longe dava para ver o lago que dividia as duas fazendas e conseqüentemente boa parte das duas terras. A árvore ficava no ponto mais alto entre os dois terrenos. Era uma linda imagem,

quando fim de tarde era esplêndido de se admirar o pôr-do-sol.

— Lembra-se desse lugar? — perguntou, após beijar seu pescoço.

— Não tem como esquecer. — Ela virou um pouco, a fim de poder olhá-lo nos olhos. — Nossas melhores lembranças são aqui.

— Verdade. São momentos inesquecíveis.

Foram muitas às vezes em que se sentaram naquele mesmo lugar, na mesma posição e admiraram o pôr ou o nascer do sol.

— Lembra da nossa primeira vez e de todos os planos que fizemos aquela noite? — indagou, voltando seu olhar para o horizonte. O sol já estava quase se pondo e os outros já tinham ido embora. Só restavam eles ali.

— Lembro bem dessa noite. — Ana girou em seus braços. — De cada palavra e de cada

PERIGOSAS ACHERON

gesto. Ao menos um de nossos desejos se realizou — falou se referindo às gêmeas.

— Verdade. Nosso maior presente. — Ana alisava seus cabelos da nuca, ele fechou os olhos e ronronou.

— Sempre gostei de quando você mexia assim no meu cabelo e por isso nunca cortei. Sei que você gosta dele comprido.

— Deixa você com um ar sexy. Meu cowboy sexy! — disse mordendo o lábio inferior. Paul abriu os olhos e a olhou intensamente.

— Seu? — sua voz entregava toda a ansiedade que sentia. Sua Ana dizendo que ele era seu outra vez.

— Meu, só meu — disse ela baixinho, eles se beijaram.

Foi um beijo cheio de amor e entrega. Ele tirou sua blusa e a parte de cima do biquíni, ela

tirou sua camisa e ficaram pele contra pele.

— Quero você, meu mel. Não aguento mais essa distância — sussurrou Paul, enquanto espalhava beijos, mordidas e lambidas de seu ouvido até seu ombro.

Ana jogou a cabeça para trás no momento em que seus lábios se fecharam em seu seio esquerdo e passaram a sugar com vontade.

— Oh, Deus. Eu também... Eu também não aguento mais. — Ela segurou seu rosto entre as mãos e se entregou mais uma vez ao amor que sentiam. — Me faça sua, Paul. Me faça sua mulher outra vez.

— Aqui? — repetiu a mesma pergunta que fizera anos antes, só que agora ele tinha um sorriso malicioso nos lábios que foi correspondido.

— Sim, aqui é o nosso lar.

— Com todo prazer, meu amor. Meu mel.

Minha Ana.

ΩΩΩ

— Agora que está mais relaxada... — Paul tinha um sorriso estampado no rosto. — Por que você não me diz o que tem te deixado tão irritada, ultimamente?

Ele sentiu o momento exato em que Ana ficou tensa em seus braços. Já tinha pouco mais de uma semana que ela andava irritada e isso não é normal dela. Até então, ela estava relaxada, principalmente depois do amor que haviam feito, mas só de lembrar do seu mais recente problema ela ficava irritada.

Emma. A loira vinha tirando a paciência dela.

Emma nunca gostou de Ana e a recíproca
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

era verdadeira. Ana sabia que ela era apaixonada por Paul e nunca sentiu ciúmes ou algo do tipo em relação a ela, sempre foi segura de si. Era ridícula a forma como Emma fazia questão de odiá-la só porque tinha o amor do homem que ela desejava, ela não o amava de verdade, o que tinha era obsessão e raiva por ele ser o único que não corria atrás dela. Então, seu maior objetivo era tê-lo em sua cama e tinha conseguido. Isso deixou Ana furiosa, de todas as mulheres que o cercavam, Paul tinha que ter ido pra cama logo com Emma?

Nos anos que ficaram separados Emma fazia questão de passar na cara os momentos de prazer que tinha com Paul, sempre que encontrava com Ana em algum lugar e doía ouvir cada provocação. Mesmo estando com Derick, não era fácil ter que aguentar as palavras cheias de veneno da outra.

PERIGOSAS ACHERON

Há algumas semanas, Ana tinha ido à cidade, mais precisamente no mercado e para sua infelicidade acabou encontrado com ela. Emma falou absurdos e deixou bem claro que o filho que esperava era, sim, de Paul.

— Olha só se não é a sonsa da Ana. — Emma disse com deboche. Ana, que estava distraída, olhando uma prateleira de cereais a procura do preferido das filhas que era o de bolinha de chocolate, bufou e virou a fim de ficar frente a frente com Emma.

— Boa tarde pra você também, Emma. Como vai? — Ana não queria entrar no jogo dela e foi superior, até onde conseguiu.

— Não se faça de boba. Não estou nada bem e você deve saber — bradou.

— Não, eu não sei — disse, enquanto

PERIGOSAS NACIONAIS

voltava a escolher as coisas e colocar no carrinho de compras. — Ao contrário de você que se interessa pela minha vida eu não me interesso pela sua.

— Você não vale nada, só se faz de santa. A Santa Ana — zombou Emma. Ana virou, ficando novamente de frente para ela.

— Não me compare a você, pois é você quem não vale nada aqui. E não, querida, eu não sou santa, estou longe de ser, pois também cometo meus pecados e não nego como uns e outros por aí — disse com desdém, deixando Emma ainda mais irritada.

— Pois bem, Santa Ana — debochava a outra. — Eu lhe digo o que está acontecendo, estou furiosa com o Paul e por sua culpa — esbravejou, chamando atenção de quem passava por elas no corredor do supermercado.

PERIGOSAS ACHERON

— Não diga. — Ana cruzou os braços sobre os seios. — Me conte o que eu tenho a ver com seus problemas com ele?

— Tudo, você tem tudo a ver. Por sua culpa, ele nega a paternidade do meu filho. Pois saiba que esse filho, que espero, é dele sim e vou provar — gritava, apontando para sua barriga claramente evidente — Irei fazer um DNA e esfregar na cara de vocês. — Emma parecia fora de si. Coitada da criança que iria ter uma mãe maluca como ela.

— Emma, você tem que dizer isso a ele — Ana disse com calma. — Eu não tenho nada com o Paul. Se ele acredita não ser o pai do seu filho a culpa não é minha e, sim, sua que abre as pernas pra todo mundo.

— Sua vadia! — gritou ela.

Emma viu vermelho e completamente fora

de si partiu pra cima de Ana, tentou dar um tapa nela que, por sua vez, segurou sua mão no ar. Ficaram assim, olho no olho.

— Não ouse encostar um dedo desse seu corpo imundo em mim, Emma. Você que é vadia. Está aí grávida e nem sabe quem é o pai — devolveu Ana aos berros também.

— Vadia é você que ia fugir com um irmão enquanto dizia amar o outro. — Emma sorria sarcástica. — Ainda por cima teve filhas do Charlie e ainda quis enganar o babaca do Paul dizendo que é dele. Em você ele acredita, mas em mim que fui fiel todo o tempo em que ficamos juntos ele duvida — Emma gritava ensandecida, suas palavras pingavam veneno. Ana riu.

— Querida, ao contrário de você, eu posso provar que minhas filhas são do Paul. Passar bem. — Ana empurrou seu braço fazendo com que ela

cambaleasse e foi se afastando, mas a vaca puxou seus longos cabelos negros, fazendo-a voltar e bater com as costas um monte de latas que estavam empilhadas ali. Derrubando tudo e causando o maior estrago.

Logo Ana estava de pé e indo na sua direção, furiosa. Emma chegou a se encolher com o olhar que recebeu, mas Ana se conteve ao lembrar que ela estava grávida. Muitas pessoas estavam aglomeradas ao redor e assistam à tudo de camarote, logo toda a cidade saberia do barraco. Ana parou a centímetros de sua face e apontou um dedo em riste.

— Eu só não te dou o que você merece, agora, por estar grávida. Mas tente fazer isso uma próxima vez e talvez meu senso de justiça não fale mais alto e eu te bata até tirar a merda fora de você — ralhou. Emma sugou o ar com força, mas

PERIGOSAS NACIONAIS

contra atacou.

— *Não tenho medo de você, Thompson.*

— *Pois deveria! — dito isso Ana lhe deu as costas e, dessa vez, foi embora.*

— Ana, aonde você foi dessa? — Paul ensaiou um sorriso, mas este se desfez no momento em que encontrou o olhar dela.

— Então você ainda não sabe? — sondou.

— Não. Se estou lhe pedindo é porque não sei!

De fato, ele não sabia. Naquela semana teve que fazer uma pequena viagem em busca de novos fornecedores e compradores para ambas as fazendas, junto com Henry. E como em toda cidade pequena logo aconteceu outra coisa e a discussão havia sido esquecida pelos moradores.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu tive uma discussão com a Emma dias atrás — disse sem querer entrar em detalhes.

— Só isso? — Ele puxou seu queixo virando seu rosto para que olhasse em seus olhos, novamente. — Eu quero saber exatamente o que aquela maluca te disse para te deixar assim, meu amor.

— Não vale a pena.

— Não quero saber se vale ou não a pena, só me diz. Quero que me conte tudo e não me esconda nada. — Ana suspirou.

— Não estou escondendo, só não quero me deixar levar pelas loucuras dela.

— Mas pelo visto está se deixando levar sim. O que ela disse, Ana? — insistiu.

— As ofensas de sempre e, agora, ela me culpa pelo fato de você dizer não ser o pai do filho dela.

PERIGOSAS ACHERON

— Emma está cada dia mais fora de si. Esse filho não é meu e posso provar.

— Ela também diz que pode provar, mas o inverso. Que o filho é seu.

Paul sentiu a dúvida no olhar dela e tratou logo de tirá-la.

— Ana...

— Você tem certeza? Pode ter ocorrido uma falha, não sei. — Ana se levantou, enfiou os dedos entre os cabelos e olhou para céu estrelado. Paul também se levantou e parou atrás dela. — Essa mulher me tira do eixo, eu não sei se suportaria, Paul. Um filho seu com ela seria demais pra mim — sussurrou.

— Eu sempre usei camisinha com ela, ela não podia sequer furar nem se quisesse. — Paul a virou de frente e segurou seu rosto entre suas mãos. — Porque sempre usei as minhas e sempre fui eu a

colocar. Era tudo muito mecânico, não havia amor e entrega como é entre nós.

— Paul...

— Me escuta. Eu tinha minhas necessidades como todo ser humano tem, ela era minha válvula de escape. Sei que não é legal dizer isso, mas é a mais pura verdade. Sexo e apenas sexo era o que havia entre nós. Emma adora dizer que éramos namorados e mais um monte de absurdos, que iríamos casar e por aí vai. Mas nunca houve essa possibilidade. Eu amo você e é com você, sempre foi com você, que quis me casar e construir uma família. Por isso a decisão de operar e fazer a vasectomia.

— Eu acredito em você — disse com sinceridade. Pois de fato acreditava, mas era humana e tinha seus medos.

— Tem mais de um ano que fiz esse

procedimento e já fiz alguns check-ups, está tudo certo com a cirurgia. Não existe a menor chance de que essa criança seja minha.

— Vamos esquecer ela, ok? — pediu Ana.
— Prometo não me deixar levar mais.

Paul nada disse, apenas a apertou em seus braços e lhe beijou na cabeça. Na manhã seguinte a levaria para conversar com seu médico pessoalmente.

— Vamos embora. As meninas já devem ter notado nossa falta.

— Isso elas já perceberam há muito tempo, elas são muito espertas.

— Se são. Essa fase de perguntar tudo tem me colocado em cada saia justa que você nem imagina — gemeu Paul.

Rindo eles se vestiram, juntaram as coisas e desceram o monte até chegarem à picape e, então,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

foram para a fazenda Esperança.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 34

Na manhã seguinte, quando Ana acordou, Paul já a esperava na cozinha. Ele se servia de um café bem forte que Glória tinha acabado de fazer.

— Bom dia! — Ana olhou para ambos. — Aconteceu alguma coisa? Por que você está aqui tão cedo, Cowboy?

— Bom dia, meu amor! — Paul foi até ela, segurou seu rosto em concha e lhe deu um selinho. — Não aconteceu nada, só vim te buscar para ir a um lugar comigo.

— Que lugar seria esse? — indagou desconfiada.

— Só vem comigo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ok. — Assentiu. — Mãe...

— Pode ir tranquila, eu levo as meninas para a escola.

Ana cerrou os olhos.

— O que vocês dois estão aprontando?

— Eu não sei de nada. Se resolva com o grandão aí — disse Glória sorrindo.

— Desembucha, O'Malley.

Paul sorriu.

— Vamos logo, curiosa.

E assim, partiram. Ele a levou até o hospital da região, mais precisamente para falar com o médico que havia feito a sua cirurgia. Seu amigo de faculdade, Bryan Adams.

— O que estamos fazendo aqui? — Ela o olhou preocupada. — Você está doente?

— Não. Estamos aqui para você tirar todas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

suas dúvidas sobre minha vasectomia — disse, enquanto aguardavam a chegada do médico em sua sala.

— Eu não tenho dúvidas — falou Ana, sem muita convicção.

— Tem certeza? — Paul ergueu uma sobrancelha.

— Está bem. Eu tenho, sim. Mas não duvido de você e sim desse procedimento — tratou de esclarecer.

— Eu sei, meu amor. E por isso estamos aqui.

— Bom dia! — cumprimentou o doutor entrando na sala.

— Bom dia, Bryan. Essa aqui é minha mulher, Ana. — apresentou Paul orgulhoso. — Ana Thompson e este é Bryan Adams, um amigo de faculdade e meu médico.

PERIGOSAS ACHERON

— Ah, sim. A famosa, Ana... — Ele estendeu a mão em cumprimento. — Já ouvi falar muito de você — disse Bryan sorrindo.

— Espero que bem. — Ela sorriu com timidez.

— Muito bem, tenha certeza. Meu amigo aqui é um homem apaixonado. Mas a que devo a honra dessa visita? — Indicou o sofá para que se sentassem e sentou na poltrona em frente.

— Ana tem algumas dúvidas sobre a minha vasectomia e achei melhor vir tirá-las pessoalmente com você, tudo bem?

— Claro. Pode perguntar o que quiser bela, Ana.

— Só Ana, Bryan. Menos intimidade, por favor — grunhiu Paul para o amigo que sorriu.

— Cara, deixa de bobagem. Sou muito bem casado e você sabe disso. Me diga suas dúvidas que

esclarecerei todas que eu puder.

— Certo. Bom, minha primeira questão é se a vasectomia é reversível? — Ela não encarou Paul.

Ana não tinha planos de ter mais filhos, não de seu próprio ventre, pelo menos. Mas queria esclarecer todos os pontos, ainda mais diante do que vinha acontecendo.

— É reversível sim, porém, a taxa de sucesso da cirurgia de reversão pode variar muito. Caso o homem tenha se submetido à vasectomia há mais de cinco anos, a chance de sucesso com a reversão é bem menor de que se ele tivesse sido submetido há dois anos ou menos tempo. A cirurgia de reversão é muito mais delicada.

— Entendi. Então, a vasectomia é mesmo um método anticoncepcional seguro?

— Com certeza é o método mais seguro e cômodo, porque independe de participação ativa

dos parceiros para evitar a gravidez, como por exemplo, lembrar-se de tomar anticoncepcional praticamente todos os dias; ter que "vestir" o preservativo; ter os cuidados que o DIU exige, inclusive com reavaliações periódicas; etecetera. A segurança da efetividade do método é, inclusive, sempre confirmada com a realização do exame de esperma após, aproximadamente, trinta dias do procedimento. Mas, alguns homens deixam de ejacular o esperma com espermatozoides a partir de seis meses do procedimento, por isso acompanhamos esses seis meses com espermogramas mensais.

— O que acontece com os espermatozoides após a vasectomia? Porque eles não somem assim ou somem? — Bryan sorriu. — Eu li um pouco sobre o assunto — disse Ana acanhada.

— Percebi. Bom, os espermatozoides já

PERIGOSAS NACIONAIS

formados vão sendo destruídos e absorvidos pelo organismo, ou até mesmo eliminados pela ejaculação durante os primeiros seis meses, como lhe expliquei antes. As células germinativas, aquelas que produzem novos espermatozoides diminuem ou até mesmo param de produzir, com o tempo, logo que aumenta a pressão dentro do canal que foi obstruído pela vasectomia.

— Uma última pergunta. A vasectomia pode falhar?

— Embora a ela seja altamente eficiente não é à prova de falhas. Raramente, homens que se submeteram a vasectomias se tornam pais após a cirurgia, mas caso isso aconteça, as possíveis razões são: não usar outro método contraceptivo nos primeiros meses após a cirurgia, pois é possível que alguns espermatozoides ainda saiam com o esperma nos primeiros meses, como já falei. E

PERIGOSAS ACHERON

menos comum, os canais deferentes se reconectarem após a cirurgia, fazendo a vasectomia se reverter sozinha.

— Então usando camisinha não tem perigo de nada?

— Não. E no caso do Paul está tudo certo. Já fizemos os testes e não houve falha. — Bryan olhou de um para o outro. — Aconteceu alguma coisa que não estou sabendo?

— A Emma surtou. Ela está grávida e jura que o filho é meu. Tenho certeza absoluta de que não é — explicou Paul.

— Entendo. Bom, em todo caso faça um DNA e deixe tudo às claras.

— É o que pretendo fazer. Mas queria que Ana não tivesse dúvidas quanto ao método.

— Sim, eu entendo. Mas, Ana caso você e Paul queiram ter filhos, é perfeitamente possível,
PERIGOSAS ACHERON

pois antes de todo o procedimento é obrigatório, ainda mais jovem como o Paul é, que armazenemos esperma do paciente.

Ana quase engasgou com a própria saliva quando Bryan falou isso e corou, Paul foi em seu auxílio.

— Ainda veremos isso, Bryan. Obrigado por sua atenção.

Capítulo 35

Meses depois...

— E então? — pergunta aflita. Ela estava quase fazendo um buraco no chão de tanto andar de um lado para o outro.

— Ana... — Paul hesitou e Ana sentiu a bile subir por sua garganta.

— Só fala de uma vez, Paul — exige. Ele passa as mãos em seus cabelos, um gesto de quando está nervoso.

— Positivo! — sussurra. Ana não se faz de rogada ao deixar seu corpo cair no sofá que está atrás dela.

— Mas...

— Não, não pode ser possível — Paul completa seu pensamento. — Existe alguma explicação para isso. — Ele já havia se ajoelhado a seus pés e buscava seus olhos.

Ana estava se sentindo sem chão. Emma deu à luz a um menino há exatos quinze dias, ela teve uma complicação e veio a falecer ainda na sala de parto. Desde então o bebê está internado, pois nasceu abaixo do peso e segundo os médicos precisava ficar sendo monitorado até que estivesse bem de saúde. Não é nada grave o caso, mas exige cuidados. Paul está como responsável, pois Emma deu o seu nome como pai da criança e ela não tem nenhum parente próximo. Sua mãe já se foi há alguns anos e o pai não conhecia. Paul já havia pedido um exame de DNA e ela tinha autorizado que fosse feito logo após o nascimento do bebê.

Hoje ele foi pegar o resultado que

confirmou que ele era o pai do bebê.

— O Bryan disse que sua vasectomia foi um sucesso... Que não houve falhas... Como isso é possível, Paul? Meu Deus! Um bebê e com a Emma! — Ana já não falava coisa com coisa.

— Ana...

— Eu nem sei o que pensar, Paul — disse desolada. Ele estava tão sem chão quanto ela. Ana franziu testa, não conseguia olhar para ele. — Eu... Eu vou embora... Preciso terminar um trabalho da faculdade, pegar as meninas na escola — falava enquanto seguia para fora da casa dele.

— Espera, Ana. — Paul segurou seu braço, impedindo que ela avançasse mais.

Ficaram parados na varanda.

Ana não o olhava, mas ele segurou seu queixo e fez com que o encarasse. Ela estava à beira das lágrimas e não pode conter por muito

mais tempo, elas escorreram: quentes e grossas por sua face. Paul a puxou de encontro ao seu peito e lhe beijou a cabeça repetidas vezes. Ele não sabia o que dizer, não sabia o que fazer. Só sabia que não queria perdê-la outra vez. Isso ele não iria permitir.

— Um bebê, Paul! — soluçou em seu peito.
— Como vai ser agora?

— Eu, sinceramente, não sei, meu amor — sussurrou ele. — Só sei que não quero, não posso e não vou te perder. Por favor, não me deixa — pediu ele segurando seu rosto em concha.

Ver o desespero dele fez Ana tomar uma decisão, mesmo que no calor do momento. Eles se amavam e não iria abandoná-lo numa situação dessas. Emma não era mais que um fantasma que conseguiu deixar sua marca na vida deles antes de partir, mas não permitiria que ela destruísse o amor deles. A criança era tão vítima quanto eles nisso

tudo e merecia ser cuidada e amada. E se Deus havia colocado ela no caminho deles, talvez fosse um sinal.

Respirando fundo, Ana enxugou o rosto bruscamente e sorriu de leve.

— Você não vai me perder. Iremos criar esse menino juntos — falou decidida. Paul ficou em choque.

— O quê?

— Paul, eu te amo demais. Já passamos por tantas coisas. Eu não vou permitir que o fantasma da Emma nos separe. Ela vai se revirar no túmulo, pois não vou dar esse gostinho pra ela.

Paul gargalhou com o uso de suas palavras.

— É um bom argumento.

— Eu sei. — Piscou ela.

— Eu te amo tanto, meu mel.

— A partir de agora enfrentaremos a tudo, juntos — garantiu Ana.

Depois de tudo que haviam passado com o mal entendido da carta de Charlie eles passaram a conversar bastante e decidiram que não esconderiam mais nada um do outro. Diálogo seria a base dessa nova fase no relacionamento deles.

Emma tentou infernizar o quanto pôde. Ela ligava dizendo estar se sentindo mal e Paul corria para atendê-la. Não que ele fosse por vontade própria, Ana o obrigava a ir. O foco era pensar na criança. Do jeito que era maluca ninguém duvidava que ela tentasse algo contra a vida daquele pequeno ser. E ela tentou, acabou que quem pagou foi ela e com a própria vida. Emma tomou remédios na tentativa de abortar, assim que percebeu que não teria Paul com ela, por sorte não afetou em nada ao bebê. Mas acelerou seu nascimento e a levou a

morte.

Ana não podia deixar esse bebê desamparado. Ele já havia sido rejeitado pela própria mãe. Não permitiria que fosse pelo pai, mesmo que ela sofresse um pouco no processo.

Paul nem pensava em abandonar a criança, porém sabia que tinha algo que não se encaixava em toda essa história. Ele não sabia por onde começar, mas iria investigar mais a fundo desde a descoberta dessa gestação. Emma não era a pessoa mais honesta desse mundo.

ΩΩΩ

— Ele é lindo, mamãe. Mas é tão pequeno — exclamou Bia.

— Ele é só um bebê, amorzinho, eles são pequenos. Você já foi do tamanho dele um dia,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sabia? — falou Glória.

— Tão pequena assim? — se espanta.

— Sim. Era um pacotinho nos braços do papai.

— O senhor não tinha medo de pegar a gente? Eu tenho medo de machucar ele se tocá-lo — diz pensativa.

— É só ter cuidado, anjinho. Tenho certeza de que você consegue não machucá-lo — afirmou Paul.

— Elas estão reagindo bem — sussurrou Glória para Ana num canto afastado.

— Sim. Mas logo começam as perguntas capciosas.

— Não seria elas se não fizessem. Espero que estejam prontos. — Ela sorriu, enquanto Ana gemeu.

PERIGOSAS ACHERON

— Ele é nosso irmão? — perguntou Juliene, finalmente falando.

— Ahn... Ana? — implora Paul.

Ryan, esse foi o nome dado ao filho de Emma, que recebeu alta médica após um mês de nascido. Ele era um bebê lindo, forte e saudável. Paul montou um quarto para ele, ao lado do das gêmeas em sua casa, com a ajuda de Ana. Também contratou uma enfermeira para cuidar dele, afinal um bebê precisa de atenção em tempo integral e ambos não poderiam ficar com ele sempre devido seus afazeres diários. Mas, nem por isso deixaram de dar muito carinho e atenção ao pequeno. Ryan estava sendo muito bem recebido na família.

Agora estão todos reunidos ao redor de seu berço, babando nele.

— Venham com a mamãe e com o papai. — Ana lançou um olhar para ele que se encolheu.

— Claro. Vamos todos.

Seguiram para o quarto delas, chegando lá Ana se sentou numa das camas e as fez sentar ao seu lado. Paul ficou da porta, tenso e com medo da reação delas.

— Sim, Ju. O Ryan é o irmãozinho de vocês...

— Mas a senhora não é a mãe dele — interrompe a menina. — Para os bebês nascerem tem que crescer na barriga da mamãe antes, assim como na tia Lucy e a senhora não ficou com a barriga grande como ela — diz fazendo referência a professora que estava grávida e havia explicado justamente que o bebê fica um tempo, crescendo dentro de sua mamãe até que esteja pronto para nascer.

— Não, eu não sou a mãe dele — explicou Ana. — Sua tia Lucy está certa em relação aos

bebês precisarem crescer por um tempo dentro da barriga de sua mamãe.

— Então ele só é filho do papai — afirma Bia.

— Isso. Ele é filho do papai com outra pessoa. — Ana engoliu em seco ao confirmar.

— E por que ele não fica com a mãe dele? — indaga Ju.

Ana olhou para Paul que estava aflito diante das perguntas que as filhas faziam, ele queria entender porque eram tão precoces.

— A mamãe do Ryan teve que partir em uma longa viagem e por isso ele agora irá ficar conosco — explicou Ana.

— Hum — resmungou Juliene. Ana cerrou os olhos.

— Vocês gostaram de ganhar um irmãozinho? — perguntou Paul, entrando no PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quarto. Ele se sentou no chão de frente para elas.

— Eu gostei — disse Bia.

— Eu também — anunciou Ju, ainda relutante. — Mas ele é pequeno demais.

Ambos soltaram o ar que nem sabiam estar prendendo.

— Logo ele vai estar do seu tamanho e você também já vai ter crescido bastante — disse Ana.

— A gente pode brincar com ele? — questiona Bia.

— Brincar de quê, Bia? Ele é muito pequeno — protesta Ju.

— Podemos trocar a fralda dele e dar comidinha — Ana sorri enquanto Paul olhava alarmado.

— Não, Bia. Ele é um bebê e não um boneco, anjinho — disse ele.

PERIGOSAS ACHERON

— Mas, você pode sim ajudar na troca da fralda, no banho e a dar o leitinho dele — interveio Ana, com calma.

— Parece legal — diz Ju.

— Que tal irem ver se a vovó e o vovô estão precisando de ajuda agora? — incentiva Ana.

Elas saem em disparada, deixando os dois sozinhos. Paul se levantou e puxou Ana para seus braços, num abraço apertado.

— Obrigado! Eu não sei o que seria de mim sem você — sussurrou em seu pescoço, onde encheu de beijos.

— Eu também te amo — falou ela em tom sarcástico.

— Você entendeu — disse ele, cerrando os olhos. Ana exalou profundamente.

— Sim, eu entendi. Elas são só crianças e ainda vão fazer muitas perguntas. Fica calmo, está PERIGOSAS ACHERON

bem? — Ela tocou seu rosto carinhosamente. — Eu estou do seu lado e não pretendo sair.

— E eu te amo mais por isso. — Paul segurou seu rosto entre suas mãos e lhe beijou a boca com vontade. — Cada dia mais e mais.

Era uma situação muito delicada a que eles estavam vivendo e unir forças para que o amor deles prevaleça é crucial. Ana nunca foi grande fã de Emma, mas jamais iria maltratar aquele bebê por ser filho dela. Também não poderia ficar culpando Paul por esse vacilo, ou por ter se envolvido com outra mulher. Ele é homem e tem suas necessidades, ela mesma tinha investido em um relacionamento com outro homem. Ambos seguiram suas vidas sem imaginar que poderiam voltar a ser um casal e lógico que estavam sujeitos a muita coisa no meio desse caminho. Por sorte ou azar, Emma morreu e deixou um pedaço seu em

suas vidas. Peçaço esse que não pode e nem vai ser negligenciado.

Paul ainda não acredita nessa paternidade. Não que não goste do bebê, mas sabe no seu íntimo que não é o pai dele. Assim como sabia que as gêmeas eram, suas filhas. Existe um sentimento forte que o faz se sentir ligado ao Ryan e querer protegê-lo, independente da ligação sanguínea. Ele sente que já ama o pequeno e o tem como seu.

Capítulo 36

— Oi, coisa fofa da tia. Demorei, mas consegui um tempo para vir te visitar. — disse Vicky, enquanto embalava Ryan em seus braços.

O pequeno era só sorrisos para ela. Ryan está com três meses e já mostra o quanto é esperto. Ele é bem agitado, calma não é com ele. Ana e Paul passam algumas noites com ele e nelas ninguém dorme, pois o pequeno troca o dia pela noite.

Devido ao nascimento de Ryan, Ana passou a dormir algumas noites na fazenda com Paul para ajudá-lo. Preferivelmente as noites de folga da babá, que eram duas vezes na semana. Nessas noites, ela e as gêmeas iam e era uma farra, brincavam até cair na cama. Mas Ryan dificilmente

PERIGOSAS NACIONAIS

se rendia e isso queria dizer que Paul e Ana estariam caindo de sono no dia seguinte, mesmo assim ambos estavam curtindo muito esses pequenos momentos.

Ana já estava adorando o pequeno e cuidando dele como se fosse seu. Com o passar dos meses ela estava praticamente morando na fazenda de Paul e ficava com o Ryan o máximo de tempo que conseguia, pois tinha as filhas, a faculdade e a outra fazenda para administrar. A vida de todos havia mudado para se adequar às necessidades do novo membro da família.

— Demorou mesmo. Achei que viria no dia seguinte a alta dele — disse Henry.

— Infelizmente não pude. Estava viajando, esqueceu?

— Não, não esqueci. E como foi a viagem?
— indagou ele, curioso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Muito boa — respondeu ela com um sorriso malicioso. — Conheci uma pessoa e vamos nos casar.

— Casar? — perguntou Ana, surpresa.

— Sim. Acho que finalmente encontrei o amor verdadeiro — contou toda apaixonada.

— Bem, parabéns — disse Henry. — Fico feliz por você, Vicky.

— Obrigada! — agradeceu sincera. — Agora me contem tudo. Soube que a Emma deu sua cartada final e se deu mal com isso. — Ela queria ter certeza dos fatos antes de falar o que sabia.

— Pois é. Ela tentou abortar o Ryan e acabou tirando a própria vida.

Ana contou tudo, desde a briga delas, ainda no supermercado, até o resultado do exame.

— Claro que o DNA deu positivo. Como não daria? — inquiriu Vicky.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sei que você era amiga dela. Mas você a de convir que a Emma era capaz de tudo para prender o Paul — argumentou Ana.

— Sim. E pelo jeito conseguiu prender, de certa forma — afirmou ela.

— Exato. Não existe maior ligação do que essa criança — falou Ana. — Mas independente da mãe que tem ele é e sempre será muito amado por nós.

— Te admiro muito por isso, Ana. Mas não posso permitir que se enganem por mais tempo — disse firme.

— Como assim? — Ana cerrou os olhos. Henry também ficou em alerta.

— O Ryan não é filho do Paul — declarou Vicky, com segurança.

Ana arfou ante o choque e teve que se segurar no berço para não cair.

PERIGOSAS ACHERON

— Mas, você mesma disse que era óbvio o DNA ter dado positivo — sussurrou.

— Sim. E continuo confirmando isso. Afinal, o pai do Ryan é gêmeo do Paul e por esse motivo que deu positivo — explica, como se fosse óbvio para todos.

— Espera. Você está querendo dizer que o pai dele é o Charlie? — indagou Henry.

— O quê? — esbravejou Paul ao ouvir o final da conversa.

Ele tinha vindo buscar Ana para levar pra faculdade.

— Isso mesmo. O pai do Ryan é o Charlie e não o Paul — insiste Vicky, chocando a todos os presentes.

— De onde saiu essa história? — indagou Paul.

Ana ainda estava sem ar e acabou se

PERIGOSAS ACHERON

sentando numa poltrona próxima.

— Em momento algum vocês pararam para fazer as contas? — questionou Vicky, com uma sobrancelha erguida. Paul devolve o gesto, impaciente.

— Só conta logo o que você sabe, Vicky, por favor — pede Henry.

— Pois bem. A Emma tinha uma espécie de relacionamento com Charlie, nada sério. Afinal, o objetivo de vida dela era se casar com o Paul.

— E o do Charlie era casar com a Ana — interrompe Henry.

— Isso. Eu não sabia se eles planejaram ou planejavam algo — esclarece. — Nunca soube de nada, além de que eles transavam. E quando a Emma me disse que estava grávida eu sabia, até com mais certeza do que ela, que o filho era do Charlie. Ainda mais que ela sempre ficava nervosa

e irritada se eu tocasse no assunto.

— E da onde veio essa certeza? — indaga Henry, mais uma vez, ainda em dúvida.

Ana sentiu um fio de esperança, mesmo com seu coração se apertando pelo bebê que já tinha como seu. Ela sabia que a Vicky não iria inventar nada disso, mas é preciso saber muita coisa para afirmar algo assim e ficou feliz pelo Henry ter perguntado. Sua boca estava seca.

— Pois eu não saia mais com a Emma tinha meses e ela soltou a notícia, da gravidez, poucos meses após a última visita de meu querido irmão — rosna Paul, chamando a atenção de todos para ele. Ele soca a parede a sua frente, onde fica uma marca: na parede e em sua mão que ele sacode. — Eu sabia que havia mais por trás dessa gestação, mas nunca via ela com ninguém. Nem nunca soube de seu envolvimento com o Charlie.

PERIGOSAS NACIONAIS

— A mulher era obcecada por você, jamais imaginávamos que ela pudesse sair com outra pessoa. Ainda mais o Charlie. Bela dupla! — fala Henry sarcástico.

— Exatamente. Mas eles saíam sim, ao menos quando ele ainda morava aqui. E como o Paul mesmo disse, eles não ficavam tinha um tempo, teve a visita do Charlie e em poucos meses a Emma estava grávida. Muito conveniente para ela — diz Vicky.

— Essa mulher não vai nos deixar em paz, nem depois de morta? — sussurrou Ana para si mesmo.

— Sinto muito não ter contado nada antes, mas não imaginei que ela fosse adiante com isso e também teve minha viagem. Só pude retornar agora e não podia falar sobre isso por telefone — lamenta ela.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tudo bem, Vicky. Você fez o que achou certo e o importante é que está aqui agora nos contando tudo. Obrigado! — agradece Paul.

— Ana? — chama Henry.

— Eu juro que se ela não estivesse morta, morria agora. Porque eu mataria com minhas próprias mãos — grunhe Ana. — Meu Deus, será que é tão difícil assim ver o outro ser feliz em paz?

— Nem todos tem esse dom, amiga. A inveja e obsessão são sentimentos bem malucos — fala Vicky.

— Eu juro que tento, eu tento não sentir ódio por ninguém, pois esse sentimento não nos faz bem, mas é uma missão quase impossível não odiar essa criatura. Mulherzinha irritante que não nos deixa em paz nem depois de morta. — Ana está praticamente gritando com o tanto de sentimentos confusos e tortuosos lhe tomando a mente.

PERIGOSAS ACHERON

— Vem comigo, meu amor — chama Paul.
— Vocês podem...

— Vão tranquilos que fico com essa coisa gostosa. Afinal, a tia Vicky veio para curtir muito ele — disse, salpicando beijos na barriga do Ryan.

Paul já levava Ana pela mão até seu quarto que fica no final do corredor. Assim que ele fechou a porta ela se jogou em seus braços liberando toda sua frustração em forma de lágrimas.

— Me perdoa? Por favor, me perdoa? — pedia entre soluços. Todo seu corpo tremia.

— Eu não tenho que te perdoar por nada, meu amor. Só tenho a te agradecer, pois mesmo se sentindo péssima com tudo você não saiu do meu lado — disse ele apertando-a em seus braços e lhe beijando a cabeça.

— Deus como pude duvidar de você? — Ela se afastou, enxugando as lágrimas, sentindo

repulsa de si mesmo. — Você fez vasectomia e me levou no seu médico para tirar todas as dúvidas possíveis. Eu te critiquei, senti mágoa por você não me ouvir e acabei fazendo o mesmo ao não te dar o benefício da dúvida...

— Você ficou do meu lado — protesta Paul, com vergonha de seus atos do passado.

— Mas em momento algum eu achei que ele não pudesse ser seu ao passo que você tinha certeza de que não era.

— Sim. A única coisa que não se encaixava era o ponto principal: o DNA comprovar a minha paternidade. Contra isso foi difícil até para mim mesmo desacreditar.

— Que confusão, Paul. E agora, como vai ser?

— Precisamos entrar em contato com o Charlie, ele tem que saber da existência do Ryan —

murmurou a contragosto.

— E se... Se ele não quiser saber do filho ou se quiser? — Ana mordeu o lábio inferior, ele franziu a testa ao resmungar.

— Eu não vou procurá-lo para me livrar do menino e sim porque ambos têm que saber um do outro.

— Eu não disse isso. Penso justamente o inverso. Eu não queria perdê-lo — lamentou.

— Você o ama, não é? — indagou Paul ao puxá-la de encontro ao seu corpo mais uma vez.

— Sim. Afinal, é ou era um pedaço de você. E eu te amo muito! — disse circulando seu pescoço com seus braços.

— Eu não mereço você — disse ele sério ao alisar o rosto de Ana com tanta ternura que a emocionou. — Mas, eu te amo demais e sou egoísta ao ponto de nunca te deixar partir, não outra vez.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 37

— Ao menos ele continua sendo meu neto. Ele é um membro dessa família — diz Joseph.

Paul acabou de contar para ele e Glória à verdade a respeito da paternidade do pequeno Ryan.

— Essa menina não para de nos surpreender — murmurou Glória, ainda em choque.

— Foi o que pensei, mãe. Nem debaixo de sete palmos de terra, ela me deixa em paz — resmunga Ana.

— Realmente é surpreendente toda essa situação. Mas, em todo caso eu fico feliz de não termos que nos separar do menino. Não em definitivo ao menos. — pondera Joseph.

— Confesso que isso também me acalma, um pouco — disse Ana. — Mas, será que o Charlie vai levá-lo? Será que vai querer criar o filho?

— É possível que sim. Para isso temos que entrar em contato com ele. Só um minuto que vou pegar a caixa da Joanna que é onde tem o endereço e número do celular dele — disse Joseph, já rumando para as escadas em direção ao segundo andar.

— Querido, você me consegue um pouco de água. Está um calor insuportável — pede Glória, querendo ficar sozinha com a filha.

— Claro. Posso trazer um refresco se preferir — oferece Paul, já de pé.

— Só água está bom. — Assim que Paul saiu, ela sentou-se ao lado de Ana no sofá e segurou as mãos dela entre as suas. — Agora me conte como está se sentindo com tudo isso.

— Confusa. Com certeza muito confusa, mãe.

— Não é para menos, meu docinho de mel.

— Eu não sei o que pensar ou fazer, mamãe. Me apeguei a esse bebê, aceitei que ele seria parte de nós, já o tinha com nosso — lamentou. — E agora vem essa bomba.

— Se o Charlie confirmar essa história, com certeza o Ryan é filho dele. Resta saber se ele vai querer ter essa responsabilidade — comentou.

— A senhora acha que ele pode não querer a criança? — questionou surpresa.

— Sim. É possível que ele não queira tal responsabilidade em suas costas. Afinal, ele saiu daqui com muitos planos e um bebê poderia interferir e muito na vida dele.

— Isso é verdade. Será possível que ele o deixasse sob nossos cuidados? — pensou em voz

alta.

— Talvez sim. Mas se eu fosse você não teria tanta esperança. Ele me pareceu bem mudado naquele dia — disse Glória com ar pensativo.

— É verdade, mas não acho que tenha mudado tanto assim. Uma criança é uma grande responsabilidade, ainda mais um bebê — reflete Ana.

— Aqui. — Paul volta e lhe entrega a água.

— Obrigada, querido. — Glória pegou o copo e voltou para o lugar que estivera sentada antes.

— Concordo com a Ana. Um bebê precisa de muitos cuidados e o Ryan só sai daqui se eu tiver certeza de que o Charlie deseja mesmo ser o pai dele — garante Paul.

— Não atende — comenta Joseph, retornando à sala — Na verdade diz que o número

não existe.

— Me deixe tentar — pede Paul.

— Será que ele mudou o número e cancelou o antigo. Ele disse que não voltaria mais — sugeriu Ana.

— Entendo que ele era mais apegado à mãe, mas não acho que ele sumiria no mundo sem me deixar uma forma de entrar em contato com ele — comenta Joseph.

— Vindo do Charlie nada me surpreende, pai. Definitivamente ele cancelou esse número.

— E agora? — perguntou Ana.

Paul a encarou por um longo segundo e viu em seus olhos o quanto ela queria cuidar daquela criança e estava esperançosa de que pudessem fazer isso juntos. Ele caminhou até ela e se ajoelhou a seus pés.

— Você está comigo nessa? — Ana viu a
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

determinação nas profundezas dos olhos do Paul e sorriu.

— Sempre.

— Então está decidido — decreta ao levantar levando Ana consigo e lhe beijando a fronte.

— O que está decidido? — indaga Glória.

— Iremos criar o Ryan com todo nosso amor e se um dia o Charlie aparecer ele saberá da verdade — diz Paul.

— Vocês não podem esconder isso dele ou do pai — afirma Joseph pensando no filho.

— E não iremos. Ryan irá saber toda a verdade e não vamos deixar de procurar o Charlie. Talvez o encontremos antes mesmo dele completar um ano de vida.

— Bom, se vocês têm certeza disso, eu apoio.

PERIGOSAS ACHERON

— Sim, nós temos — afirmou Ana sorrindo para Paul que segurou seu rosto em concha e lhe beijou os lábios calorosamente.

— Meu mel. Eu te amo! — disse entre o beijo. — Louca e alucinadamente.

PERIGOSAS NACIONAIS

— *Finalmente eu apareci nesse livro. Já estava desconfiando de que me esconderiam pra sempre.*

— *Tão dramático, pirralho.*

— *Pirralho o cacete, Ju — esbraveja. Ela adora irritar o primo.*

— *Você está um pouquinho longe de sair das fraldas, Ryan — diz Bia e ele bufa.*

— *Vocês são um saco — resmunga entrando no quarto e se jogando na cama.*

— *Também amamos você — diz Juliene se jogando em seu colo, ele a abraça e beija sua têmpora.*

— *Como foi de viagem? — pergunta Bia sentada em frente ao computador.*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— *Foi legal — responde com ar apaixonado, mas triste.*

— *Ai, meu Deus — grita Ju. — Você está apaixonado.*

— *Não coloca no jornal, Juliene! — pede escondendo o rosto no pescoço dela.*

— *Que lindo! Quem é ela?*

— *Mônica, neta da Jenna, lá da pousada, mas ela não quer nada comigo. Já tem namorado e são o casal sensação da escola. O cara é um babaca e não respeita ela. Sai com todas as meninas que se jogam pra ele e ela não sabe ou finge não saber. De toda forma isso não é problema meu.*

— *Hum.*

— *Não ouse se meter, Ju — diz Bia.*

— *Mas, gente mal tive tempo de pensar em nada — fala com cara de inocente.*

PERIGOSAS ACHERON

— *É sério, Ju. Deixa isso quieto.*

— *Você gosta mesmo dela — comenta, alisando seus cabelos.*

— *Sim, gosto.*

— *O amor é uma merda, primo — suspiro.*

— *Não vai me dizer que passo um mês fora e quando volto, logo, você está suspirando de amor? — pede incrédulo.*

— *Puxa, muito obrigada. Sou tão difícil assim que não posso me apaixonar? — Tenta se levantar, mas ele a puxa de volta para seu colo e beija sua bochecha.*

— *Não foi isso que eu disse, tá bom? Só me surpreendeu, pois você não é ligada em flores e corações.*

— *Pois é! — resmunga. — Devia ter me mantido assim.*

PERIGOSAS NACIONAIS

— *Quem é, Ju? — pede já nervoso.*

— *Não se preocupe com isso. Já resolvi tudo. É passado — Ele semicerra os olhos.*

— *Conversamos depois, agora preciso de um bom banho e comida. Onde está, tia Ana?*

— *Na cozinha, na horta ou em algum lugar com o papai — diz Ju.*

— *O fogo deles não se apaga — fala Ryan, rindo.*

— *Eles ainda são bem jovens para esse fogo se apagar — afirma Bia.*

— *Vindo de você uma frase como essa, Bia? — Ryan ergue uma sobrancelha e ela cora.*

Os primos caem na gargalhada.

— *Vem, enquanto você toma banho eu preparo uns sanduíches pra gente — diz Juliene.*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 38

Os anos foram se passando e nada da Ana ceder em relação a casamento. Paul queria se casar e ela dizia que não.

Para Ana casar era só uma formalidade, já que praticamente moravam juntos, era só um motivo para Paul levá-las para morar com ele na outra fazenda de vez. Coisa que ela não queria, já que administra a fazenda Esperança junto com a mãe. Tudo desculpa. Glória mandou ela ir várias vezes.

As gêmeas estavam com quase onze anos, muita coisa tinha acontecido.

Simone e Derick se casaram, menos de um ano após o casamento e eles estavam grávidos de um menino — Enzo. Hoje ele está com seis anos e

PERIGOSAS NACIONAIS

é um amor de criança. Eles também abriram o consultório deles e agora trabalham juntos. Atualmente a Simone está esperando uma menina, ela está grávida de quatro meses. Derick é o marido e pai mais babão que existe, depois de Paul, ele não desgruda da família. São um casal muito feliz e apaixonado.

Glória e vovô Joseph começaram a namorar e agora estão viajando em uma espécie de lua de mel. Muito louco ter seus avós namorando e vivendo um amor tão lindo, eles merecem ser felizes.

Charlie ficou sabendo da existência de um filho e, para surpresa de todos — ou não, veio correndo para o Arizona. Ele soube através de Alanna, ela sempre ligava para o irmão Henry ou para Ana e numa dessas chamadas descobriu toda a verdade. Ela e Charlie estavam saindo e ela tratou

PERIGOSAS ACHERON

logo de contar para ele tudo o que tinha acontecido com a maluca da Emma e o que ela havia feito em busca de interromper a gestação.

Charlie ficou possesso de raiva, disse que jamais imaginou que ela fosse capaz de algo assim. Mesmo sendo obcecada por Paul, ele não pensou que Emma chegasse a fazer algo tão estúpido, pois ela sabia que poderia contar com ele. Ele explicou que teve que trocar de número, pois estava sendo assediado por um ex-cliente e achou por bem a mudança, disse que ligaria para saber do pai e avisar isso, mas acabou deixando passar e pediu desculpas pelo relapso.

Nada disso demorou a acontecer, Ryan tinha sete meses quando Charlie bateu na porta da fazenda dizendo que tinha vindo buscá-lo. Ana ficou em choque, ela não queria entregar o bebê e só o fez por confiar na amiga Alanna, que veio

junto e disse que iria auxiliá-lo com tudo. Ambos ainda estavam se conhecendo e ela não queria envolver seu coração, mais do que já tinha, entretanto pelo Ryan decidiu dar todo apoio ao seu amado.

— Charlie, ele pode ficar conosco. — dizia Ana, com lágrimas nos olhos. — Eu cuido dele e quando você estiver preparado, vem e o leva. Ele é tão pequeno para uma mudança assim.

— Sinto muito, Ana. Mas não vou deixar meu filho sem o pai, ele já não vai ter a mãe e não quero que pense, no futuro, que eu não o quis — falou com pesar, logo sua voz embargou ao alisar a cabecinha do Ryan que dormia tranquilamente em seus braços. — Eu quero o meu filho e vou ficar com ele... Talvez cuidar dessa criança seja a única coisa boa que eu faça nessa vida.

— Ei, não fale assim — repreendeu Alanna.

— Você é um homem maravilhoso, Charlie.

Ele a olhou, e o brilho nos seus olhos dizia tudo, Charlie a amava!

— Eu não disse isso, Charlie. Eu sei que você quer ficar com ele e vai ser um ótimo pai — afirmou Ana, tocando no seu braço e olhando em seus olhos. — Só estou pensando no bem dele, pois é muito novinho para passar por uma mudança tão radical de ambiente.

— Nós vamos ficar bem, Ana — falou Alanna com fervor. — Eu estarei com eles o tempo todo.

— Como assim o tempo todo? — indagou Henry. Que até então esteve num canto apenas observando.

— Agora não, Henry. Depois nós conversamos — pediu ela ao irmão. Ele acenou a contragosto. O clima já estava pesado demais e ele

não queria falar na frente de ninguém, queria ter uma conversa particular com a irmã.

— Bom, se está decidido, não podemos fazer mais nada, Ana. Ele é o pai e tem todo o direito de ficar com o Ryan — disse Paul.

— Eu sei. É só... Esquece. — Ela se agachou na frente de Charlie e segurando uma de suas mãos, falou. — Eu não guardo mágoas do passado, Charlie. O que passou, passou e não volta mais. Tudo que aconteceu era porque tinha de acontecer. — Respirou fundo e prosseguiu. — Eu desejo de todo meu coração que você possa ser muito feliz nessa nova fase de sua vida. — Ambos olharam para Alanna, que corou. — Na verdade, eu sei que vai ser.

— Obrigado, Ana. Sei que não mereço que seja tão atenciosa comigo, mas agradeço. Agradeço por ter cuidado dele com tanto amor e carinho. Eu

não esperava menos de você. — Ele olha para o rosto adormecido de Ryan e volta a falar. — Quero ser uma pessoa melhor por ele e... Por você — disse fitando Alanna que tentou se conter, mas uma lágrima escorreu por sua face e ela logo enxugou.

Ela respondeu com um "eu te amo" mudo. Apenas Ana e Charlie viram o movimento de seus lábios. Ele acenou sorrindo de lado. Adorava quando ela dizia que o amava, sem pensar em nada. Era natural e espontânea. E o amava mesmo conhecendo seus defeitos que não eram poucos.

— Você nunca foi uma pessoa ruim, Charlie. Apenas tomou as decisões erradas — disse Ana.

— Também não vamos dizer que ele é santo, Ana — resmungou Paul.

— Exatamente. O que ele fez foi muito errado — concordou Henry.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, foi errado e todos sofremos com as consequências — falou Ana, se levantando. — Mas não devemos viver em cima delas para sempre. Já chega de viver com a sombra daquela noite em nossas vidas. — Ana olhou para todos que estavam presente no quarto. — Todos aqui somos adultos e já passou da hora de seguirmos em frente e deixarmos tudo para trás... Nossos filhos são a prova de que podemos ser felizes e enterrar o passado.

— Eu perdi anos ao lado de minhas filhas por culpa dele e nunca vou esquecer, nem adianta me pedir isso — protestou Paul.

— Não, Paul. Você perdeu esses anos por culpa sua e somente sua. Por ter sido um orgulhoso e egoísta — disse ela, com uma calma assustadora. Paul a olhava com intensidade. — Não tente se apoiar nos erros do seu irmão para justificar os seus

PERIGOSAS ACHERON

próprios.

— Você não pode negar que tenho grande participação nisso, Ana — falou Charlie. — Peço perdão a vocês, a todos vocês. Não nego e me arrependo do que fiz, mas não me culpe por não acreditar na sua mulher, irmão. Disso eu não tenho culpa.

Paul ficou puto com suas palavras, mas por fim se calou. Sabia que era o grande responsável por ter perdido tanto. Charlie, Alanna e Ryan foram embora dois dias depois e não voltaram mais por um bom tempo. Apenas de visita, de tempos em tempos.

Ana chorou por dias com saudades do pequeno Ryan. Paul vendo sua tristeza tomou uma decisão e após uma séria conversa decidiram tentar ter outro filho. Claro que não seria do dia para noite. Ele teria que desfazer a vasectomia ou ela

PERIGOSAS NACIONAIS

faria inseminação artificial, já que o material necessário estava guardado. Porém eles optaram pela forma natural. E essa seria mais demorada, pois tem a cirurgia, o tempo de recuperação da cirurgia e também a prática do sexo.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 39

— Mãe, por que mesmo que a senhora e o papai não moram juntos se são namorados? — pergunta Juliene, como quem não quer nada.

Elas estavam na cozinha, tomando café da manhã, ela como um misto quente que tanto ama e Bia com sua torrada com geleia. Dias antes as gêmeas conversavam e sem entender o porquê dos pais ainda estarem separados, se eles namoram há séculos e se amam. Até então não sabiam nada do que havia acontecido no passado e tudo o que queriam eram os pais juntos e felizes. Queriam o que toda criança deseja ter, seus pais sobre o mesmo teto. Então decidiram sondar e descobrir os motivos deles, uma tarefa nada fácil.

Ana está arrumando as coisas para

tradicional piquenique da família. Todos têm que separar na agenda ao menos um domingo do mês para esse bendito, e nem adianta arrumar desculpas, ele virou uma tradição desde o primeiro em que Paul participou.

— De novo com isso, Juliene? — ela ergue uma sobrancelha, mas sem deixar de arrumar a cesta de piquenique.

— Claro! — exclama, parecendo indiferente, antes de dar uma mordida no seu misto. — Minha cabeça está confusa, não consigo entender isso.

— Concordo com a Ju, mãe. Vocês namoram há quanto tempo mesmo? — incentiva Bia, olhando de lado para a irmã.

— Uns *trocentos* anos, irmã. — responde Ju, fazendo a mãe sorrir.

— O que tem tanto tempo assim? — indaga

Paul, assim que adentra a cozinha da casa de Glória. Ele vai até as filhas e beija suas cabeças.

— Segundo a Juliene nós namoramos há *trocentos* anos, amor — explica Ana, com um sorriso nos lábios, balançando a cabeça em negativa. Paul olha para a filha com a testa franzida.

— Então somos o que, vampiros como aqueles do filme que vocês amam? Como é mesmo nome daquele negócio?

— Saga crepúsculo, amor — responde Ana, antes de lhe oferecer sua boca para um beijo. Paul já estava ao seu lado e segurava sua cintura esperando que ela largasse um pouco sua tarefa pra isso. Então lhe deu um rápido selinho e fez um carinho em sua bochecha, ela sorriu para ele e se perderam nessa troca de olhares por alguns segundos. O olhar apaixonado deles sempre é

emocionante.

— Pode ser — resmunga Ju, impaciente. — Vocês adultos são muito complicados. Desisto! — bufa. Os pais voltam sua atenção para ela e sorriem.

— Eu não — diz Bia, olhando os dois lado a lado com ar sonhador. — Nunca devemos desistir do amor, maninha.

— E o que você sabe sobre o amor, Bia? Temos 11 anos e...

— 12 — ela corrige altiva.

— Só faremos aniversário semana que vem, portanto ainda é onze, e a única coisa que sabemos sobre o amor é o que vemos nos filmes — resmunga. — Sabemos bem que aquilo não é real e sim encenação.

— Pode até ser, mas muitos desses filmes são baseados em fatos reais — protesta. — Você não devia ser tão cética quanto um sentimento tão

lindo como esse.

— E quem disse que sou assim? Eu amo você, nossos pais, nossos avós...

— Não disse que não conhece o amor e sim que não acredita que a felicidade dos casais nos filmes existe na vida real, mas basta olhar para nossos pais que vemos que ela existe sim — defende seu argumento com fervor.

Elas se encaravam, cada uma defendendo seu ponto. Enquanto os pais olhavam a cena com atenção, era raro elas brigarem por algo.



Horas mais tarde, estavam todos reunidos à beira do lago; comendo, bebendo e conversando. Os adultos conversavam, enquanto as crianças brincavam em um canto afastadas.

— Então agora perdi duas das minhas pacientes preferidas — disse Simone se referindo ao fato que as gêmeas tinham tido sua primeira menstruação recentemente.

— Oh, não! Irei levá-las a minha médica ginecologista, mas irão continuar sendo suas pacientes até quando ambas as partes acharem que deve — afirmou Ana.

— Por mim atenderei elas, seus filhos e netos se assim Deus permitir.

— Eu acho essa conversa totalmente desnecessária para este momento — resmungou Paul. — Vocês podiam fazer isso em particular e de preferência bem longe de mim.

— Não seja um rabugento, Paul — ladrou Ana. — Elas estão crescendo e devemos aceitar isso.

— Imagina quando uma delas trouxerem o

primeiro namorado — comentou Joseph. — Ou se as duas fazem isso na mesma época também.

— Vai ser uma cena e tanto. Por favor, me chamem, quero filmar e guardar para rimos pela eternidade — falou Derick aos risos. Ninguém segurou a risada, somente Paul.

— Muito engraçado, doutorzinho! — rosnou. — E papai, ainda estamos bem longe desse dia, portanto não vamos tocar no assunto até que se seja realmente necessário.

— Ah, foi engraçado sim — insistiu Derick, levantando sua cerveja e indicando um brinde. Paul cerrou os olhos e bebeu sua própria cerveja, mas não devolveu o brinde silencioso.

— Não provoca, cara — avisou Henry sorrindo.

Neste momento elas chegamos correndo onde eles estavam. Ju queria impedir que Enzo

fizesse uma bobagem e Bia queria impedir que a irmã matasse ele por lhe proporcionar um constrangimento. O menino só tem seis anos, mas consegue fazer as mesmas merdas que um homem adulto.

— Tio Paul, quero falar com o senhor — disse ao parar diante dele, com as mãos espalmadas no joelho e completamente sem fôlego.

Paul o olhou e sorriu.

— Que tal recuperar o fôlego, tomar algo e aí você me fala o que quiser, Enzo? — sugeriu.

— Querido, o que houve? — indagou Simone, quase se levantando para ir até o filho que estava do outro lado da mesa.

— Sente-se aí — ordenou Derick. — Seja lá o que for ele vai ter tempo de falar. Vamos deixá-lo respirar.

Todos estavam na expectativa e curiosos

para o que o pequeno tinha de tão importante pra falar.

— Meninas? — chamou Ana, naquele tom de mãe quando desconfia que você aprontou algo.

— Não fizemos nada — disse Bianca.

— Posso falar agora? — pediu Enzo, após tomar um pouco de água.

— Não, não pode — gritou Juliene.

— Claro que pode. Fale, querido. — incentivou Ana.

— Tio, quero pedir a Ju em namoro — falou no alto dos seus seis anos de idade, todo altivo.

Ouve um momento de silêncio em que todos se olharam, então Henry foi o primeiro a explodir numa sonora gargalhada, logo Joseph e Derick o acompanhavam. Ana e Simone morderam o lábio para prender o riso, já Glória também sorriu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

da cara que o Paul fez.

— Esse é o meu garoto! — proferiu Derick, todo orgulhoso.

— Pois é. Tinha que vir do seu sangue — rugiu Paul.

— Meu Deus! — gemeu Ju, colocando a mão sobre o rosto. — Mais um mico pra minha coleção. Mãe, quero mudar de país — exigiu.

— Ele foi romântico, Ju. Veio pedir ao papai — sua gêmea tenta amenizar a situação.

— Romântico, Bia? Você esqueceu quantos anos ele tem e também que eu não quero um namorado — explodiu.

— Eu vou crescer, Ju. Você pode me esperar — disse Enzo, sendo fofo e fazendo as mulheres presente se derretem.

— Mãe? — gemeu Ju.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tio? — chamou Enzo.

Eles falaram ao mesmo tempo.

— O quê? — Paul quase rosnou, mas se conteve ao lembrar que Enzo era apenas uma criança.

— Querido, acho que ele está esperando uma resposta sua — disse Ana.

— O quê? — repetiu Paul, só que agora sua pergunta foi direcionada para Ana.

— Ele quer saber se deixa ele namorar a Ju, cara — disse Henry aos risos.

— E vocês ainda querem que eu responda.
— Não era uma pergunta.

— Claro que sim. Meu filho merece uma resposta, Paul — interveio Simone.

Resmungando Paul chamou Enzo para mais perto e o fez sentar-se numa das cadeiras para

PERIGOSAS ACHERON

ficarem quase olho no olho.

— Vamos fazer assim; você espera crescer mais uns anos, vê se a Ju quer na... — ele pigarreou. Era difícil falar sobre namoro, em relação às filhas, para ele. — Namorar com você e aí sim voltaremos a ter essa conversa, pode ser? — Enzo ficou uns segundos pensativo e enquanto isso todos esperavam o que ele diria.

— Ô, pai! — protestou Ju com voz chorosa.

— Quanto tempo? — indagou Enzo e Paul bufou. O garoto era mesmo insistente.

— Vô, posso morar com o senhor? — implorou Ju, indo ao seu encontro e sendo recebida com um abraço.

— Uns 30 anos, você está com muita pressa, moleque — reclamou Paul, fazendo Henry e Derick gargalharem.

— Claro que pode, meu amor — Joseph lhe

beijou a cabeça. — Vou amar ter você conosco.

— Se a Ju for, eu também vou — exigiu Bia.

— Melhor ainda! — exclamou Glória. — Precisamos animar aquela casa.

Quando voltaram de viagem, Glória passou a dormir com Joseph dele, porém eles ainda não sabiam como ficaria a situação das duas fazendas e nem em qual das casas iriam morar. Já o Paul não saía da fazenda Esperança, mesmo tendo de acordar mais cedo ainda para ir cuidar da fazenda do pai. Eles tinham um impasse em mãos; Joseph queria se aposentar, mas Glória gostava de administrar a dela. Paul quer cuidar da fazenda do pai, já Ana não quer deixar de ajudar a mãe.

Eles precisavam sentar e resolver essa confusão.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 40

É noite e as gêmeas assistindo a um filme com o pai, Ana foi na cozinha buscar um lanche para todos.

— Papai, posso perguntar uma coisa?

— Faça, Juliene. Mesmo que eu diga não você fará de todo jeito, então é só seguir em frente — disse num tom brincalhão e amável ao mesmo tempo.

— De que o senhor ama a mamãe, não resta dúvidas. Então por que não a pede em casamento? — disparou na lata, fazendo ele se engasgar com a própria saliva.

— Sei que ainda são muito novas para esse assunto, mas serei o mais aberto possível, ok? — Elas acenaram em concordância e ele prosseguiu.
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu bem que tentei, pensei em várias formas de convencê-la, porém nunca tive uma boa ideia e também tenho receio de receber um sonoro não. Depois de tudo que a fiz passar no passado seria merecido. Então prefiro deixar como está.

— O que o senhor fez? — indagou curiosa. Paul respirou fundo e fechou os olhos antes de voltar a encará-las.

— Eu fiz a mãe de vocês sofrer muito e me arrependo imensamente disso. Principalmente porque perdi muito dos primeiros anos da vida de vocês.

— Como fez ela sofrer? — pediu Ju, muito interessada.

— Ainda não é o momento para vocês saberem os detalhes desta história, tenho certeza de que no tempo certo a mãe de vocês irá contar. E espero que me perdoem um dia.

PERIGOSAS ACHERON

— Uau! Me parece um romance daqueles de novela, Ju — sussurrou Bia, em choque.

— Tudo para você é romance, Bia — exclamou em tom de deboche.

— Era essa sua pergunta? — inquiriu Paul, atraindo foco para si a fim de evitar uma discussão entre elas.

— Sim. Encontrei a solução para o seu problema com a falta de ideia. O senhor precisa ser romântico, pai. Infelizmente essa é a única saída, senão eu poderia facilmente sugerir que levasse ela amarrada até a igreja mais próxima. — Paul começou a rir. — Shiuuu, ela não pode saber.

— Certo! Me exponha sua ideia — pediu atento e a irmã também prestou atenção.

— Imagine o cenário e seja criativo ao colocar meu plano em prática — disse cerrando os olhos, Paul ergueu uma sobrancelha. — Desculpe,

mas vocês homens tendem a não ser bons nisso. Não tanto quanto as mulheres.

— Conta logo esse plano antes que a mamãe apareça, Ju — Bia quase gritou de tão curiosa que estava.

— Certo! O senhor vai levá-la para jantar, um jantar romântico. Nada de restaurante, tem que ser em um lugar íntimo e o senhor quem vai preparar tudo, acho que a vovó Glória pode ajudar nesses detalhes. Aí, depois da sobremesa, vai cantar uma música que expresse todo o seu amor por ela e o quanto quer tê-la ao seu lado para sempre e todas essas coisas, a essa altura ela já vai estar toda derretida. — Paul sorria, mas era nítido que estava gostando da ideia.

— É mesmo? E como tem tanta certeza disso, Juliene?

— E o senhor ainda pergunta? Pai, sua voz

PERIGOSAS NACIONAIS

deixa qualquer mulher babando. — Ele gargalhou com vontade.

— Só você, boneca!

— Eu concordo com a Ju, sua voz é linda, pai. Quando cantava pra gente dormir, eu me segurava ao máximo, só para poder ficar escutando até o final da música.

— Vocês que são lindas e filhas maravilhosas, não poderia ter pedido presente melhor nesta vida — disse as abraçando.

— Amamos muito o senhor e queremos ver nossa família feliz.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 41

Paul

Há duas noites uma de minhas filhas me deu uma ideia que coloquei em prática após refletir e levar uma bronca da minha sogra.

— *O máximo que irá acontecer é você levar um não. Isso você já tem, portanto seja homem e peça minha filha em casamento.*

Ela não foi muito sutil ao me colocar contra a parede. Mas essa é a Glória.

— *Já passou da hora de vocês se casarem e assumirem de vez a vida de casados, diante de Deus e perante a lei. Pois no dia a dia já vivem assim.*

— *Você precisa dizer isso pra sua filha.*

— *E você acha que não digo? Parece que não me conhece, querido genro.*

— *Conheço tão bem ao ponto de saber que irá me ajudar com o plano — eu disse piscando um olho e lhe dando um beijo na bochecha.*

— *O charme está no sangue dos homens O'Malley! Claro que irei ajudar, não se preocupe.*

E ela me ajudou. Glória pediu comida no restaurante preferido da Ana e mandou que entregasse aqui antes de ela chegar da cidade, ela tinha ido numa consulta médica. Não quis me dizer o que era e deixei de lado para que pudesse arrumar tudo, disse apenas que era consulta de rotina. Glória também levou as meninas com ela para a fazenda Alegria e o resto era comigo.

Essa noite fazia frio e decidi acender o fogo da lareira para deixar a casa aquecida. Deixei a

mesa posta e fui tomar um banho. Vesti uma roupa leve e fiquei esperando ela chegar, ansioso e ensaiando a letra da música repetidas vezes em minha cabeça. Ensaiei ela por horas no violão e consegui pegar rápido a letra e a melodia, apesar de não conhecê-la.

Quando chegou, Ana parecia nervosa e nem havia notado todo o clima romântico que eu tinha preparado. Mesa posta à luz de velas, na sala de jantar que é dividida com a sala principal onde a lareira estava acesa e o vinho descansando no gelo com nossas taças ao lado juntamente com algumas frutas e queijo, na mesinha de centro.

— Paul, precisamos conversar — foi logo dizendo, mas não permiti que continuasse.

— Primeiro você vai tomar um banho, iremos jantar e depois conversarmos — disse empurrando ela escada acima. — Também tenho

umas coisas pra te falar.

— Algum problema? — inquiriu assim que entramos no banheiro e passei a tirar sua roupa, sem qualquer intenção que não fosse tirá-las.

— Nenhum, por que? — devolvi tentando encontrar calma apenas com a sua presença.

— Você nem me deu um beijo quando cheguei e agora está me despindo e me empurrando para o banho de forma metódica — reclamou fazendo um bico lindo que não resisti e beijei.

Segurei seu rosto entre minhas mãos e a beijei com vontade, despejando meus medos e minhas angústias no toque de nossas bocas e línguas.

Quando senti seus lábios colados nos meus foi delirante. Mordi seu lábio inferior e Ana gemeu, isso foi o suficiente para que eu inserisse minha língua em sua boca e encontrasse a sua à minha

espera. Nossos beijos sempre são quentes e um prelúdio do que realmente queremos que é fundir nossos corpos e unir nossas almas. É isso que acontece quando fazemos amor. Nunca é apenas uma troca carnal em busca do prazer mútuo. Tornamo-nos um só corpo, alma e coração. Enfiei uma de minhas mãos em seus cabelos e com a outra puxei sua cintura para junto de meu corpo e dessa vez foi meu o gemido.

— Ah, Ana! — Me afastei puxando seus cabelos para trás, o suficiente para que olhasse em meus olhos. — Tenho uma noite planejada para nós, não me tente ou serei capaz de abandonar meu plano. Ao menos por algumas horas.

— Você anda muito misterioso, O'Malley.

— Já para o banho! — Dei um tapa em sua bunda e a empurrei para o boxe.

Sai do banheiro e do quarto por pura

precaução. Ana iria me provocar se eu ficasse, tenho certeza disso. Ela não demorou a descer e usava um vestido leve e florido e estava descalça, como eu.

— Uau! Você fez tudo isso enquanto eu tomava banho? — Ela olhava tudo admirada. Por todo o tapete da sala tinha pétalas de rosas vermelhas.

— Na verdade quando você chegou já estava tudo pronto. — Aponto sem esconder meu desagrado por ela não ter notado. Ela me olhou em choque; olhos arregalados e uma das mãos sobre a boca.

— Como não vi nada disso quando entrei? — Tinha uma pequena ruga entre suas sobrancelhas.

— Também estou me perguntando isso — falei indo até a mesa de centro e servindo o vinho

nas taças.

— Desculpa, amor — pediu ela quando lhe ofereci a taça. Notei que hesitou alguns segundos antes de pegá-la, mas acabou aceitando.

— Tudo bem. Percebi que está com a cabeça cheia. Algum problema que eu não saiba? — indaguei nos guiando para a mesa.

— Não, problema algum. Só soluções. — Ana parecia bem empolgada. Esperei que me dissesse mais alguma coisa, mas só obtive o silêncio. Lembrei que ela me disse que quer conversar assim que chegou e parecia bem nervosa.

— Ana, tem alguma coisa para me dizer? Você estava bastante nervosa quando chegou. — Ela sorri e nega com a cabeça.

— Primeiro vamos jantar, estou faminta. — Ela pôs sua taça intacta, sobre a mesa e passou a devorar a comida em seu prato. — Hummmmm! Isso

PERIGOSAS NACIONAIS

aqui está divino!

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 42

Ana

Eu estava faminta e nervosa, optei por tentar me acalmar enquanto comia e aí sim contaria as boas novas. Sabia que ele queria mais um filho, mas já se passara quase um ano que paramos de vez o uso da camisinha. Desde a reversão que mantivemos o uso dela, pois ainda não achávamos ser a hora de tentar uma gravidez. Queríamos que as meninas crescessem um pouco mais tendo toda nossa atenção, como um casal, para elas.

Olhando bem o cenário à minha volta, desconfio de que algo importante irá acontecer. Se for o que estou pensando, já posso sentir a

PERIGOSAS NACIONAIS

felicidade plena tomar conta de mim e sorrio largamente. Volto meus olhos para o homem da minha, mesmo depois de tudo que passamos as coisas finalmente entraram nos eixos. Ele está me olhando intrigado, certeza de que é pelo sorriso idiota estampado em minha face.

— O que foi?

— Você está me escondendo algo — acusa.

— Foi você mesmo quem disse que conversaríamos depois, não quero estragar os seus planos — digo com um sorriso de lado. Tomo um pouco do meu vinho, mas bem pouco. Uma taça não nos fará mal, mas quero ter todo cuidado possível.

— Certo! — resmunga. — Terminou?

— Sim! Estava divino. Obrigada por isso.

— Lhe dou um rápido selinho quando ele me estende a mão para que eu levante.

PERIGOSAS ACHERON

— Traga sua taça. — Relutante em relação a isso eu pego a mesma.

Paul nos guia até o sofá da sala me faz sentar e segue para o estofado que fica posicionado na frente da lareira. Só então vejo seu violão ali, ele o pega e senta-se já dedilhando uma canção. Ele não me olha mais, está concentrado no objeto em suas mãos. Sinto um calor tomar conta de meu corpo, só com essa imagem, se ele abrir a boca e começar a cantar estou frita — ou melhor, ele está frito. Irei pular em seu colo assim que parar de cantar. Ele faz uns sons, vindos da garganta e começa a cantar. Presto atenção na letra e sinto meu coração vir na boca.

"Odeio ter te decepcionado

E eu me sinto tão mal com isso

Eu acho que o carma volta

*Porque agora sou eu quem está sofrendo
E eu odeio ter feito você pensar
Que a confiança que tivemos foi quebrada
Então não me diga que você não pode me
perdoar
Porque ninguém é perfeito”*

Ele está colocando sua alma diante de mim. Se expondo por completo. Acho que ele nunca foi tão claro como agora. Paul me pede perdão por todos os anos de sofrimento e distância que passamos. Diz-me o quanto sofreu e o quanto ainda sofre por ter me decepcionado. Deus, ele pensa que não confio mais nele. Sim, a confiança ficou abalada demais. Mas não a perdi por completo e desde que passamos a conversar sobre tudo que nossa relação melhorou cem vezes mais.

As lágrimas escorrem livremente por meu rosto, estou toda trêmula. Paul me olha e vejo que também está emocionado, ele canta o refrão final olhando em meus olhos. Coloco uma mão sobre a boca, para abafar um soluço, e a outra deslizo para o meu ventre. Já passou da hora de recomeçarmos do zero e deixar nosso doloroso passado no lugar dele que é no passado.

Paul finaliza a canção e me olha em expectativa, mas não consigo dizer nada. Estou praticamente sem ar. Ele próprio parece sem fôlego, como se tivesse corrido uma maratona. Paul fecha os olhos.

— Espero que essa música tenha falado por mim — sussurra após respirar fundo.

— Ninguém é perfeito, mas você é perfeito pra nós — devolvo no mesmo tom de voz, me referindo à última frase do refrão. Só então ele nota

onde minha mão está pousada.

Paul me olha e parece não acreditar.

— Ana, você... — Seus olhos iam dos meus olhos para minha barriga. Acenei positivamente e ele largou o violão, rapidamente estava aos meus pés e tocando meu ventre. — É sério? Você está grávida?

— Sim! — Sorri em meio às lágrimas. — Confirmei hoje à tarde.

— Casa comigo? — Me pediu sério.

— Por mim ou por nossos filhos? — brinquei.

— Por vocês, por nós, porque eu te amo, sou louco por você e não sei mais se aguento viver um dia neste planeta sem que sejamos marido e mulher, oficialmente. — Seu discurso foi dito com fervor que meu sorriso se alargou ainda mais, ele pareceu relaxar um pouco, mas só soltou o ar

quando eu respondi.

— Sim! Eu aceito me casar com você.

— Oh, Ana! Eu te amo tanto.

— Eu também te amo muito.

Beijei seus lábios tentadores e logo estávamos entregues a paixão e o fogo que nos consome quando nos beijamos.

ΩΩΩ

— É aqui que vamos morar? — perguntou Juliene, olhando para o nada.

— Sim! O que acham? — indagou Ana.

— Acho que vou morar com a vovó, posso?
— diz e sorrimos.

— Eu também prefiro a vovó — apoia Bianca.

— Meninas, se acalmem, ainda não tem nada, mas logo vamos começar a construção da nossa casa.

— E porque não disseram logo? — resmunga Ju, temperamental como sempre.

— Porque estão presos na bolha do amor e agora só falam as coisas pela metade. Coisas do amor, maninha — fala Bia, como se isso explicasse alguma coisa.

— Argh! Eu já estava pensando num jeito de levar meu irmão com a gente.

— Eu também! — afirma Bia. — Garanto que a vovó e o vovô nos receberiam de braços abertos.

— Meninas? — chamou Ana. — Ninguém vai morar com a mamãe. Quero meus filhos comigo.

— Você poderão ter quartos separados —

disse Paul, fingindo uma tosse.

— Repete, pai? — pediu Ju, ele repetiu sorrindo. — Irmã, agora eu vi vantagem e você?

— Com certeza! Já até imagino a casa pronta.

Todos nós sorrimos. Bia sendo irônica era um milagre. Elas se afastaram para admirar a paisagem. A casa seria no lugar que eles tanto sonhavam. Entre as duas fazendas e a árvore poderia ficar no quintal, como uma constante recordação dos momentos felizes que viveram ao pé dela.

Era um final feliz, para um recomeço feliz!

Epílogo

Glória

Queridos leitores estou aqui para, enfim, desvendar alguns mistérios e também para dizer como ficamos todos após tantos percalços.

Vamos começar esclarecendo que eu nunca havia tido nada com o Joseph antes. Conhecíamos-nos sim, mas não porque tínhamos namorado no passado. A raiva e ciúmes de nossos falecidos companheiros eram praticamente infundadas.

Nossas famílias eram parceiras nos negócios há gerações e devido a este fato resolveram por um casamento arranjado. Eu deveria ter me casado com o Joseph e o Johnson

PERIGOSAS NACIONAIS

com a Joanna, porém à medida que fomos nos conhecendo a paixão e o amor foram nascendo.

Confesso que no início me encantei pelo Josh e ele por mim, nos entendíamos muito bem e nem nos opusemos a essa loucura de casamento arranjado. Mas quando nossos pais permitiram que saíssemos todos juntos e eu conheci o John, tudo mudou. O mesmo aconteceu entre o Josh e a Joanna.

Então, num entendimento mútuo conversamos com nossos pais e depois de certa luta eles aceitaram a troca de casais. Mas quem disse que nossos respectivos deixaram de ter ciúmes, pelo contrário. John se tornou inimigo do Josh por nada, ele sabia que a única coisa a acontecer entre nós havia sido um beijo e nada mais. Acabamos ficando amigos e decidimos deixar que algum sentimento a mais que atração nascesse, mas como

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

disse antes o mundo deu um giro e encontramos o verdadeiro amor.

John e Joanna eram cegos de ciúmes, então mantínhamos o mínimo de contato possível até que nossos filhos começaram a namorar. Aí começamos a conversar sem que eles soubessem, mas nada demais. O assunto era nossos filhos e a preocupação que tínhamos por serem tão jovens e já querendo um compromisso sério como o casamento.

Depois veio o acidente da Ana, a descoberta de sua gravidez e toda a história que vocês leram algumas páginas atrás o que acabou nos aproximando um pouco mais. Quando o Johnson faleceu eu fiquei sem chão, completamente atordoada e sem rumo. Não fosse por minha filha, minhas netas e a companhia constante do Josh nem sei o que seria de mim. E, assim voltamos a ficar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

próximos e a paixão que antes não aflorou se fez presente. Como éramos livres e desimpedidos decidimos nos entregar a ela. Afinal, ainda éramos jovens e tínhamos o direito de ser felizes.

Ana e Paul casaram-se logo que a casa deles ficou pronta. O casamento foi lindo e lá mesmo, no quintal. Meses depois eles tiveram um lindo menino e deram o nome de meu falecido marido: Johnson. É uma linda criança e veio para abençoar ainda mais nossas vidas. No fim das contas, eu e Joseph, resolvemos ficar na casa principal de minha fazenda e a casa da fazenda do Josh ficaria como alojamento para os funcionários. Claro que passaria por uma reforma para que houvessem mais quartos e assim foi feito. Com o nosso casamento veio à união das duas fazendas, decidimos renomear e agora chamasse: AMARRAS.

Charlie nos visita esporadicamente, Ryan e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Alanna foram de suma importância na vida dele.

Somos uma família grande, maluca e feliz.
Muito feliz!

Este livro chega ao fim, mas vocês irão
saber mais histórias dessa nossa família maluca.

Foi bom fazer alguns esclarecimentos. Um
beijo no coração de todos.

FIM!

PERIGOSAS ACHERON

Nota das Gêmeas

— Gente foi maravilhoso poder contar a história dos nossos pais, principalmente porque eles tiveram esse lindo final feliz — diz Bianca.

— Mal posso esperar para escrever meu livro. Sério, foi uma experiência muita louca e divertida. Aguardem que logo estaremos de volta — completa Juliene.

— Ah, não esqueçam de conhecer outras obras da nossa mãe Cris Andrade. São romances lindos, quentes e apaixonantes, tanto que o próximo livro da série deixamos nas mãos dela já que o tio Charlie e tia Alanna não quiseram se abrir com a gente — pontua Bia.

— Realmente é uma pena, mas bobos são eles se pensam que não vamos ler depois que a Cris

PERIGOSAS ACHERON

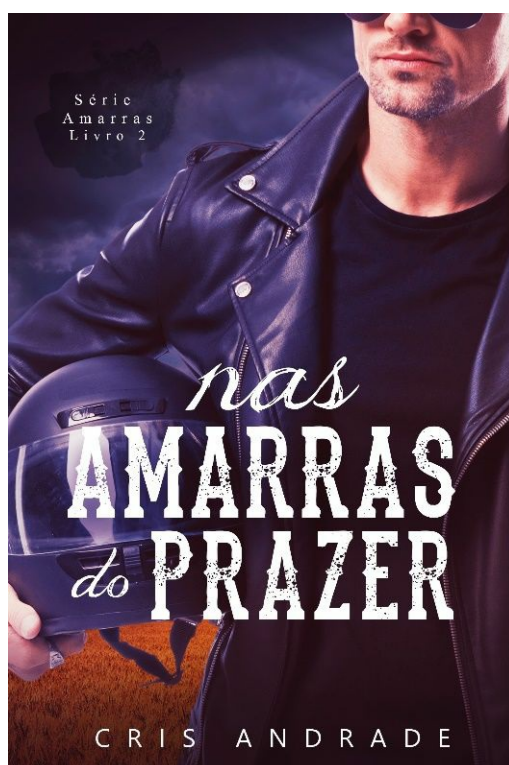
publicar — diz Juliene sorrindo.

— Apesar de ser nosso tio, eu fiquei mais curiosa ainda para ler — assume Bia.

— Beijos, leitores lindos e maravilhosos. Até breve! — dizem em uníssono.

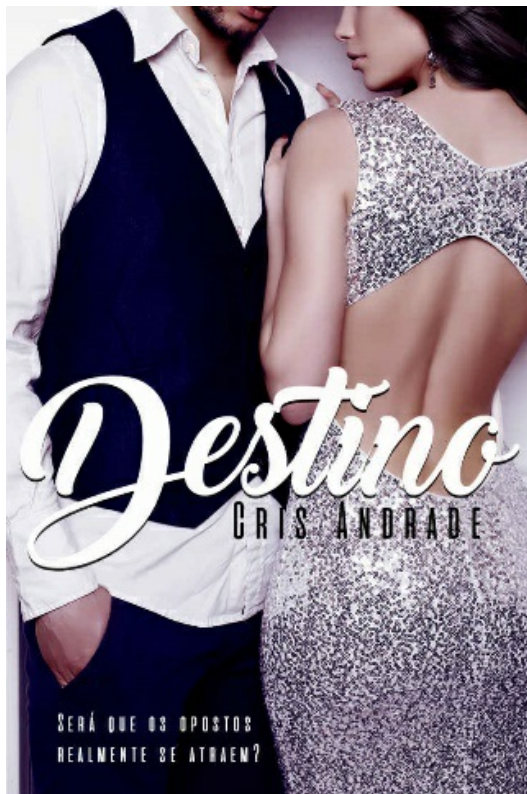
PERIGOSAS NACIONAIS

Próximo livro da série



PERIGOSAS ACHERON

Outros Títulos da Autora



Você acredita em
destino?

Um encontro improvável, dois caminhos distintos e um sentimento avassalador.

Tyler Baker é a estrela de um dos maiores
PERIGOSAS ACHERON

times de futebol americano. Famoso por sempre estampar capas de revistas e campanhas publicitárias, vive cobiçado pelo público, principalmente o feminino. Porém, Tyler deixa de ser o cobiçado para tornar-se o cobiçador ao conhecer Renata Mitchell, a linda mulher lhe encantou desde o primeiro momento e saber que ela detestava jogadores de futebol lhe deu um impulso bem conhecido. Ele era um homem de desafios.

Mas será que os opostos realmente se atraem?

Entre encontros e desencontros, o jogo desse amor está nas mãos do Destino.

Leia

aqui:

<https://goo.gl/t5nCvF>

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Com seu coração partido após ter sido abandonado pela namorada que até então ele achava que seria sua esposa no futuro, Gustavo aceita o convite de alguns amigos para uma noite de farra em um Pub.

Rafaella é bartender, tem os cabelos azuis,
PERIGOSAS ACHERON

braço tatuado e um sorriso capaz de encantar e seduzir quem cruzar seu caminho.

Ele é mal-humorado.

Ela é o antônimo disso.

O que esperar de um romance entre pessoas tão diferentes, mas que se completam de uma maneira perfeita?

Leia

aqui:

<https://goo.gl/KiqZT5>

Redes Sociais

Facebook: https://m.facebook.com/?_rdr

Instagram: <https://www.instagram.com/and>

Wattpad: <https://www.wattpad.com/user/Cr>